

CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DO DESENVOLVIMENTO RURAL
DA REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA

Rosalina Ramos Midlej

Ac 20747
FC00005444-4



DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA RURAL, COMO REQUISITO PARCIAL
PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FORTALEZA-CEARÁ-BRASIL

1991



BUREL SEJTORIAL
 Nº R-764426
 DATA 07/05/91
 DEPTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA

D
 3389
 M53C
 F. 1

Rosalina Ramos Mello

Prof. José de Jesus Sousa Lemos

orientador

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À COMISSÃO DO CURSO DE

POSGRADUACAO EM ECONOMIA RURAL, COMO REQUISITO BÁSICO

PARA OBTENÇÃO DE GRÁU DE MESTRE

EXPERIMENTAL DO BRASIL

Prof. José Almeida Pereira

Prof. Roberto Eládio de Almeida Carvalho



Aos meus avós MANOEL e JULIETA (in memorian), pelo sentido
que deram a minha vida.

Meu reconhecimento.

Aos meus pais, ANTÔNIO e JEANE;
Irmãos, CARLOS, JANETE, ANTÔNIO,
JOSÉ, MANOEL, JOÃO e PATRÍCIA;
Tias, Rose e Janete, pelo amor,
carinho e estímulo.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

À CEPLAC - CEPEC e em especial a Divisão de Socioeconomia, pela oportunidade e incentivo.

Aos professores e demais funcionários do Departamento de Economia Agrícola, particularmente a José de Sousa Lemos, meu orientador de tese, Roberto Cláudio de Almeida Carvalho e José Aluísio Pereira, meus conselheiros, pelo apoio intelectual e amigo que me dispensaram.

Aos colegas de pós-graduação, Silvana Parente Neiva Gondim, Desireé Custódio Mota, Erice Castelo Branco, Rubens Cardoso da Silva, Sônia Maria Mesquita Moura, Lindaura Arouk, Soila Brilhante e Elisabete Rodrigues pelas discussões acadêmicas e nossas amizades.

Aos amigos José Vanglêcio de Aguiar, Regina de Sousa Pessoa, Helena Mendonça Bastos, Josélia Amorim Soares, Paulo Roberto Silva, Gilberto de Sousa Pires e Joaquim Gondim, pelo convívio e amizades.

A Dermivan pelo trabalho paciente de datilografia.

Finalmente, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, me possibilitaram a execução deste trabalho.

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE TABELAS.....	viii
LISTA DE FIGURAS	xi
TABELAS DOS APÊNDICES	xii
RESUMO	xviii
1 - <u>INTRODUÇÃO</u>	1
1.1 - <u>O Problema e sua Importância</u>	1
1.2 - <u>Considerações sobre o Desenvolvimento Econômico e Social</u>	6
1.3 - <u>Objetivos</u>	12
1.3.1 - <u>Geral</u>	12
1.3.2 - <u>Específicos</u>	12
2 - <u>METODOLOGIA</u>	13
2.1 - <u>Área Geográfica</u>	13
2.2 - <u>Origem dos Dados</u>	16
2.3 - <u>Variáveis</u>	17
2.4 - <u>Procedimentos Analíticos</u>	20
2.4.1 - <u>Estatística da distribuição de Gauss "Z"</u>	20
2.4.2 - <u>Estatística de Snedecor (F)</u>	21
2.4.3 - <u>Estatística de quiquadrado (X^2)</u>	21
2.4.4 - <u>Taxa geométrica de crescimento</u>	22
2.4.5 - <u>Função de regressão</u>	23
2.4.6 - <u>Índice de Concentração</u>	25
3 - <u>DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</u>	26
3.1 - <u>Evolução da Produção Agrícola</u>	26
3.1.1 - <u>Segundo o tipo de exploração</u>	26
3.1.2 - <u>A importância do setor agrícola no contexto econômico global</u>	29

3.2 - <u>Fontes de Crescimento do Setor Agrícola</u>	32
3.3 - <u>Renda Interna Líquida a Custo de Fatores do Setor Agrícola</u>	41
3.3.1 - Composição da renda interna líquida a custo de fatores do setor agrícola	41
3.3.2 - Evolução da renda interna líquida a custo de fatores do setor agrícola	43
3.3.3 - Renda interna líquida a custo de fatores "per capita" e média por município	44
3.3.4 - Distribuição da renda interna líquida a custo de fatores do setor agrícola por município ..	45
3.4 - <u>Investimentos</u>	46
3.4.1 - Composição dos investimentos	46
3.4.2 - Evolução dos investimentos	48
3.5 - <u>População</u>	51
3.5.1 - Composição da população segundo sua localização	51
3.5.2 - Evolução da população segundo sua localização	51
3.5.3 - Composição da população por grupos de idade..	53
3.6 - <u>Mão-de-Obra</u>	54
3.6.1 - Composição da mão-de-obra	54
3.6.2 - Evolução da mão-de-obra	56
3.6.3 - Mudanças inter setoriais do emprego	57
3.7 - <u>A Terra na Agricultura</u>	59
3.7.1 - O uso da terra	59
3.7.2 - A distribuição da terra	62
3.7.3 - A posse da terra	64
3.8 - <u>A Formação do Capital</u>	67
3.9 - <u>Outros Indicadores do Grau de Desenvolvimento</u>	70
3.9.1 - O uso de insumos modernos	70
3.9.2 - Mecanização	74
3.9.3 - Irrigação	76

3.9.4 - Acesso à energia elétrica	76
3.9.5 - Associativismo	76
3.9.6 - Armazenagem	77
3.9.7 - Condições habitacionais	78
3.9.8 - Índice de mortalidade	80
3.9.9 - Índice de analfabetismo	81
3.9.10 - Distribuição da renda pessoal	81
4 - <u>CONCLUSÕES E SUGESTÕES</u>	83
4.1 - <u>Conclusões</u>	83
4.2 - <u>Sugestões</u>	88
5 - <u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	89
<u>APÊNDICES</u>	93

LISTA DE TABELAS

TABELA		Página
01	Valor da produção do setor agrícola segundo a exploração em percentagens (%), nas microrregiões selecionadas, 1970/80	27
02	Valor da produção por setor de atividade - agrícola, industrial e serviços - em percentagem (%), nas microrregiões selecionadas, 1970/80	31
03	Taxa geométrica de crescimento do valor da produção por setor de atividade - agrícolas industrial e serviços, nas microrregiões selecionadas, 1970/80	33
04	Fontes e taxas de crescimento da receita agrícola para culturas selecionadas em percentagens na MRH 154 - Cacaueira da Bahia, 1970/87	34
05	Fontes e taxas de crescimento da receita agrícola para culturas selecionadas em percentagens, na MRH 152 - Tabuleiros de Valença, 1970/87	36
06	Fontes e taxas de crescimento da receita agrícola para culturas selecionadas, em percentagens, na MRH 156 - Litoraria do Extremo Sul da Bahia, 1970/87	38
07	Variâncias e médias das produtividades da terra (kgs/ha) de determinadas culturas nas microrregiões selecionadas 1970/87	41

TABELA

Página

08	Distribuição do valor bruto da produção, consumo intermediário e renda interna líquida a custo de fatores em cruzeiros reais (março/86 = 100) e percentagens (%) do setor agrícola nas microrregiões selecionadas 1970/80..	42
09	Distribuição percentual do valor dos investimentos nas microrregiões selecionadas, 1970/80	47
10	Distribuição da população segundo sua localização em números absolutos (A) e relativos (%) nas microrregiões selecionadas 1970/80...	52
11	Pessoal ocupado por categoria no setor agrícola em percentagem (%) nas microrregiões selecionadas, 1970/85	55
12	População economicamente ativa (PEA) por setor de atividade em números absolutos (A) e relativos (%) nas microrregiões selecionadas, 1970/80	58
13	Utilização das terras segundo o tipo de exploração em termos percentuais (%) nas microrregiões selecionadas, 1970/85	60
14	Índice de concentração da terra nas microrregiões selecionadas, 1970/85	65
15	Distribuição do número e área dos estabelecimentos em percentagens (%) segundo a condição do produtor nas microrregiões selecionadas, 1970/85	66
16	Distribuição do estoque de capital por modalidade, em percentagens (%) nas microrregiões selecionadas, 1970/80	69

TABELA

Página

17	Valor reais das despesas com adubos e corretivos, defensivos agrícolas e sementes e mudas por hectare explorado nas microrregiões selecionadas, 1970/80	71
18	Hectares explorados por trator e arado de tração animal e mecânica e área irrigada nas microrregiões selecionadas, 1970/85	75

LISTA DE FIGURAS

FIGURA		Página
01	Localização das microrregiões Tabuleiros de Valença, Cacaueira e Litorânea do Extremo Sul do Estado da Bahia	14

TABELAS DOS APÊNDICES

TABELA		Página
A1	Participação percentual das principais culturas no valor total da produção nas microrregiões selecionadas, 1970/87	95
B1	Valor da produção do setor agrícola segundo a exploração em cruzeiros correntes (Cr\$) nas microrregiões selecionadas, 1970/80	97
B2	Valor da produção do setor agrícola segundo a exploração (em cruzeiros de março/86) nas microrregiões selecionadas, 1970/80	98
B3	Taxa geométrica de crescimento do valor da produção segundo a exploração nas microrregiões selecionadas, 1970/80	99
B4	Valor da produção por setor de atividade - agrícola, industrial e serviços - em cruzeiros correntes (Cr\$) e reais (Cr\$ março/86) nas microrregiões selecionadas, 1970/80	100
C1	Fontes e taxas de crescimento da receita agrícola para culturas selecionadas na MRH 154 - Cacaueira da Bahia, 1970/87	102
C2	Fontes e taxas de crescimento da receita agrícola para culturas selecionadas na MRH 152 - Tabuleiros de Valença, 1970/87	103
C3	Fontes e taxas de crescimento da receita agrícola para culturas selecionadas na MRH 156 - Litorânea do Extremo Sul da Bahia, 1970/87	104

TABELA

Página

D1	Distribuição do valor bruto da produção, consumo intermediário e renda interna líquida a custo de fatores em cruzeiros correntes (Cr\$) do setor agrícola nas microrregiões selecionadas 1970/80	106
D2	Renda interna líquida a c.f. "per capita" (Cr\$/pop. total) e média (Cr\$/município) do setor agrícola nas microrregiões selecionadas, 1970/80	107
D3	Taxa geométrica de crescimento da renda interna líquida a c.f. nas microrregiões selecionadas, 1970/80	108
D4	Variâncias e médias da renda interna líquida "per capita" do setor agrícola nas microrregiões selecionadas, 1970/80	109
D5	Variâncias e médias da renda interna líquida agrícola por município nas microrregiões selecionadas, 1970/80	110
D6	Distribuição da renda interna líquida a c.f. anual real agrícola por municípios em números absolutos (A) em cruzeiros de março de 1986, nas microrregiões selecionadas	111
D7	Distribuição percentual da renda interna líquida a c.f. anual real agrícola dos municípios por estratos em cruzeiros reais (março de 1986), nas microrregiões selecionadas, 1970	112
D8	Distribuição percentual da renda interna líquida anual real agrícola dos municípios por estrato em cruzeiros reais (março de 1986) nas microrregiões selecionadas, 1975	113

TABELA

Página

D9	Distribuição percentual da renda interna líquida anual real agrícola dos municípios por estratos em cruzeiros reais (março de 1986), nas microrregiões selecionadas, 1980	114
E1	Distribuição do valor dos investimentos em cruzeiros correntes nas microrregiões selecionadas, 1970/80	116
E2	Distribuição do valor dos investimentos em cruzeiros reais (março de 1986 = 100) nas microrregiões selecionadas, 1970/80	117
E3	Taxa geométrica de crescimento do valor dos investimentos nas microrregiões selecionadas, 1970/80	118
E4	Relações investimento/renda interna líquida a c.f. agrícola e investimento/hectare explorado nas microrregiões selecionadas, 1970/80..	119
F1	Taxas geométricas de crescimento da população segundo a localização nas microrregiões selecionadas, 1970/80	121
F2	Distribuição da população por grupos de idade em números absolutos (A) e relativos (%) nas microrregiões selecionadas, 1970/80	122
F3	Razão de dependência da população nas microrregiões selecionadas, 1970/80	123
G1	Pessoal ocupado por categoria no setor agrícola em números absolutos (A) nas microrregiões selecionadas, 1970/85	125
G2	Taxa geométrica de crescimento do pessoal ocupado por categoria no setor agrícola nas microrregiões selecionadas, 1970/85	126

TABELA

Página

G3	Taxa geométrica de crescimento da população economicamente ativa (PEA) por setor de atividade nas microrregiões selecionadas, 1970/80	127
G4	Taxa de ocupação da mão-de-obra por setor de atividade nas microrregiões selecionadas, 1970/80	128
H1	Taxa geométrica de crescimento da área destinada as explorações agrícolas nas microrregiões selecionadas, 1970/80	130
H2	Distribuição do número e área de estabelecimentos (em hectares) na MRH 154 - Cacaueira da Bahia, 1970/85	131
H3	Distribuição do número e área de estabelecimentos (em hectare) na MRH 152 - Tabuleiros de Valença, 1970/85	132
H4	Distribuição do número e área de estabelecimentos (em hectare) na MRH 156 - Litorânea no Extremo Sul da Bahia, 1970/85	133
H5	Distribuição do número e área de estabelecimentos, em termos percentuais e índice (base: 1970=100) na MRH 154 - Cacaueira da Bahia, 1970/1985	134
H6	Distribuição do número e área de estabelecimentos em termos percentuais e índice (base: 1970=100) na MRH 152 - Tabuleiros de Valença, 1970/1985	135
H7	Distribuição do número e área de estabelecimentos, em termos percentuais e índice (base: 1970=100) na região Litorânea do Extremo Sul da Bahia, 1970/1985	136

TABELA

Página

I1	Taxa geométrica de crescimento do estoque de capital nas microrregiões selecionadas 1970/80	138
I2	Variâncias e médias do estoque de capital nas microrregiões selecionadas, 1970/80	139
J1	Composição das despesas com a produção agropecuária em percentagens do total (%) nas microrregiões selecionadas, 1970/80	141
J2	Percentagens de estabelecimentos associados às cooperativas e com energia elétrica nas microrregiões selecionadas, 1970/80	142
J3	Número e capacidade dos depósitos para grãos nas microrregiões selecionadas, 1970/80	143
J4	Condição dos domicílios e número de cômodos nas microrregiões selecionadas, 1970/80	144
J5	Condição dos domicílios nas microrregiões selecionadas, 1980	145
J6	Percentagem dos domicílios com instalações sanitárias nas microrregiões selecionadas, 1970/80	146
J7	Percentagem dos domicílios com abastecimentos d'água nas microrregiões selecionadas, 1970/80	147
J8	Percentagem dos domicílios com bens duráveis nas microrregiões selecionadas, 1970/80	148
J9	Índice de mortalidade e analfabetismo nas microrregiões selecionadas, 1970/80	149
L1	Rendimento médio mensal pessoal em números absolutos (A), relativos (%) e acumulado por estratos (em salário mínimo) nas microrregiões selecionadas, 1980	151

TABELA

Página

L2	Índice de concentração da renda nas microrregiões selecionadas, 1980	152
----	--	-----

RESUMO

O processo de desenvolvimento envolve profundas mu
danças nas diversas estruturas econômicas e sociais da economi
nia como um todo e, de cada setor em particular. Assim, em
virtude da grande importância do setor agrícola para a re
gião Cacaueira da Bahia, e principalmente pela sua dependên
cia à apenas um produto, o cacau, sujeito a acentuada insta
bilidade de preços no mercado internacional, torna-se neces
sário o estudo de como essas transformações ocorreram e o im
pacto delas nas condições de vida da maioria da população.

O objetivo deste estudo é identificar o padrão de de
senvolvimento da região Cacaueira da Bahia, determinando a
influência da exploração da monocultura do cacau sobre variá
veis socioeconômicas.

Utilizou-se dados secundários e através de uma análi
se comparativa com grupos de controle (escolheu-se duas re
giões diversificadas) tentou-se verificar as semelhanças e
prováveis diferenças entre uma região monicultora e duas
outras diversificadas. Deste modo, pode-se inferir até que
ponto a exploração da monocultura estará influenciando o pro
cesso de desenvolvimento da região Cacaueira da Bahia.

Os resultados evidenciam a importância da exploração
da monocultura do cacau para o crescimento econômico da re
gião Cacaueira da Bahia. São inquestionáveis as mudanças nas
estruturas da produção, emprego e população. Porém, do ponto
de vista do desenvolvimento social, persistem questões que
levam à deterioração das condições de vida principalmente
da população localizada no meio rural.

1 - INTRODUÇÃO

1.1 - O Problema e sua Importância

Numa região predominantemente agrícola como a Micror região Homogênea 154 (MRH - 154) - Cacaueira da Bahia^{1/}, a agricultura não constitui apenas uma atividade, mas sim a base da organização social e política. Todas as atividades desenvolvidas na região, como a comercialização do conjunto de atividades econômicas, o sistema de crédito, a repartição da renda, o grau de urbanização, mobilidade social, etc, estão diretamente ligados ao regime de propriedade dos recursos naturais e à forma de apropriação do excedente agrícola (FURTADO, 1987).

"Dada a grande importância do setor agrícola para uma região, qualquer progresso ou retrocesso que ocorra nesse setor, representa um impacto ponderável em toda a economia" (PAIVA, 1983, p. 156).

A economia da região cacaueira é bastante dependente do mercado externo e está sujeita a acentuada instabilidade de preços, provocando alterações nos níveis regionais de renda, investimento, emprego e poupança. Em consequência, o crescimento econômico da região não apresenta nenhuma sustentação de continuidade (CEPLAC, 1987).

Para TREVISAN (1989, p. 4) "a estrutura social que tende a caracterizar a agricultura de exportação, corroe as vantagens sociais que este setor poderia gerar. As vantagens políticas conferidas à agricultura de exportação possibilitam um nível maior de capitalização a este setor e, consequen

^{1/}Segundo classificação da Fundação IBGE.

temente, uma estrutura social mais complexa, mais antagônica do que a agricultura voltada para o mercado interno".

Surgem graves conflitos sociais decorrentes, principalmente, do modo como a exploração da atividade cacaueteira avança pela região, conflitos esses, agravados ainda mais pela dependência da região a apenas um produto, o cacau, que se constitui no seu principal sustentáculo. A monocultura, além de trazer desequilíbrios na distribuição anual da força de trabalho, traz também uma dependência financeira do produtor ao êxito ou fracasso de uma única cultura. Outro entrave da monocultura no processo de desenvolvimento é mencionado por FURTADO (1987, p. 241), "o sistema de monocultura é, por natureza antagônico a todo processo de industrialização. Mesmo que, em casos especiais, constitua uma forma racional (do ponto de vista econômico) de utilização dos recursos da terra, a monocultura só é compatível com um alto nível de renda "per capita" quando a densidade demográfica é relativamente baixa".

A diversificação de atividades constitui uma alternativa para se atingir os objetivos do desenvolvimento. A diversificação das atividades agrícolas, teria o objetivo de se conseguir uma auto-suficiência por parte das propriedades, em termos de produção, através da utilização mais adequada dos recursos disponíveis, como pela utilização do potencial de mão-de-obra, evitando o desemprego estacional e na redução dos riscos causados por preços desfavoráveis (WEITZ, 1979).

"Apesar dos êxitos alcançados pela Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira - CEPLAC^{2/}, a prosperidade resultante da modernização da lavoura cacaueteira ou do esforço tecnológico por ela induzido, beneficiou em maior grau os

^{2/}A CEPLAC foi criada em 1957 com o objetivo de aumentar a produção e produtividade do cacau. Assim, toda a sua ação foi canalizada principalmente para atender aos grandes e médios produtores, perpetuando as relações existentes de subordinação do trabalho ao capital e à desigualdade na distribuição da renda na região.

produtores de cacau, as firmas dominantes de exportação, as grandes entidades de porte multinacional, os bancos, etc. Parte da poupança gerada pela economia cacauceira, sob o estímulo da CEPLAC, não tem melhorado e nem diversificado a capacidade produtiva regional, além de não ter sido razoavelmente acompanhada de marcantes atividades de manufatura, industrialização, reinvestimento, crescimento do mercado regional, etc" (CEPLAC, 1987, p. 19).

Segundo BAIARDI (1984), na região cacauceira a predominância do capitalismo não desenvolvido e dependente decorre, principalmente, por ter proporcionado à maioria da população, baixos níveis de vida e um reduzido acesso à modernização da lavoura. A sua dinâmica é bastante linear e até mesmo ingênua sob a expectativa de que o uso de tecnologia moderna poderá de início, conduzir ao desenvolvimento agrícola. Porém, sabe-se que o problema da região não é apenas tecnológico. O problema consiste na não vinculação, ao nível desejado, das pequenas propriedades, às transformações mais amplas. As modificações da economia cacauceira foram no sentido de fortalecer a concentração de capital e de renda já existentes mesmo antes da CEPLAC, e deste modo tornou os pequenos proprietários muito mais vulneráveis. Essa concentração reflete-se predominantemente sobre os níveis insatisfatórios de infra-estrutura de educação e de saúde, que acen-tuam essa vulnerabilidade.

As transformações da agricultura devem estar associadas às soluções dos problemas econômicos e sociais, para que o desenvolvimento ocorra, trazendo melhores condições de vida à maioria da população.

A existência das questões sociais na região cacauceira é evidenciada por TREVISAN (1983), quando afirma que estão associadas com a posse da terra, de um lado os grandes proprietários agrícolas, tendo o cacau como produto dominante, e de outro, a maioria da população formada por pequenos assalariados rurais e pequenos proprietários agrícolas.

O sistema de cooperativismo também colocou os pequenos proprietários à margem do processo de "desenvolvimento capitalista", embora tenha desempenhado um importante papel, não alcançou os pequenos proprietários.

O sistema produtivo de uma monocultura intensiva em capital leva a desenvolver-se no campo relações produtivas bastante adversas, restringindo o acesso à maioria da população de melhores padrões alimentares, saúde, habitação, educação, emprego, lazer, etc, criando dificuldades para o atingimento dos objetivos do desenvolvimento. Por outro lado, a contribuição do setor agrícola para o desenvolvimento de uma região, está diretamente relacionado ao seu desempenho. Quanto mais estável for o seu desempenho, tanto mais rapidamente serão atingidos os objetivos do desenvolvimento. Portanto, é fundamental uma organização adequada das atividades agrícolas, visando a utilização mais racional de todos os recursos disponíveis.

De acordo com BAIARDI (1984), a concentração da terra na região Cacaueira durante o período de 1950-75 não se alterou, persistindo o alto grau de concentração observada em períodos anteriores. Noventa por cento dos estabelecimentos controlam menos de 40% da área. No mesmo período houve uma substituição da força-de-trabalho animal pela mecânica e um aumento bastante expressivo na utilização de insumos modernos (fertilizantes e defensivos, principalmente). Neste mesmo estudo fica evidente que as cooperativas de comercialização detêm 30% dos estabelecimentos como associados, em sua maioria com mais de 100 hectares. O trabalho conclui afirmando que embora sejam significativos os aumentos de produção e produtividade, em contrapartida, ocorreu uma concentração da riqueza e uma redução do salário real, mesmo com elevações nas cotações do preço do cacau durante o mesmo período.

As oportunidades de emprego na região Cacaueira são insuficientes e caracterizadas pela baixa produtividade e pelas sub-remunerações. A concentração da renda constitui um dos traços mais marcantes do sistema produtivo do cacau. O aumento do lucro se traduz em salário real cada vez menos pa

ra a grande massa de assalariados. A industrialização emergente do cacau, por sua localização, sobretudo urbana, e de caráter capital-intensivo voltada para o mercado externo, não propiciou impactos capazes de transformar as relações sociais de produção em benefício para a grande maioria da população.

Assim, o crescimento econômico não foi acompanhado da reversão da tendência da extrema concentração da renda, característica da estrutura sócio-econômica da região cacau eira.

Em virtude do baixo nível da qualidade de vida da maioria da população da região cacaueira da Bahia, é importante salientar a direção das transformações da economia regional, que deveriam estar associadas à solução dos problemas econômicos e sociais. A região conta com excelentes recursos naturais e uma cultura que, muito embora tenha se mostrado promissora, não foi suficiente para dar início ao processo de desenvolvimento.

Muito embora na década de 70 a região tenha tido um grande progresso econômico, marcado por grandes aumentos de produção, produtividade e valores gerados com as exportações de cacau, que tiveram nessa época uma conjuntura de preços altamente favoráveis no mercado internacional, contudo, tal progresso não foi acompanhado de melhorias significativas nas condições e qualidade de vida da maioria da população, não conseguiu reduzir a mortalidade infantil, eliminar ou diminuir o índice de analfabetismo, melhorar os padrões alimentares e nem impulsionar programas de construção de habitações (GASPARETTO, 1988).

O cacau, como fator importante da economia regional, deveria ser, por outro lado, o instrumento que proporcionaria não só os meios para impulsionar o desenvolvimento do setor agrícola mas, o aperfeiçoamento também dos outros setores.

Supõe-se que a exploração da monocultura afete o padrão de desenvolvimento da região Cacaueira, levando a uma

forte concentração da terra e da renda; e a baixos níveis de nutrição, saneamento, saúde, emprego, educação, elevado índice de mortalidade infantil e de analfabetismo.

Questiona-se, portanto, o porquê do baixo nível da qualidade de vida da maioria da população da região cacaueira da Bahia, a despeito do elevado índice de crescimento do volume de riqueza.

1.2 - Considerações sobre o Desenvolvimento Econômico e So- cial

As transformações estruturais constituem um dos prérequisitos mais importantes no processo de desenvolvimento econômico. Segundo JOHNSTON & KILBY (1977), é através das transformações estruturais que se analisa o crescimento da economia geral esclarecendo alguns fatores decisivos que determinam a velocidade e a direção do desenvolvimento. Para BRUTON (1969, p. 41), "os parâmetros estruturais emergem em um complexo de características sociais e econômicas, e afetam de maneira evidente as variações do sistema, assim como a extensão e fonte de sua estabilidade".

WEITZ (1978), salienta a importância das transformações estruturais, afirmando que o desenvolvimento envolve mudanças nas estruturas econômica, social, política e física, afetando o sistema de valores e modo de vida de toda a população de uma nação. Algumas dessas mudanças são essenciais ao processo de desenvolvimento, outras ocorrem concomitante ou como resultado do desencadeamento do processo.

Posição semelhante à de WEITZ é a defendida por LEITE (1983), quando se refere à importância das transformações estruturais, acrescentando que elas devem ocorrer concomitantemente em todos os setores econômicos, ao mesmo tempo, impulsionando o crescimento e atendendo aos objetivos de melhoria da qualidade de vida da população como um todo. O desenvolvimento só terá lugar quando envolver profundas mudanças em to

da a estrutura econômica e social, isto é, mudanças na produção, na demanda, no emprego e melhorias na distribuição da renda. Uma consequência do desenvolvimento é a criação de uma economia mais diversificada, com os setores econômicos se tornando mais interdependentes, suprindo de matérias-primas e de expansão de mercado para a produção gerada. Por outro lado durante o processo de desenvolvimento ocorre um decréscimo da participação relativa da agricultura na formação do produto nacional bruto e um aumento do nível de renda "per capita". Consequentemente a participação relativa dos demais setores (indústria e serviços) tende a ascender. A mão-de-obra do setor agrícola desloca-se para atividades não agrícolas, a população rural migra para as cidades, dando origem ao fenômeno da urbanização.

Para PAIVA (1976), a perda de importância relativa da agricultura, em termos de renda produzida e da população total empregada, deve-se a razões econômicas, sendo uma das prováveis causas a inelasticidade-renda que prevalece na procura de alimentos.

TODARO (1981, p. 166), sugere que "(...) o desenvolvimento econômico envolve mudanças em estruturas, valores e instituições, bem como a aceleração do crescimento econômico, a redução das desigualdades e a erradicação da pobreza absoluta. Em essência o desenvolvimento deve representar uma completa gama de mudanças através das quais um sistema social completo adaptado às diversas necessidades e desejos básicos dos indivíduos e grupos sociais dentro deste sistema, afasta-se de uma condição de vida insatisfatória, indo em direção a uma condição de vida considerada "melhor" material e espiritualmente. Salienta três aspectos importantes, a saber: a) aumento do nível de vida da população - isto é, sua renda e níveis de consumo de alimentos, saúde, educação, etc. - através de processos de crescimento econômico relevantes; b) criação de condições que contribuam para o aumento do auto-respeito da população através do estabelecimento de sistemas econômicos, políticos, sociais e institucionais que garan

tam a dignidade e o respeito humano; c) o aumento da liberdade de escolha da população através da ampliação de sua gama de variáveis de opção".

Portanto, o objetivo principal do desenvolvimento é a melhoria da qualidade de vida da maioria da população. Como afirma LEITE (1983, p. 18) "(...) oferecer à população pobre condições para a satisfação das suas necessidades básicas, permitindo o aumento do lazer, oferecer a possibilidade de práticas humanitárias e de facultar aos indivíduos o exercício de uma função dignificante dentro da sociedade em que vivem".

O aumento da produtividade do sistema econômico como um todo é um pré-requisito essencial para o desenvolvimento, juntamente com o aumento da renda "per capita", aumento esse determinado a partir do crescimento dos setores econômicos individuais, levando às transformações das formas de produção e distribuição da renda (FURTADO, 1987).

Para muitos autores, entre eles HAYAMI & RUTTAN (1988), é fundamental o crescimento agrícola para o processo de desenvolvimento. Sua contribuição está diretamente relacionada à taxa de crescimento da produtividade agrícola. Como escreveu LEITE (1983), o aumento da produtividade agrícola se constitui numa condição essencial tanto para o crescimento dos demais setores (indústria e serviços) como pela necessidade de ampliação dos mercados internos, pelo fornecimento de matéria-prima e alimentos mais baratos. Portanto, uma baixa produtividade no setor agrícola repercutirá negativamente nos outros setores econômicos.

Para atingir os objetivos do desenvolvimento é necessário um aumento contínuo do produto, conjuntamente com políticas voltadas para as melhorias sociais. É importante salientar que para se avaliar o grau de desenvolvimento de um país além de analisar o nível de crescimento da renda total, deve-se atentar para a distribuição pela população desse crescimento (PAIVA, 1983).

Analisando o desempenho do setor agrícola brasileiro nos últimos anos, SCHUH (1971) e BRUM (1986), concluíram que muito embora tenha-se retomado a consciência da importância da agricultura no desenvolvimento global da economia, relativamente pouca atenção tem sido dispensada pelos governos ao setor agrícola. A prioridade do crescimento da agricultura não era pertinente ao próprio setor, muito menos ao produtor ou à totalidade da população agrícola, no sentido de fornecer melhores condições de vida, mas sim à economia como um todo, na busca do equilíbrio das contas externas, para o setor exportador, para a grande indústria de insumos modernos e de transformação, para o setor financeiro e para uma minoria de grandes proprietários.

Antes da década de quarenta, o Brasil cresceu em decorrência de uma série de períodos de valorização alta e repentina nos preços dos produtos básicos para a exportação, seguindo idéias sugeridas pelo modelo de "matéria-prima" e excedente exportável. O crescimento econômico foi marcado por períodos de prosperidade em resposta à exportação de determinados produtos, na maioria agrícolas, e de depressão, resultante, em sua maior parte, da perda de competitividade de mercado, decorrente, principalmente, das condições econômicas não favoráveis à modernização da agricultura. Tanto os preços dos insumos como dos produtos são desfavoráveis à modernização. Os preços dos insumos modernos são elevados se comparados aos preços dos produtos exportados, enquanto os insumos tradicionais são relativamente baratos (SCHUH, 1971).

Segundo BRUTON (1969), existe uma diversidade de taxas de crescimento entre os vários setores econômicos, constituindo num dos pontos mais marcantes do desenvolvimento. Essa diversidade impõe ajustamentos na alocação dos recursos entre os setores. Relevante também é o impacto que estas taxas diferenciais causam sobre a produtividade e a renda.

O setor agrícola fornece alimentos e matéria prima para os setores não agrícolas e, por sua vez, o desenvolvimento agrícola requer oferta eficiente de insumos modernos

(como máquinas agrícolas, fertilizantes, defensivos, etc.) produzidos pelo setor industrial.

EISENHOWER citado por LEITE (1983, p. 95), destaca que, "o desenvolvimento rural requer mais do que pesquisa, mais do que educação, mais do que crédito e produção melhora da. Requer também bons transportes, serviços sanitários e um conjunto de outros fatores, que incluem um desenvolvimento industrial gradual dentro das zonas agrícolas. Esse desenvolvimento proporcionará além dos insumos necessários à modernização agrícola, emprego à população agrícola excedente".

O grau de modernização da agricultura dependerá tanto da qualificação dos agricultores (conhecimentos técnicos, disponibilidade de recursos, etc.) como da relação de preços existentes entre produtos e fatores modernos e tradicionais (mão-de-obra e terra), políticas de governo e, em parte do crescimento dos setores não agrícolas. As restrições institucionais constituem-se no principal impedimento à modernização da agricultura.

À medida em que a agricultura se moderniza, libera um contingente de mão-de-obra e de produtos. É necessário que os demais setores estejam em condições de absorver tanto a mão-de-obra como o excedente de produção.

"Uma fonte de desequilíbrio crescente na agricultura mundial tem sido a má alocação de recursos, resultante de políticas de desenvolvimento industrial adotadas pelos países em desenvolvimento. Essas políticas com frequência, têm sido adotadas desconsiderando a disponibilidade de fatores, e têm frequentemente, refletido uma combinação de preconceitos ideológicos, por parte da elite política, e do processo analítico, por parte de planejadores do desenvolvimento" (HAYAMI & RUTTAN, 1988, p. 440).

Tornam-se necessárias mudanças na implementação dos programas de desenvolvimento, tais programas devem englobar as atividades com tecnologias e objetivos bem definidos, muito abrangentes, no sentido de dar acesso à população rural de melhores condições de vida, utilizando os recursos materiais e humanos disponíveis.

Os governos servem de desestimuladores do desenvolvimento, quando através de políticas de crédito altamente concentradoras, beneficiam apenas os grandes e médios agricultores, enquanto que os pequenos permanecem à margem do processo.

No Nordeste, a agricultura apresenta um desenvolvimento diferenciado, a depender da direção do processo de crescimento, servindo principalmente para manter as relações (atrasadas) existentes do que para provocar mudanças na estrutura produtiva (CARVALHO, 1985).

Para MAGALHÃES et alii (1988), no período entre 1960-1980, o Nordeste teve um baixo desempenho atribuído principalmente às questões estruturais de produção agrícola e ao maior crescimento do setor industrial, decorrente dos incentivos recebidos por este setor.

De acordo com estatísticas recentes, sabe-se que, do total de pessoas pobres no Brasil ligadas à agricultura, 50% estão no Nordeste, constituindo um dos pontos de estrangulamento, devido ao baixo nível de escolaridade, alto índice de desnutrição, decorrentes principalmente da distribuição desigual da terra e da renda. Os baixos níveis de renda e de salário inibem perspectivas de melhores condições de vida para esta população que, em geral, vive em péssimas condições de habitação, alimentação, saúde, saneamento, etc. Os baixos níveis de capitalização decorrem da baixa produtividade do setor e da elevada oferta de mão-de-obra não especializada (CARVALHO, 1985).

Segundo LEITE (1986), a atividade agrícola nordestina nas últimas décadas, alcançou altas taxas de crescimento do produto, geração de divisas e construção de obras públicas e infra-estrutura física. Entretanto, a região continua com graves problemas sociais e atraso econômico.

O crescimento da renda "per capita" é fundamental para o processo de desenvolvimento econômico, principalmente no que se refere à origem desse crescimento, se ocorreu por conta de aumento do conhecimento técnico, ou da melhoria da

qualidade da mão-de-obra, ou das mudanças nas características de ambiente que afetam a produtividade do capital e da mão-de-obra. Muito mais importante, entretanto, é a distribuição do crescimento da renda pela população.

1.3 - Objetivos

1.3.1 - Geral

Identificar o padrão de desenvolvimento da região Cacaueira da Bahia, determinando a influência da exploração da monocultura do cacau, sobre variáveis sócioeconômicas em confronto com regiões de agricultura diversificada.

1.3.2 - Específicas

(a) Analisar as transformações nas estruturas econômicas e sociais, na MRH - 154 - Cacaueira da Bahia e nas MRHs - 152 e 156 respectivamente, Tabuleiros de Valença e Litorânea do Extremo Sul da Bahia;

(b) estimar os índices e as fontes de crescimento da receita agrícola;

(c) identificar o grau de concentração fundiária e sua provável influência no processo de desenvolvimento econômico.

2 - METODOLOGIA

A metodologia baseou-se principalmente numa análise comparativa com grupos de controle tentando-se verificar as semelhanças e prováveis diferenças entre uma região monocultora e outras duas diversificadas. O método comparativo foi realizado através do estudo de variáveis econômicas e sociais pertinentes às três regiões, sempre confrontando a monocultora "versus" as diversificadas.

2.1 - Área Geográfica

A pesquisa foi desenvolvida através do levantamento de informações secundárias e pertinentes a todos os municípios que compõem as Microrregiões Homogêneas Cacaueira da Bahia, Tabuleiros de Valença e Litorânea do Extremo Sul da Bahia, respectivamente MRH - 154 (Cacaueira), MRH - 152 (Tabuleiros) e MRH - 156 (Litorânea).

As microrregiões Tabuleiros de Valença e Litorânea do Extremo Sul da Bahia foram utilizadas como grupos de controle, para efeito de comparação, entre uma região monocultora (MRH - 154) e outras duas diversificadas (MRH - 152 e 156).

A escolha das duas microrregiões (MRH - 152 e 156) foi determinada por apresentarem condições edafo-climáticas bastante semelhantes às das MRH - 154, dada a situação geográfica litorânea, formando as três uma área contínua, com a MRH - 154 equidistante das demais numa mesma proporção, como pode ser visualizado na FIGURA 01. Levou-se em conta também



FIGURA 01 - Localização das microrregiões Tabuleiros de Valença, Cacaueira e Litorânea do Extremo Sul do Estado da Bahia.

os índices de diversificação^{3/} fornecidos pela Divisão de Acompanhamento Conjuntural da CEPLAC - ACONJ. Como o objetivo deste trabalho é determinar a influência de uma atividade monocultura no padrão de desenvolvimento da região cacaeira, levantou-se informações adicionais de regiões consideradas como diversificadas para, através de uma confrontação entre as duas situações, de um lado uma região monocultora e de outro duas outras regiões diversificadas, comprovar ou refutar as hipóteses pré-estabelecidas.

O índice de diversificação sugere que, para $ID = 1$, tem-se que 100% do valor da produção da região considerada é obtida com uma única cultura ou criação, determinando a característica do sistema de especialização. Quanto mais o índice se afasta da unidade, mais a característica do sistema diversificado se configura. Como pode ser observado na TABELA A₁ do ANEXO A, na região Cacaueira, 86,33% da área cultivada está com cacau, contribuindo com 86,06% do valor de produção total. Na região Tabuleiros de Valença ocorre uma distribuição mais equitativa entre os principais produtos, sendo o cacau responsável por 49,23% da área cultivada e por 40,09% do valor total de produção. Na região Litorânea se observa também uma distribuição equilibrada, destacando os produtos como mandioca, cacau, feijão, cana-de-açúcar e mamão.

A MRH 154 - Cacaueira da Bahia é composta de 28 municípios: Almadina, Aurelino Leal, Barra do Rocha, Belmonte, Buerarema, Canavieiras, Coaraci, Candú, Gongogi, Ibicaraí, Ibirataia, Ilhéus, Ipiaú, Itabuna, Itacaré, Itajuípe, Itamarí, Itapitanga, Teolândia, Ubaitaba, Ubatã, Una Uruçuca e Wenceslau Guimarães. Possui uma área total de 17.091km², uma população total em 1980 de 826.762 habitantes, da qual 55%

^{3/}

$ID = \frac{1}{\sum x_i^2}$, onde x_i é a participação percentual de cada cultura ou criação no valor de produção. ID varia de 1 a mais infinito.

Os índices de diversificação fornecidos pela Divisão de ACONJ são de respectivamente: 1.29, 3.01 e 4.01 para a MRH - 154, MRH - 152 e MRH - 156.

estava na zona urbana e 45% na rural. Do total da área do setor primário (1.424.959ha) 36% são constituídos de culturas permanentes e destes 60% com cacau. Do total de produção de cacau (para as três microrregiões) a Cacaueira contribui com 88%. Do total de pessoas ocupadas, 53% estavam na agricultura.

A MRH 152 - Tabuleiros de Valença compreende 8 municípios: Cairú, Camamu, Ibirapitanga, Ituberá, Maraú, Nilo Peçanha, Taperoá e Valença. Possui uma área total de 6.245km², uma população total em 1980 de 195.775 habitantes, dos quais 34% estavam na zona urbana e 66% na rural. Do total de área do setor primário (481.540ha) 27% estão com culturas permanentes, dos quais, 22% com cacau. A contribuição na produção total de cacau das três microrregiões é de 10%. Possui 72% das pessoas ocupadas, efetivamente trabalhando na agricultura.

A MRH 156 - Litorânea do Extremo Sul da Bahia com 7 municípios: Alcobaça, Caravelas, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado e Santa Cruz de Cabrália. Ocupa uma área total de 17.421km² e uma população estimada em 1980 de 240.110 habitantes, dos quais 85% estavam na zona rural e apenas 15% na urbana. Do total da área do setor primário (973.262ha) apenas 3% estavam com lavouras permanentes, dos quais 20% com cacau. Contribui para a produção total de cacau entre as três microrregiões com 2%. A população ocupada na agricultura correspondia a 50% do total em 1980.

2.2 - Origem dos Dados

Foram utilizadas informações de origem secundária dos Censos Agropecuários de 1970, 1975, 1980 e tabulações especiais para 1985, dos Censos Demográficos de 1970 e 1980 e da Produção Agrícola Municipal de 1970 a 1987.

2.3 - Variáveis

As variáveis que foram analisadas englobando os muni
cípios das microrregiões, são as seguintes:

X1 = Valor da produção agrícola das principais ati
vidades e culturas, medido em cruzeiros correntes e reais de
março de 1986;

X2 = valor bruto da produção total por setor econômi
co (agrícola, industrial e de serviços) em cruzeiros corren
tes e reais de março de 1986;

X3 = percentagem do valor bruto de produção por se
tor econômico;

X4 = área das principais culturas em hectares;

X5 = produtividade das principais culturas agrícolas
em kg/ha, tonelada/ha, mil frutos/ha e cachos/ha;

X6 = preços das principais culturas agrícolas em cru
zeiros reais/kg, cruzeiros reais/tonelada, cruzeiros reais/mil
frutos e cruzeiros reais/cachos;

X7 = produção das principais culturas agrícolas em
kg, tonelada, mil frutos e cachos;

X8 = valor do consumo intermediário (valor das despe
sas com: adubos e corretivos, sementes e mudas, defensivos,
medicamentos e alimentação para animais, aluguel de máqui
nas, transporte da produção e outras despesas) em cruzeiros
correntes e reais de março de 1986;

X9 = renda interna líquida a custo de fatores gerada
no setor agrícola (valor bruto da produção agrícola menos o
consumo intermediário) em cruzeiros correntes e reais de mar
ço de 1986;

X10 = renda interna líquida a custo de fatores média
(por município) e "per capita" do setor agrícola;

X11 = percentagem do valor dos investimentos por ca
tegoria;

X12 = valor total dos investimentos em cruzeiros correntes e reais de março de 1986;

X13 = valor dos investimentos por renda bruta agrícola;

X14 = valor dos investimentos por hectare de área explorada em cruzeiros reais/ha explorado;

X15 = percentagem da população total por situação de domicílio (urbano ou rural);

X16 = taxa de urbanização medida através da relação;

$$\text{taxa de urbanização} = \frac{\text{população urbana}}{\text{população total}} \times 100$$

X17 = composição da população total por grupos de idade em percentagem;

X18 = razão de dependência, caracterizada pela relação entre as pessoas que não podem trabalhar e as que podem:

$$\text{razão de dependência} = \frac{\text{pessoas com } -15 \text{ e } + 60 \text{ anos}}{\text{Total de pessoas de 15 a 60 anos}} \times 100$$

X19 = percentagem do número de pessoas ocupadas por setor de atividade (agrícola, industrial e de serviços);

X20 = percentagem do número de pessoas ocupadas em emprego permanente, temporário, familiar e parceria;

X21 = percentagem da área ocupada com os principais tipos de exploração;

X22 = percentagem da área por estratos em hectares segundo o tamanho;

X23 = percentagem dos estabelecimentos agrícolas;

X24 = percentagem da área dos estabelecimentos explorados por proprietários, arrendatários, parceiros ou ocupantes;

X25 = percentagem do capital distribuído por modalidade (terras, prédios residenciais, instalação e outras benfeitorias, etc.);

X26 = valor das despesas com adubos e corretivos por hectare explorado em cruzeiros reais de 1986/ha explorado;

X27 = valor das despesas com defensivos agrícolas por hectare explorado, em cruzeiros reais de 1986 por ha explorado;

X28 = valor das despesas com sementes e mudas por hectare explorado, em cruzeiros reais de 1986/ha explorado;

X29 = hectares explorados por trator;

X30 = hectares explorados por arado de tração animal;

X31 = hectares explorados por arado de tração mecânica;

X32 = área irrigada em hectares;

X33 = percentagem de área irrigada com relação ao total de área explorada;

X34 = percentagem dos estabelecimentos agrícolas associados à cooperativas;

X35 = percentagem dos estabelecimentos agrícolas que consomem energia elétrica;

X36 = valor da energia elétrica consumida pelos estabelecimentos agrícolas em KWH;

X37 = número total de depósitos para grãos;

X38 = capacidade dos depósitos para grãos em m³;

X39 = percentagem dos domicílios totais segundo sua condição de habitação (duráveis, rústicos e improvisados);

X40 = percentagem dos cômodos de um domicílio servindo de dormitório;

X41 = número de cômodos por domicílio;

X42 = número de moradores por cômodo;

X43 = percentagem dos domicílios segundo sua localização (urbana ou rural);

X44 = percentagem dos domicílios com instalação sanitária;

X45 = percentagem dos domicílios com abastecimento d'água;

X46 = percentagem dos domicílios com bens duráveis (rádio, geladeira, televisão, etc.);

X47 = índice de analfabetismo medido através do total de pessoas que não sabem ler em relação à população global;

X48 = índice de mortalidade levantado através da relação de filhos nascidos e filhos vivos.

2.4 - Procedimentos Analíticos

Os procedimentos de análise utilizados na determinação das interrelações entre as variáveis foram os seguintes:

2.4.1 - Estatística da distribuição de Gauss (Z)

Tentou-se identificar a existência de diferenças entre as médias de variáveis correspondentes aos indicadores econômicos. A fórmula utilizada foi a seguinte: (SPIEGEL, 1974)

$$Z = \frac{\bar{x}_{ri} - \bar{x}_{rj}}{\sqrt{\frac{\sigma_{ri}^2}{n_{ri}} + \frac{\sigma_{rj}^2}{n_{rj}}}}$$

onde:

Z = valor da normal padronizada;

\bar{x}_{ri} ; \bar{x}_{rj} = médias das variáveis nas microrregiões ri e rj;

σ_{ri}^2 ; σ_{rj}^2 = variâncias das variáveis nas microrregiões ri e rj;

n_{ri} ; n_{rj} = número de município das microrregiões r_i e r_j .

2.4.2 - Estatística de Snedecor (F)

A estatística de Snedecor foi utilizada na complementação da análise de diferença das médias, para verificar as prováveis diferenças entre as variâncias das variáveis correspondentes aos indicadores econômicos. A fórmula empregada foi a seguinte (SPIEGEL, 1974)

$$F = \frac{S_{ri}^2}{S_{rj}^2} \frac{(n_{ri} - 1)}{(n_{rj} - 1)}$$

na qual as variáveis foram arranjadas de tal forma que:

$$S_{ri}^2 / S_{rj}^2 > 1; \quad i, j = 1, 2.$$

onde:

F = valor da estatística de Snedecor;

S_{ri}^2 ; S_{rj}^2 = variâncias das variáveis para as microrregiões r_i e r_j .

2.4.3 - Estatística de quiquadrado (χ^2)

Utilizada para atender ao objetivo a, testando a independência entre variáveis de alguns indicadores econômicos e sociais nas microrregiões. A fórmula utilizada foi a seguinte: (BUSSAB & MORETTIN, 1986)

$$\chi_v^2 = \sum_{w=1}^h \sum_{y=1}^k \frac{(O_{wy} - E_{wy})^2}{E_{wy}}$$

onde:

χ_v^2 = estatística de qui-quadrado com v graus de liberdade;

h = número de linhas do corpo da tabela;

k = número de colunas do corpo da tabela;

O_{wy} = frequência observada na interseção da linha w com a coluna y ;

E_{wy} = frequência esperada na interseção da linha w com a coluna y .

2.4.4 - Taxa geométrica de crescimento

A taxa geométrica de crescimento atendeu aos objetivos a e b. Utilizou-se para praticamente todas as variáveis, verificando-se a tendência registrada pela equação:

$$V_n = V_o (1 + r)^n$$

logaritimizando e explicitando em r teremos:

$$r = \text{antilog} \left[\left(\frac{\ln V_n - \ln V_o}{n} \right) \right] - 1$$

na qual:

V_n = valor da variável no período considerado;

V_o = valor da variável no período inicial;

r = taxa geométrica de crescimento dessa variável;

n = número de anos.

2.4.5 - Função de regressão

A função de regressão foi utilizada na determinação das fontes de crescimento. Através dos procedimentos abaixo, tentou-se determinar se o aumento na receita agrícola de cada atividade relevante foi decorrente do crescimento da produtividade, da expansão da área cultivada ou do aumento do preço real, atendendo ao objetivo b; (LEMOS, 1980).

O valor da receita (Y) corresponde a quantidade produzida (Q) multiplicada pelo preço (P), logo:

$$Y_{jr} = P_{jr} Q_{jr} \quad (1)$$

Por outro lado a quantidade produzida dependerá por sua vez da maneira como os fatores de produção (mão-de-obra, insumos, etc) foram combinados e da área cultivada:

$$Q_{jr} = \Pi_{jr} A_{jr} \quad (2)$$

onde Π é a produtividade da terra e A a área cultivada.

Substituindo (2) em (1) teremos:

$$Y_{jr} = P_{jr} \Pi_{jr} A_{jr} \quad (3)$$

logaritimizando (3) na base natural, temos:

$$\ln Y_{jr} = \ln P_{jr} + \ln \Pi_{jr} + \ln A_{jr}$$

derivando a expressão acima com relação ao tempo:

$$\frac{d \ln Y_{jr}}{dt} = \frac{d \ln P_{jr}}{dt} + \frac{d \ln \Pi_{jr}}{dt} + \frac{d \ln A_{jr}}{dt}$$

$$\dot{Y}_{jr} = \dot{P}_{jr} + \dot{\Pi}_{jr} + \dot{A}_{jr}$$

Cresci- mento da re- ceita	Efeito preço	Efeito produ- tividade	Efeito área
-------------------------------------	-----------------	------------------------------	----------------

onde:

\dot{Y}_{jr} = taxa de crescimento do valor da receita da cultura j na microrregião r ;

\dot{P}_{jr} = taxa de crescimento do preço real da cultura j na microrregião r ;

$\dot{\Pi}_{jr}$ = taxa de crescimento da produtividade da terra da cultura j na microrregião r ;

\dot{A}_{jr} = taxa de crescimento da área cultivada da cultura j na microrregião r .

As taxas de crescimento foram estimadas de acordo com a equação:

$$X_i = \alpha_0 e^{\rho t}$$

logaritizando na base natural, temos:

$$\ln X_i = \ln \alpha_0 + \rho t$$

derivando a equação acima com relação ao tempo, teremos:

$$\frac{d \ln X_i}{dt} = \rho$$

onde:

X_i = tanto pode ser o valor da receita, produtividade, preço real como a área cultivada;

ρ = taxa anual de crescimento associada a X_i .

2.4.6 - Índice de concentração

O índice de concentração de Gini foi utilizado para determinar a concentração da terra e da renda atendendo ao objetivo c através da fórmula: (FIBGE, 1984)

$$Gf = 1 - \sum_{i=1}^n (Y_i + Y_{i-1}) (X_i - X_{i-1})$$

onde:

Gf = índice de Gini;

X_i = percentagem acumulada da população até o estrato i ;

Y_i = percentagem acumulada da renda ou terra até o estrato i ;

n = número de estratos.

Para contornar a subestimação da concentração imbutida na equação acima, adotou-se a correção abaixo. Nesse caso leva-se em consideração a existência de desigualdade no interior de cada estrato (FIBGE, 1984).

$$G = Gf + \frac{1}{\bar{Y}} \sum_{i=1}^n n_1^2 \frac{(\bar{Y}_i - L_i)(P_i - \bar{Y}_i)}{P_i - L_i}$$

onde:

G = índice de Gini;

\bar{Y} = tanto pode ser a renda média global, como a área média global;

\bar{Y}_i = tanto pode ser a renda média do estrato i , como a área média do estrato i ;

L_i = limite inferior do estrato i ;

P_i = limite superior do estrato i ;

n_i = percentagem da população no estrato i .

3 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão analisados os resultados obtidos para atender aos objetivos propostos. Inicialmente serão observadas as mudanças nas estruturas de produção, renda, investimento, população, mão-de-obra, terra, capital e as ocorridas nos indicadores das condições sociais, dando ênfase ao papel dessas mudanças no padrão de desenvolvimento, bem como as prováveis diferenças entre as microrregiões.

3.1 - Evolução da Produção Agrícola

Dois aspectos são fundamentais para se ter uma idéia de como se deu a evolução da produção agrícola. Primeiro, o desempenho da agricultura por si só, isto é, quais os tipos de exploração pertinentes a cada região e como se comportaram no decorrer do período estudado, e em seguida o desempenho da agricultura em confronto com os setores industrial e de serviços.

3.1.1 - Segundo o tipo de exploração

Um ponto importante na composição do tipo de exploração da agricultura pode ser evidenciado através dos resultados apresentados na TABELA 01. Conforme se observa existem diferenças substanciais na composição do valor da produção entre as regiões, principalmente entre a região Cacaueira e a Litorânea do Extremo Sul da Bahia. O teste do χ^2 endossa esta afirmativa, revelando existirem relações de dependência entre o tipo de exploração e a região Cacaueira no confronto com a Tabuleiros e Litorânea. Estas evidências mostram a im

TABELA 01 - Valor da produção do setor agrícola segundo a exploração em percentagens (%), nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHs	Tipo de Exploração	Valor da Produção em Percentagens (%)										X ² *	
		Vegetal					Animal						Total
		Lavouras		Extrativos/ Horticultura/ Floricultura/ Silvicultura			Total	Total	Geral	Sem Cacao	Só Cacao		
		Permanentes	Temporárias										
1970	Cacaueira	82,37	7,05	4,81	94,23	5,77	100,00	22,76	77,24				
	Tabuleiros	71,21	15,15	12,12	98,48	1,52	100,00	57,58	42,42			9,3951	
	Litorânea	25,00	41,67	11,11	77,78	22,22	100,00	83,33	16,67			67,4091	
1975	Cacaueira	90,89	2,95	1,54	95,38	4,62	100,00	13,42	86,58				
	Tabuleiros	74,37	14,38	9,69	98,44	1,56	100,00	50,94	49,06			16,6209	
	Litorânea	22,47	36,12	5,29	63,88	36,12	100,00	81,94	18,06			95,8612	
1980	Cacaueira	95,03	1,27	1,15	97,45	2,55	100,00	8,09	91,91				
	Tabuleiros	84,00	8,01	7,07	99,08	0,92	100,00	46,27	53,73			10,6063	
	Litorânea	25,18	22,64	12,20	60,02	39,98	100,00	84,29	15,71			101,7492	

FONTE: TABELA B1 do APÊNDICE B.

* Significante ao nível de 1% de probabilidade com 3 graus de liberdade.

portância das lavouras permanentes para a região Cacaueira. Em 1970 as lavouras permanentes representavam 82,37% do valor total da produção, enquanto somente o cacau era responsável por 77,24%. A tendência de expansão do percentual para as lavouras permanentes e cacau foi crescente no período estudado. Em 1980, as lavouras permanentes representavam 95,03% e o cacau 91,91%. Já para as lavouras temporárias, extrativos e produção animal a tendência no mesmo período foi decrescente.

Especificamente, no confronto da região Cacaueira com a Tabuleiros de Valença, apesar de haver possibilidades de diferenças, constatou-se que elas são em menor grau. A mesma tendência de crescimento foi verificada para as lavouras permanentes e cacau, crescendo no período de 71,21% em 1970 para 84,00% do total em 1980 para as lavouras permanentes e de 42,42% em 1970 para 53,73% em 1980 para o cacau. Para os demais tipos de exploração a participação relativa decresceu em todo o período estudado (Tabela 01).

Por outro lado, a "performance" da região Litorânea quanto à composição do valor total da produção, apresenta-se bem distribuída, de uma maneira mais ou menos equitativa entre as categorias. A participação relativa das lavouras permanentes no total, permaneceu constante entre 1970/80, em torno de 25,00%. Quanto ao valor total da produção do cacau, decresceu lentamente de 16,67% para 15,71% no mesmo período. Verificou-se também um decréscimo na participação relativa das lavouras temporárias, de 41,67% em 1970 para 22,64% em 1980. A produção animal apresentou tendência crescente em todo o período, em 1970 representava 22,22% do total e em 1980 atingiu 39,98%. O grupo dos extrativos cresceu no período de 1970/80 de 11,11% para 12,20%, muito embora tenha decrescido no período 1970/75 (Tabela 01).

Os resultados apresentados na TABELA B3 do APÊNDICE B, reforçam a importância do cacau para a região Cacaueira da Bahia. Verificou-se que o crescimento do setor agrícola foi principalmente decorrente desta cultura. No período de

1970/80, o valor real da produção das lavouras permanentes cresceu a uma taxa média anual de 12,12%, enquanto o total inclusive cacau cresceu de 10,52%. Para as demais, somente a produção animal apresentou acréscimo no mesmo período, de 1,87% ao ano. Desdobrando os períodos, verificou-se que o crescimento do valor real inclusive cacau vem crescendo, porém a taxas menores, de 14,31% ao ano entre 1970/75 para 6,87% de 1975/80.

Na região Tabuleiros de Valença a taxa média anual de crescimento do valor real da produção inclusive cacau de 1970 a 1980 foi de 10,57%, e para o total sem cacau o acréscimo médio foi de 8,18% ao ano. As lavouras temporárias cresceram em média de 3,75% ao ano, o grupo dos extrativos de 4,77% a.a. e a produção animal de 5,16% ao ano (Tabela B3).

Os dados mostram que no período de 1970/80 na região Litorânea ocorreram acréscimos do valor real da produção em todas as categorias de exploração. O maior crescimento foi da produção animal, a uma taxa média anual de 18,76%, vindo em seguida o grupo dos extrativos (13,03%). Os principais extrativos são madeira, piaçaba e lenha. As lavouras temporárias cresceram de 5,36% ao ano. O total sem cacau registrou um maior crescimento do que com o cacau, de 12,11% e 11,98% ao ano respectivamente (Tabela B3).

Estes resultados expressam um maior dinamismo na agricultura das regiões Tabuleiros de Valença e Litorânea do Extremo Sul da Bahia, principalmente esta última, que apresentou um crescimento mais uniforme deste setor.

3.1.2 - A importância do setor agrícola no contexto econômico global

Utilizou-se o valor da produção dos setores agrícola, industrial e de serviços, dada a não disponibilidade da renda gerada pelos setores industrial e de serviços a nível de microrregião.

Constatou-se substanciais diferenças na composição do valor da produção entre os setores econômicos. Porém, não pode-se afirmar que existe uma tendência consistente indicando o declínio da importância relativa da agricultura na região Cacaueira. A participação relativa da agricultura no total do valor da produção cresceu de 30,83% em 1970 para 35,54% em 1975, decrescendo para 26,32% em 1980. A importância do setor industrial em termos relativos vem crescendo em todo o período estudado, de 8,20% em 1970 para 17,23% em 1980. O setor de serviços era responsável por 60,97% do total em 1970; 55,27% em 1975; e 56,45% em 1980 (TABELA 02).

As transformações estruturais na economia da região Tabuleiros de Valença vêm ocorrendo muito lentamente. A participação do setor agrícola é ainda bastante elevada; em 1970 era de 52,80%, passando para 44,26% em 1975 e 40,62 em 1980. A participação do setor industrial vem crescendo no período de 1970 a 1980, de 20,80% para 27,84%. Já o setor de serviços muito embora tenha crescido no período 1970/75 de 26,40% para 32,23%, registrou um leve decréscimo entre 1975 e 1980 para 31,54% (Tabela 02).

Na região Litorânea do Extremo Sul da Bahia verificou-se uma tendência decrescente da importância relativa do setor agrícola com relação ao total, de 45,00% em 1970 para 24,50% em 1980. O setor industrial representava em 1970 6,25% do total, em 1975 23,44% e em 1980 21,07%. O setor de serviços era responsável por 48,75% do total em 1970, em 1975 por 42,01% e em 1980 por 54,43% (Tabela 02).

A estatística χ^2 estimada revela existir uma relação de dependência entre a participação relativa dos setores econômicos e as regiões Cacaueira e Tabuleiros de Valença em todo o período estudado. Pode-se concluir que o setor mais importante para a região Cacaueira é o de serviços, enquanto que para a Tabuleiros de Valença ainda é o agrícola. No confronto entre a região Cacaueira e a Litorânea o teste foi significativo somente para o ano de 1975. Os dados revelam que o setor industrial é muito mais importante para a região Litorânea do Extremo Sul da Bahia (Tabela 02).



TABELA 04 - Valor da produção por setor de atividades = agrícola, industrial e serviços - em percentagem (%), nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e HRHs	Discriminação	Setor de Atividade (%)			Total	X ²
		Agrícola	Industrial	Serviços		
1970	Cacaueira	30,83	8,20	60,97	100,00	
	Tabuleiros	52,80	20,80	26,40	100,00	24,9236 ¹
	Litorânea	45,00	6,25	48,75	100,00	4,2714 ^{ns}
1975	Cacaueira	35,54	9,19	55,27	100,00	
	Tabuleiros	44,26	23,51	32,23	100,00	13,2906 ¹
	Litorânea	34,55	23,44	42,01	100,00	8,0427 ²
1980	Cacaueira	26,32	17,23	56,45	100,00	
	Tabuleiros	40,62	27,84	31,54	100,00	12,6059 ¹
	Litorânea	24,50	21,07	54,43	100,00	0,4870 ^{ns}

FONTE: TABELA B4 do APÊNDICE B.

1 Significante ao nível de 1% de probabilidade com 2 graus de liberdade;

2 Significante ao nível de 2% de probabilidade;

ns Não significante.

A análise dos resultados apresentados na TABELA 03 mostra que o setor agrícola cresceu em todo o período porém a taxas menores, em todas as regiões estudadas. Na região Cacaueira o setor industrial apresentou uma tendência crescente, com uma taxa média anual de 13,65% para 1970/75 e, 28,69% para 1975/80. Também o setor de serviços cresceu no período estudado, de 8,94% ao ano entre 1970 e 1975 e 13,96% entre 1975 e 1980.

Tanto na região Tabuleiros de Valença como na Litorânea os setores industrial e de serviços cresceram em ambos os períodos, porém de 1975 a 1980 a taxas menores do que as registradas entre 1970 e 1975 (Tabela 03).

O exame das taxas de crescimento para o período 1970/80, mostra que a região Litorânea apresentou o maior crescimento no período como um todo e de cada setor em particular. Por outro lado a região Cacaueira, no mesmo período, registrou as menores taxas de crescimento para o total do valor da produção agregada (Tabela 03).

É importante ressaltar, que muito embora a região Cacaueira tenha apresentado um desempenho mais modesto se comparado ao da Litorânea, o crescimento dos setores entre si estão mais coerentes com o desencadeamento do processo de desenvolvimento, cujo principal impulso é, além do aumento da produtividade dos setores, o crescimento em maior escala dos setores industrial e de serviços e, em menor escala do setor agrícola, que muito embora continue a crescer, decresce porém em importância relativa.

3.2 - Fontes de Crescimento do Setor Agrícola

Na TABELA 04, encontram-se as taxas e fontes de crescimento estimadas da receita agrícola para produtos selecionados na região Cacaueira da Bahia. Os resultados para as fontes estão em percentagem do total, isto é, do total da ta

TABELA 03 - Taxa geométrica de crescimento do valor da produção por setor de atividade - agrícola, industrial e serviços, nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHS	Discriminação	Setor de Atividade (% ao ano)			Total
		Agrícola	Industrial	Serviços	
1970/75	Cacaueira	14,31	13,65	8,94	11,10
	Tabuleiros	12,68	19,63	21,48	16,73
	Litorânea	18,76	63,10	21,54	25,21
1975/80	Cacaueira	6,87	28,69	13,96	13,48
	Tabuleiros	8,49	14,16	9,89	10,37
	Litorânea	5,59	10,72	19,12	13,10
1970/80	Cacaueira	10,52	20,94	11,43	12,29
	Tabuleiros	10,57	16,86	15,54	13,51
	Litorânea	11,98	34,38	20,32	19,00

FONTE: TABELA B4 do APÊNDICE B.

TABELA 04 - Fontes e taxas de crescimento da receita agrícola para culturas selecionadas em percentagens na MRH 154 - Cacaueira da Bahia, 1970/87.

Culturas	Fontes e Taxas de Crescimento da Receita Agrícola		Fontes de Crescimento (em Percentagens do Total)			
	% ao ano		Área	Produtividade	Preço	Produção ^{1/}
EXPORTAÇÃO						
Cacau	7,14		8,40	51,82	39,78	60,22
Café	1,92		-232,81	2,90	322,91	-222,91
INDUSTRIAIS						
Cana de Açúcar	10,45		54,45	-15,88	61,43	38,57
Coco-da-baia	3,66		28,42	35,79	35,79	64,21
AUMENTARES BÁSICAS						
Arroz	-28,57		-104,37	-6,09	10,46	-110,46
Feijão	-5,26		-105,32	-22,05	27,37	-127,37
Mandioca	0,06		1916,67	-2100,00	283,33	-183,33
Milho	-9,54		-66,04	-7,65	-26,31	-73,69
FRUTÍCULAS						
Banana	11,01		127,97	-1,09	-26,88	126,88

FORTE: Tabela C1 do Apêndice C.

^{1/}Corresponde a soma das percentagens dos itens (área e produtividade).

taxa de crescimento registrada para determinado produto, qual a contribuição percentual para o total dos efeitos área, produtividade e preço real. Banana é o produto que apresentou a maior taxa de crescimento da receita, com 11,01% ao ano, sendo a expansão da área cultivada responsável por 127,97% do aumento total, a produtividade e o preço real foram responsáveis pelo decréscimo de 1,09% e 26,88%. A área cultivada e o preço real foram os responsáveis pelo aumento de 10,45% ao ano na receita da cana-de-açúcar, a área cultivada explicou 54,45% e o preço real 61,43% do aumento; parte do aumento foi neutralizado pelo decréscimo da produtividade de 1,66% ao ano (ver TABELA C1 do APÊNDICE C).

Os melhores rendimentos foram registradas para o cacau, onde o efeito produtividade foi responsável por 51,82% do aumento de 7,14% ao ano. O aumento do preço real explicou 39,78% e a expansão da área cultivada apenas 8,40%. O coco-da-baía teve um acréscimo de produção de 3,66% ao ano, a expansão da área cultivada foi responsável por 28,42%, a produtividade e o preço real por 35,79% cada um (Tabela 04).

Os produtores dos bens alimentares básicos, com exceção daqueles que produzem a mandioca, tiveram decréscimo de receita. Assim mesmo o aumento da receita com a mandioca foi praticamente nulo, de 0,06% ao ano, a área explicando 1.916,67% do aumento total, o preço real 283,33%. Por outro lado, a produtividade registrou um decréscimo de 1,26% ao ano (ver Tabela C1) implicando numa participação negativa de 2.100,00% (Tabela 04).

Os dados da TABELA 05 mostram que na região Tabuleiros de Valença, o cacau apresentou o melhor desempenho, com uma taxa média anual de crescimento de 10,06% com a expansão da área cultivada explicando 42,64% do aumento, a produtividade 23,46% e o preço real recebido pelos agricultores responsável por 33,90% do aumento total. Com exceção do coco-da-baía e feijão, os demais produtos registraram decréscimo de receita. O feijão, apresentou a segunda maior taxa de crescimento da receita, com 9,19% ao ano, sendo o preço real res

TABELA 05 - Fontes e taxas de crescimento da receita agrícola para culturas selecionadas em percentagens, na MRH 152 - Tabuleiros de Valença, 1970/87.

Culturas	Fontes e Taxas	Taxas de Crescimento da Receita Agrícola	Fontes de Crescimento (em Percentagens do Total)			
		% ao ano	Área	Produtividade	Preço	Produção
EXPORTAÇÃO						
Cacau		10,06	42,64	23,46	33,90	66,10
Café		-	-	-	-	-
INDUSTRIAIS						
Café de açúcar		-43,15	-90,80	-9,89	0,69	-100,69
Coco-da-baía		4,80	94,79	-19,79	25,00	75,00
ALIMENTARES BÁSICAS						
Arroz		-	-	-	-	-
Feijão		9,19	-4,24	-111,10	215,34	-115,34
Mandioca		-0,46	184,78	-478,26	193,48	-293,48
Milho		-10,87	-32,93	-44,35	-22,72	-77,28
FRUTÍCULAS						
Abacaxi		-18,41	-82,62	-22,49	5,11	-105,11
Banana		-0,65	1370,76	-215,38	1255,38	-1155,38
Laranja		-1,14	6,14	371,93	-478,07	378,07

FONTE: Tabela C2.

responsável por 215,34%, aumento esse neutralizado pelo decrescimo da área cultivada e pela produtividade de 0,39% e 10,21% ao ano (ver TABELA C2).

Analisando os resultados para a região Litorânea do Extremo Sul da Bahia mostrados na TABELA 06, constatou-se que a cana-de-açúcar apresentou a maior taxa de crescimento da receita com 9,65% ao ano, sendo as expansões da área e da produtividade os responsáveis, contribuindo com 119,48 e 8,81% respectivamente. O efeito preço real que neutralizou parte desse aumento, foi responsável por 28,29% do decréscimo da receita. Observando os resultados conjuntamente, verificou-se se que apenas coco-da-baía, arroz e milho não registraram aumentos de receita. Cacau e café apresentaram taxas de crescimento de 6,79% e 8,78% ao ano, respectivamente. A expansão da área cultivada foi sua principal fonte de crescimento, contribuindo com 78,94% (cacau) e 56,40% (café) para o aumento total da receita. O efeito preço real foi positivo para ambos, de 10,90% e 48,75% do total. Já o efeito produtividade foi negativo para o café, responsável por 6,15% do decréscimo total, e positivo para o cacau, contribuindo com 10,16% para o aumento registrado.

Deste modo os dados em sua composição global sugerem que somente para a cana-de-açúcar, feijão e mandioca a região Litorânea do Extremo Sul da Bahia apresentou resultados mais satisfatórios. Para os demais produtos a região Cacaueira registrou uma melhor "performance".

O melhor desempenho do cacau, principalmente na região Cacaueira e Tabuleiros de Valença, deve-se sobretudo à política empreendida pela CEPLAC na renovação de cacauais, que resultou na melhoria da produtividade.

A análise estatística das regressões apresentou resultados significativos para as taxas de crescimento das receitas dos produtos com exceção do café e mandioca, na região Cacaueira da Bahia. Para a área cultivada os resultados do teste "t" foram significativos para todos os produtos. O resultado para a produtividade só não foi significativo para

TABELA 06 - Fontes e taxas de crescimento da receita agrícola para culturas selecionadas, em percentagens, na MRH 156 - Litorânea do Extremo Sul da Bahia, 1970/87.

Culturas	Fontes e Taxas	Fontes de Crescimento da Receita Agrícola		Fontes de Crescimento (em Percentagens do Total)		
	% ao ano	Área	Produtividade	Preço	Produção	
EXPORTAÇÃO						
Cacau	6,79	78,94	10,16	10,90	89,10	
Café	8,78	57,40	-6,15	48,75	51,25	
INDUSTRIAIS						
Cana-de-açúcar	9,65	119,48	8,81	-28,29	128,29	
Oco-da-baia	-5,02	-101,99	49,20	-47,21	-52,79	
ALIMENTARES BÁSICAS						
Arroz	-6,46	-106,04	16,87	-10,83	-89,17	
Feijão	8,94	206,15	-71,81	-34,34	134,34	
Mandioca	7,09	112,27	-34,13	21,86	78,14	
Milho	-8,78	13,89	-58,54	-55,35	-44,65	
FRUTÍCULAS						
Banana	4,52	234,07	34,29	-168,36	268,36	

FONTE: Tabela C3.

o café, coco-da-baía, feijão, milho e banana; isto significa que no período de 1970/87 a produtividade para estes produtos permaneceu estagnada. Por outro lado, os preços reais permaneceram constantes para o feijão e mandioca (Tabela C1 do Apêndice C).

Para a região Tabuleiros de Valença, as receitas associadas aos produtos como a mandioca, banana e laranja não se alteraram no período. Quanto à expansão da área, o teste "t" não foi significativo para o feijão, mandioca, milho e laranja. Para a produtividade, somente no caso do coco-da-baía não foi significativo. Os preços reais se mantiveram estacionários para os produtos, tais como, cana-de-açúcar, coco-da-baía, mandioca, milho e abacaxi (Tabela C2).

Os resultados do teste "t" para a região Litorânea do Extremo Sul da Bahia para as taxas de crescimento das receitas foram significativos para todos os produtos. Quanto à área, só não foi significativo para o milho. Para a produtividade o teste não foi significativo para o cacau, café, cana-de-açúcar e coco-da-baía. Os preços reais se mantiveram estacionários para o cacau, cana-de-açúcar, arroz e mandioca (TABELA C3).

Através dos dados apresentados na TABELA 07, observa-se que para o cacau as médias das produtividades são estatisticamente diferentes de zero, sendo maiores para a região Tabuleiros de Valença e menores para a Litorânea do Extremo Sul da Bahia, quando comparadas à Cacaueira da Bahia. A variação das produtividades médias entre os municípios das regiões são menores para a Litorânea em comparação à da região Cacaueira. As produtividades médias para o feijão e banana são menores na região Tabuleiros de Valença. Existiu uma maior variação das produtividades entre os municípios da região Tabuleiros de Valença no confronto com a Cacaueira para a cana-de-açúcar, milho e banana.

A região Litorânea do Extremo Sul da Bahia apresentou produtividades médias maiores do que as da Cacaueira somente para o arroz e banana. Para os demais produtos as pro

TABELA 07 - Variâncias e médias das produtividades da terra (kgs/ha) de determinadas culturas nas mí
corregiões selecionadas, 1970/87.

Culturas	Cacaueira		Tabuleiros		Estatísticas		Litorânea		Estatísticas	
	Variâncias	Médias	Variâncias	Médias	"F"	"Z"	Variâncias	Médias	"F"	"Z"
EXPORTAÇÃO										
Cacau	18.616	605	25.360	703	1,3623 ^{ns}	1,9820 ²	5.329	461	3,4933 ¹	3,9480 ¹
Café	11.940	417	-	-	-	-	45.942	464	3,8477 ¹	0,8288 ^{ns}
INDUSTRIAIS										
Cana-de-açúcar	32.758.395	42.309	188.073.795	46.569	5,7412 ¹	1,2162 ^{ns}	218.848.412	40.633	6,6807 ¹	0,4482 ^{ns}
Coco-da-baía	2.112.194	2.846	640.896	2.417	3,2956 ²	1,0969 ^{ns}	1.046.070	2.380	2,0192 ³	1,1125 ^{ns}
ALIMENTARES BÁSICAS										
Arroz	124.633	1.138	-	-	-	-	89.169	1.729	1,3977 ^{ns}	5,4228 ¹
Feijão	41.740	925	27.189	799	1,5352	2,0361 ²	86.902	868	2,0820 ³	0,6742 ^{ns}
Mandioca	2.930.337	14.797	5.166.529	15.181	1,7631 ¹	0,5725 ^{ns}	4.477.456	14.843	1,5280 ^{ns}	0,0717 ^{ns}
Milho	30.502	1.039	203.401	1.122	6,6684 ¹	0,7281 ^{ns}	145.495	1.016	4,7700 ¹	0,2326
FRUTÍCIJAS										
Banana	1.265.572	11.961	2.889.854	8.647	2,2834 ³	6,8974 ¹	13.814.101	15.646	10,9153 ¹	4,0260 ¹

FONTE: FIBGE - Produção Agrícola Municipal, 1970/87.

- 1 - Significativo ao nível de 1% de probabilidade;
 2 - Significativo ao nível de 5% de probabilidade;
 3 - Significativo ao nível de 10% de probabilidade;
 ns - Não significativo.

atividades são estatisticamente iguais. Para o café, cana-de-açúcar, feijão, milho e banana existiu uma maior variação das produtividades entre os municípios na região Litorânea no confronto com a Cacaueira (Tabela 07).

3.3 - Renda Interna Líquida a Custo de Fatores do Setor Agrícola

A análise comparativa da renda interna líquida a custo de fatores ou valor adicionado do setor agrícola (valor bruto da produção menos o consumo intermediário), nas três microrregiões estudadas, foi realizada como um indicador dos resultados econômicos.

3.3.1 - Composição da renda interna líquida a custo de fatores do setor agrícola

Analisando a composição da renda interna agrícola quanto à participação percentual do consumo intermediário no valor de produção, isto é, qual a participação das despesas totais efetuadas com a produção agrícola (ver TABELA 08), para a região Cacaueira da Bahia, constatou-se que em 1970 e 1975 permaneceu constante, em torno de 16%, decrescendo para 14,63% em 1980.

Mudanças são evidentes nas demais regiões em estudo. Na Tabuleiros de Valença a participação percentual do consumo intermediário no valor bruto da produção apresentou tendência crescente no período entre 1970 e 1975, de 7,58% para 20,31%, decrescendo em 1980 para 15,67%. Na região Litorânea entre os anos de 1970 e 1975 permaneceu constante em torno de 25,00%, crescendo para 30,90% em 1980 (Tabela 08).

Vale observar que para 1980 as regiões Cacaueira e Tabuleiros de Valença possuem praticamente a mesma composição da renda interna. Entretanto a Litorânea registrou o do

TABELA 06 - Distribuição do valor bruto da produção, consumo intermediário e renda interna líquida a custo de fatores em cruzeiros reais (março/86 = 100) e percentagens (%) do setor agrícola nas microrregiões selecionadas 1970/80.

Anos e Discriminação	MRHs					
	Cacaueira		Tabuleiros		Litorânea	
	Cr\$ Reais	(%)	Cr\$ Reais	(%)	Cr\$ Reais	(%)
1970						
Valor bruto da produção	1.882.367	100,00	396.921	100,00	210.488	100,00
Consumo intermediário	306.712	16,29	30.070	7,58	54.126	25,71
Renda interna líquida a c.f.	1.575.655	83,71	366.851	92,42	156.362	74,29
Renda interna/Consumo intermediário	5	-	12	-	3	-
X ²			5,4242		2,6744	ns
1975						
Valor bruto da produção	3.662.054	100,00	721.143	100,00	511.561	100,00
Consumo intermediário	608.464	16,62	146.482	20,31	128.454	25,11
Renda interna líquida a c.f.	3.053.590	83,38	574.661	79,69	383.107	74,89
Renda interna/Consumo intermediário	5	-	4	-	3	-
X ²			0,4498ns		2,1802ns	
1980						
Valor bruto da produção	5.104.107	100,00	1.083.982	100,00	676.606	100,00
Consumo intermediário	746.726	14,63	169.806	15,67	209.052	30,90
Renda interna líquida a c.f.	4.357.381	85,37	914.176	84,33	467.554	69,10
Renda interna/Consumo intermediário	6	-	5	-	2	-
X ²			0,0425ns		7,5240 ¹	

FONTE: TABELA D1 do Apêndice D.

- 1 Significativo ao nível de 1% de probabilidade;
 2 Significativo ao nível de 2,5% de probabilidade;
 ns Não significativo.

bro com relação a participação percentual do consumo intermediário no valor bruto da produção (Tabela 08).

A maior eficiência na geração da renda interna agrícola pode ser detectada observando os dados da Tabela 08 sobre a relação renda interna / consumo intermediário. Para a região Cacaueira a situação é praticamente estável em todo o período, em que cada cruzeiro gasto em consumo intermediário gerou aproximadamente cinco cruzeiros de renda entre 1970 e 1975 e seis cruzeiros em 1980. Na região Tabuleiros de Valença existia, em 1970, uma melhor alocação de recursos na geração da renda interna em comparação com os anos mais recentes. Naquele ano cada cruzeiro gasto em consumo intermediário gerava o equivalente a doze cruzeiros de renda; em 1975 gerava quatro cruzeiros; e em 1980 cinco cruzeiros de renda. De acordo com os dados, a região Litorânea do Extremo Sul da Bahia apresentou uma situação mais desfavorável, entre 1970 e 1975, cada cruzeiro gasto em consumo intermediário gerava aproximadamente três cruzeiros de renda e, em 1980 a relação decresceu para dois cruzeiros.

A estatística de qui-quadrado permite a comprovação de que existe uma relação de dependência na composição da renda interna líquida, entre o valor de produção e consumo intermediário, e as regiões. Em 1970, entre a Cacaueira e Tabuleiros de Valença e, em 1980 entre a Cacaueira e a Litorânea. Para a região Tabuleiros de Valença a participação do consumo intermediário no valor bruto da produção é menor do que a verificada na região Cacaueira, enquanto na Litorânea a participação do consumo intermediário é praticamente o dobro da registrada na região Cacaueira (Tabela 08).

3.3.2 - Evolução da renda interna líquida a custo de fatores do setor agrícola

De acordo com as taxas de crescimento estimadas para a renda interna nas três regiões, pode-se afirmar que entre

o período de 1970 e 1980 não ocorreram grandes diferenças de crescimento. A região Cacaueira cresceu 10,71% ao ano; a Tabuleiros de Valença 9,56%; e a Litorânea 11,58% ao ano. A tendência entre os períodos 1970/75 e 75/80 foi estável para a região Tabuleiros de Valença, que cresceu em torno de 9% ao ano e, decrescente para as regiões Cacaueira e Litorânea que cresceram a taxas menores entre 1975/80, de 14,15% e 19,63% ao ano para 7,37% e 4,06% respectivamente (TABELA D3).

3.3.3 - Renda interna líquida a custo de fatores "per capita" e média por município

De uma maneira geral as rendas internas "per capita" e média (renda média por município) do setor agrícola foram maiores para a região Cacaueira no confronto com as demais regiões em estudo, com exceção para o ano de 1980 quando a renda "per capita" da região Tabuleiros de Valença não foi estatisticamente diferente da Cacaueira. Por outro lado, existiu uma maior variação da renda interna "per capita" e média entre os municípios da região Cacaueira da Bahia. A renda interna "per capita" do setor agrícola estimada para a região Tabuleiros de Valença em 1970, foi menor do que a encontrada para a região Cacaueira em 28,15%. Em 1975 a diferença aumentou para 71,56% e em 1980 foi menor em 66,24%. Por outro lado, observou-se que a renda interna "per capita" encontrada para a região Litorânea em todo o período estudado, sempre foi muito menor do que a da região Cacaueira. Em 1970, foi 419,00% menor do que a renda estimada para a região Cacaueira, em 1975 em 323,72% e em 1980 409,52% (TABELA D4).

Com relação a renda interna líquida média por município, ficou evidente também que as estimadas para as regiões Tabuleiros de Valença e Litorânea foram menores em comparação à encontrada para a região Cacaueira. A renda interna média por município na região Tabuleiros de Valença em 1970 foi 22,72% menor do que a da região Cacaueira; em 1975 foi 51,82% e em

1980 36,18% menor. Já a renda interna média por município na região Litorânea apresentou uma diferença muito maior no confronto com a da região Cacaueira. Em 1970 foi 151,92% menor do que a estimada para a região Cacaueira. Já em 1975 a diferença foi de 99,26% e em 1980 de 132,99% (TABELA D5).

3.3.4 - Distribuição da renda interna líquida a custo de fatores do setor agrícola por município

Ao analisar as evidências apresentadas nas TABELAS D7, D8 e D9, constata-se diferenças significativas na distribuição da renda interna agrícola por município entre as regiões em estudo. A estatística χ^2 permite concluir que existe uma relação de dependência entre as microrregiões e a estratificação da renda. As diferenças entre a região Cacaueira e a Tabuleiros de Valença são em menores graus do que os desníveis entre a Cacaueira e a Litorânea. Em 1970, na região Cacaueira, 78,58% dos municípios possuíam renda de até Cr\$ 70.000,00 por ano, na região Tabuleiros de Valença 87,50%. Na região Litorânea 100% dos municípios possuíam renda de até Cr\$ 50.000,00 anuais. Os valores da renda interna agrícola por município estão corrigidos para preços de março de 1986. Os valores foram transformados em cruzeiros de 1990, mediante o corte de zeros e depois corrigidos através do índice geral de preços - disponibilidade interno da FGV, para cruzeiros de março de 1986, critério utilizado para todos os valores reais. Na região Tabuleiros de Valença a maior renda registrada para o mesmo período não ultrapassava Cr\$ 130.000,00 anuais, enquanto na Cacaueira, 7,14% dos municípios tinham renda entre Cr\$ 130.000,00/ano e Cr\$ 150.000,00/ano e, 3,57% possuíam renda superiores a Cr\$ 190.000,00 anuais.

Em 1975, enquanto na região Cacaueira 82,14% dos municípios possuíam renda de até Cr\$ 150.000,00 por ano na Tabuleiros de Valença o percentual era de 100.00%. Na Litorânea 100% dos municípios possuíam renda de até Cr\$ 110.000,00/ano. Na Cacaueira 17,86% dos municípios possuíam renda superiores a Cr\$ 190.000,00 anuais.

Em 1980 na região Cacaueira da Bahia observou-se uma melhor distribuição, na Tabuleiros de Valença as mudanças ocorreram muito lentamente, enquanto que na Litorânea o retrocesso é evidente. Na região Cacaueira 42,85% dos municípios possuíam renda de até Cr\$ 110.000,00/ano, na Tabuleiros de Valença 75,00% e na Litorânea do Extremo Sul da Bahia 100% dos municípios possuíam renda de até Cr\$ 90.000,00 (Tabela D9).

3.4 - Investimentos

3.4.1 - Composição dos investimentos

Na TABELA 09 consta a distribuição percentual dos investimentos entre as categorias de bens imóveis e outros bens. Na região Cacaueira a importância das novas culturas permanentes cresceu no período estudado. Em 1970, 17,60% dos investimentos foram alocados neste ítem. Em 1975 28,16% e em 1980 46,85%. Também na região Tabuleiros de Valença ocorreram maiores investimentos em novas culturas permanentes. Assim, em 1970 investiram-se, 45,21% neste ítem, do total dos investimentos; em 1975 69,80%; e em 1980 59,29%. Já para a região Litorânea os investimentos em matas plantadas^{4/} foi o que apresentaram um maior crescimento em termos relativos de 0,73% em 1970 para 36,34% em 1980.

Embora o investimento em animais de reprodução e de trabalho tenha apresentado tendência decrescente no período

^{4/}As matas plantadas compreendem as áreas plantadas ou em preparo para o plantio de essências florestais (acácia-régia, eucalipto, pinheiro, etc).

TABELA 09 - Distribuição percentual do valor dos investimentos nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHS	Discriminação	Bens Imóveis					Outros Bens					Total	X ²
		Terras Adquiridas	Prédios Residenciais e Outros Fins	Instalação e Outras Benfeitorias	Novas Culturas Permanentes	Matas Plantadas	Animais de Reprodução e Trabalho	Máquinas e Outros Instrumentos Agrários	Veículos e Outros Meios de Transporte	Outros Fins			
1970	Cacaueira	4,29	31,16	28,24	17,60	0,04	9,95	2,37	6,35	-	100,00	1	
	Tabuleiros	2,39	23,40	11,44	45,21	0,27	7,45	4,79	5,05	-	100,00	22,3582 ¹	
	Litorânea	9,77	14,58	23,61	5,98	0,73	30,75	4,96	9,62	-	100,00	27,0728 ¹	
1975	Cacaueira	7,42	24,50	22,20	28,16	0,10	9,76	3,08	4,78	-	100,00	1	
	Tabuleiros	0,81	10,08	7,86	69,80	0,10	7,13	1,79	2,43	-	100,00	37,4024 ¹	
	Litorânea	16,58	6,88	27,94	5,52	0,63	28,74	8,38	5,33	-	100,00	41,4678 ¹	
1980	Cacaueira	6,14	26,82	10,14	46,85	0,21	4,78	0,47	2,95	1,14	100,00	7,6786 ^{ns}	
	Tabuleiros	1,19	20,23	11,65	59,29	0,05	1,64	2,78	1,77	1,77	100,00	89,8854 ¹	
	Litorânea	10,01	6,73	9,78	6,99	36,34	15,76	6,16	3,79	4,44	100,00	89,8854 ¹	

FONTE: Tabela E1 do Apêndice E.

- Sem informação;

1 Significativo ao nível de 1% de probabilidade;

ns Não significativo.

estudado na região Litorânea do Extremo Sul, a proporção é ainda elevada. Assim, em 1970 representava 30,75% do total; em 1975 28,74% e em 1980 15,76%. Observou-se ainda que os investimentos em prédios residenciais e outros fins e em instalações e outras benfeitorias constituíram itens de grande importância para as três regiões, muito embora venham decrescendo em importância relativa. Na região Cacaueira ambos somavam 59,40%, 46,70% e 36,96% em 1970, 1975 e 1980 respectivamente. Na região Tabuleiros de Valença 34,84%, 17,94% e 31,88% e na Litorânea 39,19%, 34,82% e 16,51% respectivamente para os mesmos anos (Tabela 09).

O teste do χ^2 realizado revela a existência de relação de dependência entre a composição percentual dos investimentos e as microrregiões, com exceção apenas para o ano de 1980 na região Tabuleiros de Valença em confronto com a região Cacaueira. Vale ressaltar que para a Litorânea esta relação de dependência com a região Cacaueira é mais consistente em períodos mais recentes. Na região Cacaueira investiram-se mais em prédios residenciais e outros fins e em instalações e outras benfeitorias, enquanto na região Tabuleiros de Valença os maiores investimentos foram realizados em novas culturas permanentes. Na região Litorânea os itens que receberam mais investimentos entre 1970 e 1975 foram animais de reprodução, de trabalho, instalação e outras benfeitorias. Para o ano de 1980 os investimentos destinaram-se principalmente para matas plantadas (Tabela 09).

3.4.2 - Evolução dos investimentos

De acordo com as taxas geométricas de crescimento constantes na TABELA E3 do APÊNDICE E, verificou-se que com exceção da região Tabuleiros de Valença entre o período de 1975 a 1980, ocorreram aumentos no valor real dos investimentos realizados. Vale ressaltar que apesar do decréscimo registrado na região Tabuleiros de Valença no período acima, no inters

tício de tempo de 1970 e 1980 ocorreram aumentos reais no valor investido na agricultura nesta região.

No período de 1970 a 1975 a taxa geométrica de crescimento do total investido no setor agrícola na região Tabuleiros de Valença representou o dobro das taxas registradas para as demais regiões em estudo, de 60,62% ao ano contra 30,15% na Cacaueira e 30,56% na Litorânea. O aumento verificado neste período na região Tabuleiros de Valença foi neutralizado pelo decréscimo do período seguinte entre 1975 e 1980 de 0,73% ao ano. Os resultados levaram à constatação de que no período de 1975 a 1980 o valor real investido na agricultura foi menor do que entre 1970 e 1975. Na região Cacaueira o crescimento médio anual foi de 8,74% e na Litorânea 22,79% (Tabela E3).

Entre 1970 e 1980 o valor real dos investimentos realizados na agricultura da região Cacaueira da Bahia cresceu em média 18,96% ao ano, taxa inferior às registradas para as regiões Tabuleiros de Valença e Litorânea do Extremo Sul, as quais apresentaram praticamente a mesma taxa média anual de crescimento, em torno de 26% (Tabela E3).

De uma maneira geral o valor real dos investimentos realizados na agricultura nas diversas modalidades, cresceu entre 1970 e 1980. Na região Cacaueira os investimentos que mais cresceram foram em matas plantadas (40,91% ao ano); em novas culturas permanentes 31,19%; e em terras adquiridas (23,31% ao ano). Na região Tabuleiros de Valença os investimentos que mais cresceram foram os realizados em novas culturas permanentes, com um crescimento de 29,74% ao ano; instalações e outras benfeitorias com 26,51%; e os em prédios residenciais e outros fins com uma taxa de 24,44% ao ano. Na região Litorânea os investimentos realizados em matas plantadas cresceram 87,16% ao ano; os realizados em máquinas e outros instrumentos agrários 29,40%; em novas culturas permanentes cresceram 28,62% ao ano; e em terras adquiridas tiveram um acréscimo de 26,93% ao ano (Tabela E3).

Através da análise dos dados apresentados na TABELA E4 procurou-se verificar qual a contribuição do investimento na geração da renda interna líquida do setor agrícola e o nível de investimento por hectare de área explorada. Em 1970, na região Cacaueira da Bahia, para cada cruzeiro de renda interna líquida gerada do setor agrícola o investimento contribuía com sete centavos, na Tabuleiros de Valença com cinco centavos e na Litorânea com vinte e três centavos. A razão entre os investimentos realizados e a renda interna gerada apresentou tendência crescente na região Litorânea de 0,23 em 1970 para 0,87 em 1980. Na Cacaueira a relação cresceu entre 1970 e 1975 permanecendo constante de 1975 a 1980, isto é, tanto o valor real dos investimentos como a renda interna gerada cresceram numa mesma magnitude. Na região Litorânea o valor real dos investimentos vem crescendo mais do que a renda interna gerada. Por outro lado na região Tabuleiros de Valença a razão entre os investimentos realizados e a renda interna gerada cresceu de 0,05 em 1970 para 0,38 em 1975 regredindo para 0,20 em 1980; concluiu-se portanto, que entre 1975 e 1980 a renda interna agrícola cresceu a taxas superiores a dos investimentos realizados. Vale ressaltar que todos os valores correntes foram transformados em cruzeiros de 1990 mediante o corte de zeros e corrigidos pelo índice de preços, para cruzeiros de março de 1986.

Por outro lado, o nível dos investimentos por hectare de área explorada foi crescente nas regiões Cacaueira e Litorânea, em todo o período estudado, de dezenove e quatorze centavos por ha em 1970 para Cr\$ 0,84 e Cr\$ 0,47 em 1975 respectivamente, para as regiões acima. Em 1980 as duas regiões apresentaram o mesmo nível de investimento por ha explorado, de Cr\$ 1,06. Já na região Tabuleiros de Valença esta razão cresceu no período de 1970 e 1975 de Cr\$ 0,14 por ha para Cr\$ 1,29, decrescendo no período de 1975 e 1980 para Cr\$ 1,00 por hectare. Deste modo, pode-se inferir que, apesar da existência de diferenças no nível de investimento por hectare explorado nos anos de 1970 e 1975, em 1980 o nível foi praticamente o mesmo para as regiões em estudo (Tabela E4).

3.5 - População

3.5.1 - Composição da população segundo sua localização

Existem diferenças substanciais na composição da população segundo sua localização, no confronto entre a região Cacaueira e as outras duas regiões estudadas. A participação da população rural, em todos os anos estudados apresentou-se maior na região Litorânea, em torno de 85%. Também na região Tabuleiros de Valença a participação da população rural no total foi superior à da Cacaueira. Em 1970 foi de 64,97%, em 1975 de 65,53% e em 1980 66,06%. Na região Cacaueira cerca de 48,16% da população localizava-se na zona rural em 1970, em 1975 46,42% e em 1980 44,88% (TABELA 10).

As mudanças e transformações econômicas que possam ter ocorrido nas regiões em estudo apresentaram intensidades e direcionamento diferentes. Conforme o exposto, observou-se que enquanto na região Cacaueira a participação da população urbana no total vem crescendo de 1970 a 1980, embora muito lentamente, na Tabuleiros de Valença decresceu também lentamente no período; e na Litorânea permaneceu praticamente constante no mesmo período.

A estatística do χ^2 permite a comprovação de que existe uma associação entre a composição da população segundo sua localização e as regiões em estudo. Na região Cacaueira a composição encontra-se mais equilibrada do que nas demais regiões estudadas, com uma concentração maior da população na zona urbana, enquanto nas demais regiões, ocorre uma maior concentração da população na zona rural.

3.5.2 - Evolução da população segundo sua localização

No período compreendido entre 1970 e 1980 a população da região Cacaueira cresceu a taxas geométricas de 2,73%

TABELA 10 - Distribuição da população segundo sua localização em números absolutos (A) e relativos (%) nas microrregiões selecionadas 1970/80.

Anos e MRHS	Discriminação		População Urbana		População Rural		População Total		χ^2
	(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)	
1970	Cacaueira	326.526	51,84	303.398	48,16	629.924	100,00		
	Tabuleiros	48.845	35,03	90.606	64,97	139.451	100,00	5,7501 ²	
	Litorânea	27.119	14,76	156.559	85,24	183.678	100,00	30,9514 ¹	
1975*	Cacaueira	385.320	53,48	335.121	46,52	720.441	100,00		
	Tabuleiros	56.900	34,47	108.150	65,53	165.050	100,00	7,3339 ¹	
	Litorânea	30.711	14,71	178.037	85,29	208.748	100,00	33,4425 ¹	
1980	Cacaueira	454.700	55,12	370.160	44,88	824.860	100,00		
	Tabuleiros	66.331	33,94	129.092	66,06	195.423	100,00	9,0806 ¹	
	Litorânea	34.778	14,66	202.462	85,34	237.240	100,00	36,0308 ¹	

FONTE: FIBGE - Censo Demográfico da Bahia, 1970 e 1980.

* População estimada a partir dos dados de 1970 e 1980;

1 Significativo ao nível de 1% de probabilidade;

2 Significativo ao nível de 2% de probabilidade.

ao ano; na Tabuleiros de Valença de 3,43% e na Litorânea a uma taxa de 2,59% ao ano. A população urbana cresceu a taxa superior à da total na região Cacaueira (3,37% ao ano) e nas regiões Tabuleiros de Valença e Litorânea a população rural é que cresceu a taxa superior à da total (3,6% e 2,6% ao ano), respectivamente (TABELA F1 do APÊNDICE F).

3.5.3 - Composição da população por grupos de idade

Por outro lado, a distribuição da população por grupos de idade entre as três regiões não apresentou praticamente nenhuma diferença. O teste do χ^2 mostra não existir associação entre a distribuição da população por grupos de idade e as regiões.

A população entre zero e quatorze anos em 1970 na região Cacaueira da Bahia representava 45,30% do total; na Tabuleiros de Valença 46,45% da população estava nessa faixa de idade; e na Litorânea cerca de 48,52%. Em 1980, na Cacaueira cerca de 44,46 estavam nessa faixa, na Tabuleiros de Valença 45,29% e na Litorânea 45,91% (TABELA F2).

A razão de dependência fornece subsídios para a indicação do contingente de pessoas inativas, isto é, qual a relação entre as pessoas que podem trabalhar e as que não podem levando em consideração a idade. Na TABELA F3 apresentam-se estas razões de dependência. Em 1970 a razão de dependência para a região Cacaueira foi de 93,94%, mantendo-se constante em 1980. Na região Tabuleiros de Valença, em 1970 era de 99,28% decrescendo para 96,69% em 1980. Na Litorânea, em 1970 foi de 104,27% e em 1980 97,22%. Depreende-se, portanto, que na região Cacaueira as populações ativa e inativa cresceram praticamente numa mesma magnitude, enquanto nas regiões Tabuleiros de Valença e Litorânea a população ativa cresceu à taxa superior à da inativa. Vale ressaltar que em 1970 na região Litorânea, a população que ainda não atingiu a idade de trabalhar era superior à população ativa.

3.6 - Mão-de-Obra

3.6.1 - Composição da mão-de-obra

Os dados apresentados na TABELA 11 mostram as diferenças existentes na composição da mão-de-obra entre as regiões. São evidentes as mudanças na importância relativa das categorias, principalmente nos empregados permanentes e responsáveis não remunerados^{5/}. Na região Cacaueira o empregado permanente cresceu em importância relativa. Em 1970 cerca de 25,53% do total da mão-de-obra estavam nessa categoria; e em 1985, 42,41%. Por outro lado a mão-de-obra familiar decresceu em importância relativa no período estudado. Assim, em 1970 representava 54,08% do total; e em 1985 passou a representar 37,79%.

Para a região Tabuleiros de Valença os empregados permanentes representavam em 1970 cerca de 7,89% do total; e em 1985 evoluíram para 17,96%; já os responsáveis não remunerados, mesmo apresentando tendência decrescente no período estudado, constituem uma categoria muito importante na produção agrícola. Em 1970, do total da mão-de-obra existente, 78,08% estavam nessa categoria e em 1985 o percentual decresceu para 58,83% (Tabela 11).

Na região Litorânea a participação do empregado permanente no total da mão-de-obra, cresceu de 4,40% em 1970 para 19,19% em 1985, enquanto a mão-de-obra familiar decresceu de 82,92% do total em 1970 para 49,46% em 1984 (Tabela 11).

Vale ressaltar a importância do trabalho permanente para a região Cacaueira da Bahia, demonstrando que o padrão

^{5/} "Responsáveis não remunerados" são representados pela mão-de-obra familiar.

TABELA 11 - Pessoal ocupado por categoria no setor agrícola em percentagens (%) nas microregiões selecionadas, 1970/85.

Anos e MRHs	Categorias	Pessoal Ocupado (%)						X ²
		Empregados		Responsáveis não Remunerados	Parceiros	Outros	Total	
		Permanentes	Temporários					
1970	Cacaueira	25,53	19,03	54,08	0,38	0,98	100,00	
	Tabuleiros	7,89	13,27	78,08	0,16	0,60	100,00	14,8674 ¹
	Litorânea	4,40	10,57	82,92	0,74	1,37	100,00	23,5677 ¹
1975	Cacaueira	37,49	12,43	49,12	0,08	0,88	100,00	
	Tabuleiros	12,07	18,60	68,09	0,38	0,86	100,00	17,5304 ¹
	Litorânea	13,78	7,97	72,95	0,83	4,47	100,00	19,6054 ¹
1980	Cacaueira	38,85	21,94	38,99	0,22	-	100,00	
	Tabuleiros	14,15	17,63	67,87	0,35	-	100,00	19,8151 ¹
	Litorânea	17,72	16,97	64,57	0,74	-	100,00	15,1254 ¹
1985	Cacaueira	42,41	18,63	37,79	0,08	1,09	100,00	
	Tabuleiros	17,96	20,26	58,83	0,38	2,57	100,00	15,3446 ¹
	Litorânea	19,19	28,59	49,46	0,43	2,33	100,00	13,0997 ²

FONTE: Tabela G1 do Apêndice G.

1 Significativo ao nível de 1% de probabilidade;

2 Significativo ao nível de 2% de probabilidade.

de desenvolvimento da região se baseia principalmente no avanço das relações capitalistas no campo.

Os resultados da análise da estatística do qui-quadrado servem para endossar as afirmações acima, da existência de uma associação entre as categorias da mão-de-obra e as regiões. Na comparação entre a região Cacaueira e as Tabuleiros de Valença e Litorânea ocorre a predominância do emprego permanente na Cacaueira e do familiar nas demais regiões.

3.6.2 - Evolução da mão-de-obra

No período compreendido entre 1970 e 1975 a mão-de-obra permanente cresceu a uma taxa maior do que a registrada para o total de mão-de-obra empregada em todas as regiões estudadas. Na região Cacaueira cresceu a 12,01% ao ano enquanto a mão-de-obra total crescia a 3,73% ao ano. Na Tabuleiros de Valença o emprego permanente cresceu a uma taxa média anual de 12,78% e a mão-de-obra total a 3,58%. Na Litorânea a mão-de-obra permanente cresceu a 28,93% ao ano e a total a 2,61%. No período de 1975 a 1980 ocorreu um decrécimo no total da mão-de-obra ocupada na agricultura na região Litorânea de 3,18% ao ano, sendo que os responsáveis pelo decréscimo foram as categorias dos parceiros com 5,36% ao ano, e a mão-de-obra familiar com uma queda estimada em 5,51% (TABELA G2 do APÊNDICE G).

Para o período como um todo, de 1970 a 1985, houve acrécimos da mão-de-obra ocupada na agricultura em todas as regiões estudadas. Na região Cacaueira o crescimento total foi de 5,06% ao ano, com a mão-de-obra permanente crescendo 8,68% ao ano, a temporária 4,91%, a familiar 2,58%, outras categorias 5,83% e a parceria decrescendo de 5,55% ao ano. Na Tabuleiros de Valença o crescimento da mão-de-obra total foi de 5,16% ao ano. Para a mão-de-obra permanente registrou-se um acrécimo de 11,09%, para a mão-de-obra temporária o

crescimento foi de 8,17%, para o familiar o crescimento foi de 3,20%, enquanto que para a parceria a evolução foi na ordem de 11,42% e para as demais categorias a evolução foi de 15,83% ao ano. Na Litorânea a mão-de-obra total cresceu apenas 1,20% ao ano, a permanente 11,64%, a temporária 8,14%, outras categorias 4,83% e a familiar e em parceria decresceram no período de 2,22% e 2,29% ao ano, respectivamente (Tabela G2).

No geral pode-se inferir que o crescimento registrado para as regiões Cacaueira e Tabuleiros de Valença foram praticamente os mesmos, embora tenham apresentado taxas numericamente diferenciadas entre as categorias.

3.6.3 - Mudanças inter setoriais do emprego

As mudanças na alocação da população economicamente ativa (PEA), entre os setores econômicos pode se constituir num indicador da direção do processo de modernização da economia regional.

A estrutura do emprego na região Cacaueira da Bahia vem mudando muito lentamente de 1970 a 1980. A PEA do setor agrícola decresceu de 57,82% do total em 1970 para 53,07% em 1980. A do setor industrial por sua vez cresceu em termos relativos de 10,53% do total em 1970 para 12,05% em 1980. A PEA do setor de serviços também apresentou tendência crescente de 31,65% do total em 1970 para 34,88% em 1980 (TABELA 12).

As mesmas tendências apareceram nas demais regiões em estudo. Na região Tabuleiros de Valença a PEA da agricultura correspondia em 1970, a 74,84% do total e, em 1980, a 71,79%. Já a do setor industrial representava, em 1970 cerca de 9,28% do total e, em 1980, 9,93%. A do setor de serviços cresceu de 15,88% do total em 1970 para 18,28% em 1980 (Tabela 12).

Na região Litorânea do Extremo Sul da Bahia em 1970, a PEA do setor agrícola correspondia a 75,16% do total e em 1980 a cerca de 49,39%. A do setor industrial representava,

TABELA 12 - População economicamente ativa (PEA) por setor de atividade em números absolutos (A) e relativos (%) nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHs	Setor de Atividade	PEA									X ²	
		Agricultura			Indústria			Serviços				Total
		(A)	(%)	(%)	(A)	(%)	(%)	(A)	(%)	(%)		(A)
1970	Cacaueira	112.905	57,82	20.567	10,53	61.795	31,65	195.267	100,00			
	Tabuleiros	30.051	74,84	3.726	9,28	6.374	15,88	40.151	100,00			7,4937 ²
	Litorânea	38.741	75,16	3.775	7,32	9.031	17,52	51.547	100,00			6,8977 ³
1975*	Cacaueira	126.369	55,46	25.700	11,28	75.799	33,26	227.868	100,00			
	Tabuleiros	36.711	73,35	4.809	9,61	8.531	17,04	50.051	100,00			7,8483 ¹
	Litorânea	36.294	63,25	6.774	11,80	14.315	24,95	57.383	100,00			1,7090 ^{ns}
1980	Cacaueira	141.439	53,07	32.114	12,05	92.977	34,88	266.530	100,00			
	Tabuleiros	44.847	71,79	6.206	9,93	11.417	18,28	62.470	100,00			8,1946 ¹
	Litorânea	34.001	49,39	12.155	17,65	22.692	32,96	68.848	100,00			1,2424 ^{ns}

FONTE: FIBGE - Censo Demográfico da Bahia, 1970 e 1980.

* PEA estimada;

- 1 Significativo ao nível de 1% de probabilidade;
 - 2 Significativo ao nível de 2,5% de probabilidade;
 - 3 Significativo ao nível de 4% de probabilidade;
- ns Não significativo.

em 1970, 7,32% do total e em 1980 cerca de 17,65%. Por outro lado, a PEA do setor de serviços cresceu de 17,52% do total em 1970 para 32,96% em 1980 (Tabela 12).

A seguir, é analisado o crescimento do emprego nos setores econômicos (ver TABELA G3). Constata-se que a PEA no setor agrícola cresceu à taxas médias anuais inferiores às registradas para os setores industrial e de serviços, nas regiões Cacaueira e Tabuleiros de Valença, entre 1970 e 1980. Para a região Litorânea a PEA do setor agrícola decresceu no mesmo período. Observa-se que o crescimento da PEA não agrícola foi muito maior na região Litorânea, de 12,41% ao ano em 1970 a 1980 para o setor industrial e de 9,65% ao ano para o setor de serviços. Na região Cacaueira a PEA do setor industrial cresceu a uma taxa média anual de 4,56% de 1970 a 1980 e a do setor de serviços de 4,17%. Na região Tabuleiros de Valença a PEA do setor industrial cresceu de 5,24% ao ano e a do setor de serviços de 6,00% ao ano, no mesmo período. As menores taxas de crescimento ocorreram na região Cacaueira da Bahia para as atividades não agrícolas.

Dessa maneira pode-se afirmar que as mudanças que ocorreram nas estruturas da população economicamente ativa entre os setores, embora muito lentamente, foram em direção ao desencadeamento do processo de desenvolvimento.

3.7 - A Terra na Agricultura

3.7.1 - O uso da terra

A análise da TABELA 13 mostra as diferenças no uso da terra entre as três regiões. Em 1970, do total da área da região Cacaueira da Bahia, 27,64% estavam com lavouras, 23,87% com pastagens, 34,15% com matas e florestas e 14,34% não eram utilizadas. Na Tabuleiros de Valença, 32,41% das terras estavam ocupadas com lavouras, 6,69% com pastagens, 45,36% com matas e florestas e 15,54% não eram utilizadas. Por outro

TABELA 13 - Utilização das terras segundo o tipo de exploração em termos percentuais (%) nas microregiões selecionadas, 1970/85.

Anos e MRHs	Discriminação	Tipo de Exploração (%)					Taxa de Ocupação da Área Disponível para Lavouras* (%)	x ²	
		Lavouras		Pastagens	Matas e Florestas	Produtivas não Utilizadas e em Descanso			Total
		Permanentes	Temporárias						
1970	Cacaueira	24,74	2,90	23,87	34,15	14,34	100,00	65,84	
	Tabuleiros	26,20	6,21	6,69	45,36	15,54	100,00	67,60	
	Litorânea	2,57	3,68	42,27	35,85	15,63	100,00	28,56	
1975	Cacaueira	28,37	4,25	25,04	28,47	13,87	100,00	70,16	
	Tabuleiros	30,41	7,69	8,38	32,24	21,28	100,00	64,16	
	Litorânea	2,74	5,52	54,70	22,43	14,61	100,00	36,12	
1980	Cacaueira	35,54	1,49	24,06	25,44	13,47	100,00	73,33	
	Tabuleiros	29,91	3,52	7,74	36,99	21,84	100,00	60,48	
	Litorânea	3,70	5,35	52,00	25,69	13,26	100,00	40,56	
1985	Cacaueira	38,08	1,59	26,14	22,92	11,27	100,00	77,87	
	Tabuleiros	39,11	3,59	7,09	31,97	18,24	100,00	70,07	
	Litorânea	5,19	5,43	52,64	25,42	11,32	100,00	48,40	

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário da Bahia, 1970, 1975, 1980 e tabulações especiais para 1985.

- * Taxa de ocupação - área c/lavouras/(área c/lavouras + produtivas ã utilizadas e em descanso) x 100;
- 1 Significativo ao nível de 1% de probabilidade;
- 2 Significativo ao nível de 2% de probabilidade;
- 3 Significativo ao nível de 2,5% de probabilidade.

lado, na região Litorânea a distribuição percentual é adversa à das regiões acima, apenas 6,25% das terras estavam ocupadas com lavouras, 42,27% estavam com pastagens, 35,85% com matas e florestas e 15,63% não eram utilizadas. A distribuição é praticamente a mesma para os demais períodos, verificando-se contudo algumas mudanças nas proporções.

Conjuntamente os dados mostram que no período de 1970 a 1985 as áreas com lavouras permanentes têm crescido em todas as três regiões estudadas. Na Cacaueira cresceu a 2,80% ao ano; na Tabuleiros de Valença a 4,53%; e na Litorânea a 5,94% ao ano. Por sua vez, a área com lavouras temporárias apresentou tendência crescente no período acima apenas para a região Litorânea de 3,76% ao ano, enquanto decresceu nas regiões Cacaueira e Tabuleiros da Valença de 4,04% e 1,88% ao ano, respectivamente. A área com pastagens vem crescendo de 0,49% ao ano na Cacaueira, 2,16% na Tabuleiros de Valença e 2,59% ao ano na Litorânea. As áreas com matas e florestas decresceram em todas as regiões estudadas, e as terras produtivas não utilizadas e em descanso só não decresceram na região Tabuleiros de Valença (TABELA H1 do APÊNDICE H).

As diferenças podem ser facilmente comprovadas através da análise dos resultados encontrados para o teste de dependência via estimativa da estatística do qui-quadrado que evidencia a existência de uma associação entre o tipo de uso da terra e as regiões Cacaueira e Tabuleiros de Valença e Litorânea. Na região Cacaueira predominam nas lavouras permanentes, pastagens, matas e florestas, enquanto que na Tabuleiros de Valença ocorre uma maior concentração do uso da terra em matas, florestas e lavouras permanentes; na Litorânea em pastagens, matas e florestas (Tabela 13).

Os resultados encontrados para a taxa de ocupação da área disponível para lavouras evidencia uma intensificação no uso da terra. As taxas para as regiões Cacaueira e Tabuleiros de Valença são maiores do que as estimadas para a região Litorânea. Convém salientar que mais de 50% da área da

região Litorânea de 1975 a 1985 estavam ocupadas com pastagens. Na região Cacaueira, 65,84% das terras disponíveis para lavouras estavam ocupadas; na Tabuleiros de Valença 67,60% e na Litorânea apenas 28,56%. A tendência é crescente entre 1970 e 1980 (Tabela 13).

3.7.2 - A distribuição da terra

A distribuição dos estabelecimentos agrícolas segundo o tamanho nas regiões estudadas, apresenta uma configuração muito semelhante. Analisando os dados mostrados na TABELA H5 do APÊNDICE H, observa-se que em 1970, na região Cacaueira, 19,33% dos estabelecimentos tinham menos de 10 hectares e ocupavam cerca de 1,42% da área. Entretanto 0,4% dos estabelecimentos tinham mais de 1000 hectares e ocupavam 18,06% da área. Oitenta e sete por cento dos estabelecimentos tinham menos de 100 hectares ocupando 38,69% da área.

Na região Tabuleiros de Valença em 1970, 45,74% dos estabelecimentos tinham menos de 10 hectares e ocupavam 5,93% da área. Por outro lado, 0,12% dos estabelecimentos tinham mais de 1000 hectares e ocupavam 10,47% da área. Noventa e cinco por cento dos estabelecimentos possuíam menos de 100 hectares, ocupando 55,24% da área (TABELA H6).

Constata-se pelas evidências mostradas na TABELA H7, que em 1970 na região Litorânea apenas 9,07% dos estabelecimentos tinham menos de 10 hectares, ocupando 0,4% da área. Os estabelecimentos maiores de 1000 hectares correspondiam a 1,09% e ocupavam 22,17% da área. Contudo, 73,71% dos estabelecimentos tinham menos de 100 hectares ocupando 26,11% da área.

Em 1985, na região Cacaueira da Bahia, cerca de 37,24% dos estabelecimentos possuíam menos de 10 hectares, ocupando apenas 2,42% da área total. Já os estabelecimentos com mais de 1000 hectares correspondiam a 0,25% do total e ocupavam 11,11% da área. Cerca de 91% dos estabelecimentos possuíam menos de 100 hectares, ocupando 43,7% da área (Tabela H5).

Para a região Tabuleiros de Valença os dados da TABELA H6 mostram que em 1985 cerca de 56,49% dos estabelecimentos tinham menos de 10 hectares de área, ocupando 9,16% da área total. Por outro lado, 0,1% dos estabelecimentos possuíam mais de 1000 hectares e ocupavam 10,04% da área total. Noventa e seis por cento dos estabelecimentos tinham menos de 100 hectares de área, ocupando 54,86% da área total.

Na região Litorânea em 1985, cerca de 21,89% dos estabelecimentos possuíam menos de 10 hectares de área e ocupavam 0,6% da área total. Os estabelecimentos com mais de 1000 hectares correspondiam a 2,31% do total e ocupavam 41,41% da área. Por outro lado, cerca de 76,21% dos estabelecimentos possuíam menos de 100 hectares de área, ocupando 14,56% da área total (TABELA H7).

Estes resultados podem ser complementados pelos índices de concentração de Gini calculados para as três regiões.

Na região Cacaueira o índice de Gini apresenta tendência decrescente de 1970 a 1975, de 0,67 para 0,66. De 1980 a 1985 cresce de 0,69 para 0,72. Na região Tabuleiros de Valença entre 1970 e 1975 o índice de Gini permanece constante em 0,69; de 1980 a 1985 cresce de 0,71 para 0,72. Na região Litorânea o índice apresenta uma tendência crescente em todo o período estudado, de 0,65 em 1970 para 0,79 em 1985. Deste modo pode-se inferir que apesar de em 1970 a região Litorânea apresentar uma melhor distribuição da terra do que as demais regiões estudadas, por outro lado, em 1985, apre

senta uma distribuição mais concentrada, muito embora os resultados coloquem as três regiões numa mesma categoria, considerada como uma concentração forte^{6/} (TABELA 14).

A concentração da terra delinea por sua vez, a concentração dos recursos produtivos, influenciando deste modo negativamente no processo de desenvolvimento.

3.7.3 - A posse da terra

Os resultados mostrados na TABELA 15 sugerem que a maioria dos estabelecimentos agrícolas das regiões estudadas é explorada pelos proprietários. De 1970 a 1985, na região Cacaueira, em torno de 90% dos estabelecimentos são explorados por proprietários, os arrendatários eram responsáveis pela administração de apenas 0,72% das propriedades em 1970 e em 1985 por 1,15%. A participação da parceria como forma de administração decresceu no período de 1970 a 1985 de 0,99% para 0,29% do total. Também a categoria dos ocupantes decresceu de 8,01% do total em 1970 para 7,49% em 1985.

Na região Tabuleiros de Valença, em 1970, 87,98% dos estabelecimentos eram explorados pelos proprietários; de 1975 a 1980 o percentual cresceu para algo em torno de 90% decrescendo para 78,71% do total em 1985. Os estabelecimentos que eram explorados por ocupantes cresceram de 9,28% em 1970 para 19,77% em 1985. Menos de 1% dos estabelecimentos eram explorados por arrendatários ou parceiros em todo o período estudado (Tabela 15).

^{6/}Segundo classificação de CÂMARA (1949) o índice de Gini pode proporcionar os seguintes tipos de concentração: de 0,00 a 0,100 concentração nula; de 0,101 a 0,250 concentração nula a fraca; de 0,251 a 0,500 concentração fraca a média; de 0,501 a 0,700 concentração média a forte; de 0,701 a 0,900 concentração forte a muito forte; de 0,901 a 1,00 concentração muito forte a absoluta.

TABELA 14 - Índice de concentração da terra¹ nas microrregiões selecionadas, 1970/85.

MRHS	Anos e Índice											
	1970			1975			1980			1985		
	GF ² / ₂	G ³ / ₃	G	GF	G	G	GF	G	GF	G	GF	G
Cacaueira	0,66	0,67	0,66	0,64	0,66	0,66	0,66	0,69	0,70	0,70	0,72	
Tabuleiros	0,68	0,69	0,69	0,68	0,69	0,69	0,69	0,71	0,71	0,71	0,72	
Litorânea	0,63	0,65	0,69	0,67	0,69	0,75	0,75	0,77	0,78	0,78	0,79	

FONTE: Tabelas H2, H3 e H4 do Apêndice H.

- 1 Calculado através do Índice de Gini;
- 2 Índice de Gini (subestimado);
- 3 Índice de Gini (levando em consideração a desigualdade entre os estratos).

TABELA 15 - Distribuição do número e área dos estabelecimentos em percentagens (%) segundo a condição do produtor nas microrregiões selecionadas, 1970/85.

Anos e MRHs	Discriminação	Condição do Produtor (%)						Total	x ²			
		Proprietário		Arrendatário		Parceiro				Ocupante		
		Estabele- cimento	Área	Estabele- cimento	Área	Estabele- cimento	Área			Estabele- cimento	Área	
1970												
	Cacaueira	90,28	96,65	0,72	0,46	0,99	0,55	8,01	2,34	100,00	100,00	
	Tabuleiros	87,98	94,51	0,65	0,40	2,09	0,98	9,28	4,11	100,00	100,00	1,1643 ^{ns}
	Litorânea	87,73	93,76	0,17	0,07	3,01	1,19	9,09	4,98	100,00	100,00	3,0235 ^{ns}
1975												
	Cacaueira	93,66	98,48	0,45	0,16	0,11	0,20	5,78	1,16	100,00	100,00	
	Tabuleiros	90,43	96,43	1,10	0,24	0,94	0,70	7,53	2,63	100,00	100,00	2,1254 ^{ns}
	Litorânea	96,34	96,52	0,06	0,02	0,18	0,18	3,42	3,28	100,00	100,00	2,0841 ^{ns}
1980												
	Cacaueira	91,77	98,10	1,23	0,28	0,55	0,43	6,45	1,19	100,00	100,00	
	Tabuleiros	91,12	97,47	1,40	0,43	0,79	0,78	6,69	1,32	100,00	100,00	0,2134 ^{ns}
	Litorânea	92,27	97,01	0,92	0,67	1,54	0,75	5,27	1,57	100,00	100,00	0,9498 ^{ns}
1985												
	Cacaueira	91,07	96,88	1,15	0,85	0,29	0,45	7,49	1,82	100,00	100,00	
	Tabuleiros	78,71	92,08	0,88	0,44	0,64	0,64	19,77	6,84	100,00	100,00	9,7940 ¹
	Litorânea	87,53	94,35	1,61	0,99	0,61	1,08	10,25	3,58	100,00	100,00	1,5734 ^{ns}

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário da Bahia, 1970, 1975, 1980 e tabulações especiais para 1985.

1 Significativo ao nível de 2,5% de probabilidade;

ns Não significativo.

A mesma tendência foi observada para a região Litorânea, onde em 1970 e 1985, 87% dos estabelecimentos eram explorados por proprietários; vale ressaltar que entre 1975 e 1980 o percentual foi superior aos 90%. Os estabelecimentos explorados por ocupantes cresceram de 9,09% do total em 1970 para 10,25% em 1985, e os estabelecimentos que eram explorados por arrendatários cresceram de 0,17% do total em 1970 para 1,61% em 1985. Por outro lado, em 1970, 3,01% dos estabelecimentos eram explorados em parceria e em 1985 cerca de 0,61% (Tabela 15).

A estimativa da estatística do qui-quadrado revela que com exceção da região Tabuleiros de Valença, em 1985, não existe nenhuma relação de dependência entre a condição do produtor e as regiões estudadas.

3.8 - A Formação do Capital

As regiões Cacaueira e Tabuleiros de Valença apresentam a mesma composição na formação do estoque de capital em todo o período estudado. Os principais itens do estoque de capital foram as culturas permanentes e as terras. Na região Cacaueira, a participação das culturas permanentes no total da formação do estoque de capital cresceu de 45,78% em 1970 para 48,05% em 1980. A participação das terras, cresceu de 36,52% em 1970 para 38% em 1980. Por outro lado, na região Tabuleiros de Valença, a participação das terras no total, decresceu de 40,80% em 1970 para 29,79% em 1980. A participação das culturas permanentes evoluiu de 45,15% em 1970 para 57,59% em 1980 (TABELA 16).

Na região Litorânea, os principais itens do estoque de capital foram as terras, que representavam em 1970 cerca de 53,63% do valor total; passando em 1975 para 71,61%; e em 1980 para 61,26%. Em seguida vem o valor dos animais que

em 1970 correspondia a 22,83% do valor total, decrescendo em 1975 para 14,45% e recuperando-se em 1980 para 15,04%. As culturas permanentes representavam em 1970 cerca de 9,78% do valor total e em 1980, 10,92% (Tabela 16).

A participação das máquinas e veículos no estoque total de capital se manteve constante nas regiões Cacaueira e Tabuleiros de Valença, cerca de 1% nas duas regiões. Por outro lado apresentou tendência crescente na região Litorânea entre 1970 e 1980, de 1,08% para 4,54%. Também a participação dos prédios residenciais no total do estoque permaneceu constante nas regiões Cacaueira e Tabuleiros de Valença, cerca de 8% e 7% do valor total, respectivamente para as duas regiões. Na região Litorânea decresceu de 6,88% em 1970 para 4,53% em 1980 (Tabela 16).

O teste de dependência via estimativa da estatística do qui-quadrado evidencia uma relação de dependência entre a distribuição do estoque de capital por modalidades e a região Cacaueira "versus" Litorânea. O item mais importante para a região Cacaueira é o das culturas permanentes enquanto que para a Litorânea ocorreu uma maior concentração do estoque de capital em terras.

As mudanças que ocorreram entre as regiões no período estudado demonstraram que apenas os valores do estoque de capital em terras na região Litorânea no período de 1975 a 1980, e em instalações e outras benfeitorias na Cacaueira, no mesmo período, decresceram em termos reais. No geral, observaram-se acréscimos dos valores reais para o estoque de Capital em todas as regiões estudadas. O estoque de capital na região Cacaueira cresceu em média 17,22% ao ano, de 19,22% na região Tabuleiros de Valença e de 17,13% na Litorânea. Infere-se portanto que as regiões Cacaueira e Litorânea apresentaram a mesma taxa média anual de crescimento do valor real para o estoque de capital (TABELA II do APÊNDICE I).

TABELA 16 - Distribuição do estoque de capital por modalidade, em percentagens (%) nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHs	Discriminação	1970					1975			1980			Total	X ²	
		Terras Residenciais e para Fins Sociais	Prédios Residenciais e para Fins Sociais	Instalações e Outras Benfeitorias	Culturas Permanentes	Aninais de Criação e Trabalho	Máquinas e Instrumentos Agrários	Veículos e Outros Meios de Transporte	Total	X ²					
1970	Cacaueira	36,52	8,99	4,25	45,78	3,81	0,26	0,39	100,00						
	Tabuleiros	40,80	7,36	2,68	45,15	3,01	0,67	0,33	100,00					1,0367 ^{ns}	
	Litorânea	53,63	6,88	5,80	9,78	22,83	0,36	0,72	100,00					40,7856 ^l	
1975	Cacaueira	37,13	7,56	5,69	45,25	3,72	0,28	0,37	100,00						
	Tabuleiros	27,55	6,11	3,21	58,66	3,47	0,48	0,52	100,00					4,0805 ^{ns}	
	Litorânea	71,61	4,21	3,46	5,11	14,44	0,62	0,55	100,00					50,9146 ^l	
1980	Cacaueira	38,00	8,68	2,42	48,05	2,21	0,27	0,37	100,00						
	Tabuleiros	29,79	7,36	2,19	57,59	1,99	0,46	0,62	100,00					2,1056 ^{ns}	
	Litorânea	61,26	4,53	3,71	10,92	15,04	2,21	2,33	100,00					42,8764 ^l	

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário da Bahia, 1970, 1975 e 1980.

l Significativo ao nível de 1% de probabilidade;

ns Não significativo.

A análise das diferenças entre as médias e das variações mostram que o valor médio do estoque de capital por município, com exceção de 1975 na região Litorânea do Extremo Sul da Bahia é estatisticamente diferente no confronto entre a região Cacaueira e as outras duas. O valor médio do estoque de capital é sempre maior para a Cacaueira, porém existe uma maior variação no montante do estoque de capital entre os municípios da região Cacaueira da Bahia (TABELA 12).

3.9 - Outros Indicadores do Grau de Desenvolvimento

3.9.1 - O uso de insumos modernos

Dada a não disponibilidade de informações sobre as quantidades de fertilizantes e defensivos utilizados no setor agrícola, tenta-se uma análise através do valor dispendido com esses insumos. Os valores foram corrigidos pelo índice geral de preços da FGV - disponibilidade interna - a preços de março de 1986.

Segundo os dados mostrados na TABELA 17, em 1970, na região Cacaueira, foram gastos com adubos e corretivos Cr\$ 90,00 reais por hectare explorado, na Tabuleiros de Valença Cr\$ 34,00 e na Litorânea Cr\$ 7,00. Entre 1970 e 1980, verificou-se um aumento real nos gastos realizados com adubos e corretivos por hectare explorado em todas as regiões estudadas, maior para a região Litorânea e Tabuleiros de Valença de 1128,57% e 623,53% respectivamente e menor para a região Cacaueira que cresceu no mesmo período 273,33%. Vale salientar que os valores em cruzeiros reais por hectare explorado são mais altos na região Cacaueira do que nas demais regiões em estudo, em todo o período estudado. Em 1970 a relação cruzeiros reais gastos com adubos e corretivos por hec

TABELA 17 - Valor real das despesas com adubos e corretivos, defensivos agrícolas e sementes e mudas por hectare explorado nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHs	Discriminação	Valor das Despesas					
		Adubos e Corretivos		Defensivos Agrícolas		Sementes e Mudanças	
		Cr\$ Reais/ha Explorado	Índice Base: 1970=100	Cr\$ Reais/ha Explorado	Índice Base: 1970=100	Cr\$ Reais/ha Explorado	Índice Base: 1970=100
1970							
	Cacaueira	90	100,00	20	100,00	10	100,00
	Tabuleiros	34	100,00	18	100,00	7	100,00
	Litorânea	7	100,00	14	100,00	6	100,00
1975							
	Cacaueira	254	282,22	55	275,00	19	190,00
	Tabuleiros	171	502,94	39	216,67	53	757,14
	Litorânea	26	371,43	16	114,29	12	200,00
1980							
	Cacaueira	336	373,33	116	565,00	13	130,00
	Tabuleiros	246	723,53	51	283,33	28	400,00
	Litorânea	86	1.228,57	36	257,14	25	416,67

FONTE: Tabela 13 e J1 do Apêndice J.

tare explorado na região Tabuleiros de Valença era menor do que a da Cacaueira em 62,22%; e a da região Litorânea era menor em 92,22%. Em 1980, esta relação na região Tabuleiros de Valença foi menor do que a da Cacaueira em 26,79% e em 74,40% na região Litorânea.

Contudo, a relação valor real gasto com defensivos agrícolas por hectare explorado, muito embora os valores sejam maiores para a região Cacaueira não segue a mesma tendência acima explicada, onde a diferença vem decrescendo. Em 1970, na região Cacaueira eram gastos Cr\$ 20,00 reais por hectare explorado, na Tabuleiros de Valença Cr\$ 18,00 e na Litorânea Cr\$ 14,00. Na região Cacaueira o aumento real entre 1970 e 1980 foi de 465,00%, na Tabuleiros de Valença de 183,00% e na Litorânea de 137,14%. A diferença entre o valor real gasto com defensivos agrícolas por hectare explorado na região Cacaueira e nas outras duas regiões estudadas apresentou tendência crescente. Em 1970, na região Tabuleiros de Valença a relação cruzeiros reais gastos com defensivos agrícolas por hectare explorado foi menor do que a da Cacaueira em 10% e na Litorânea em 30%, crescendo a diferença em 1980 para 54,87% na região Tabuleiros de Valença e para 68,14% na Litorânea (Tabela 17).

Com relação às despesas com sementes e mudas, observou-se que em 1970 na região Cacaueira eram gastos Cr\$ 10,00 reais por hectare explorado, na Tabuleiros de Valença Cr\$ 7,00 e na Litorânea Cr\$ 6,00. Na região Cacaueira ocorreu um acréscimo entre 1970 e 1975 para Cr\$ 19,00 reais por hectare explorado, decrescendo para Cr\$ 13,00 em 1980. Na região Tabuleiros de Valença observou-se a mesma tendência. Contudo, os valores entre 1975 e 1980 são maiores do que os da região Cacaueira. Na Litorânea o valor real gasto com sementes e mudas por hectare explorado apresentou tendência crescente no período estudado. Em 1980 se gastou mais na região Litorânea com sementes e mudas por hectare explorado do que na região Cacaueira (Tabela 17).

Estes resultados podem ser complementados verificando-se a participação desses insumos na composição das despesas totais efetuadas na agricultura (ver TABELA J1 do APÊNDICE J). Em 1970, os gastos realizados com adubos e corretivos na região Cacaueira representavam 6,30% do total; na região Tabuleiros de Valença cerca de 4,16% e na Litorânea apenas 1,97%. A participação dos gastos com adubos e corretivos no total das despesas agrícolas vem crescendo de 1970 a 1980 nas três regiões. Em 1980, foi de 9,11% do total, na Tabuleiros de Valença de 10,43% e 8,36% na Litorânea. Já com relação à participação dos gastos com defensivos no total das despesas, observou-se que cresceu somente na região Cacaueira quando variou de 1,38% do total em 1970 para 3,07% em 1980. Nas demais regiões estudadas os valores permaneceram praticamente estacionários, com um pequeno decréscimo de 1970 a 1975, voltando em 1980 ao nível de 1970, de aproximadamente 2% e 3% para as regiões Tabuleiros de Valença e Litorânea, respectivamente. Os gastos realizados com sementes e mudas apresentaram tendência crescente na participação do total das despesas, somente para a região Litorânea, em 1970 representavam 1,47% e em 1980 cerca de 2,43% do total. Na região Cacaueira decresceu de 0,67% em 1970 para 0,34% em 1980. Por outro lado, na região Tabuleiros de Valença a participação dos gastos com sementes e mudas no total das despesas agrícolas cresceu de 0,90% em 1970 para 2,68% em 1975, decrescendo para 1,19% em 1980.

Fica evidente a pequena participação relativa dos gastos com insumos modernos no cômputo das despesas totais. Observando os resultados referentes à participação relativa dos gastos com salários na composição das despesas totais, infere-se que o trabalho ainda é o principal meio utilizado na produção agrícola, principalmente nas regiões Cacaueira da Bahia e Tabuleiros de Valença, e que representava em 1980 respectivamente 54,71% e 42,39% do total das despesas com a produção agrícola (Tabela J1, do Apêndice J).

3.9.2 - Mecanização

O número de máquinas e equipamentos agrícolas cresceu principalmente na região Litorânea. Segundo os resultados mostrados na TABELA 18 sobre o número de hectares explorados por trator, verifica-se que apenas em 1970 esta relação foi menor na região Cacaueira da Bahia, isto é, a "performance" foi melhor do que nas demais regiões estudadas. Em 1970, na região Cacaueira a relação foi de 3.075ha explorados por trator, na Tabuleiros de Valença de 3.550 e na Litorânea de 4.486 hectares explorados por trator. Em 1985, na região Cacaueira a média era de 1.443 hectares explorados por trator, na Tabuleiros de Valença 794 e na Litorânea era 341 hectares explorados por trator.

O número de arados de tração animal vem decrescendo na região Cacaueira da Bahia, em todo o período estudado, e por outro lado cresce o número de arados de tração mecânica. Existem diferenças entre as regiões na relação hectares explorados por arado de tração mecânica. A região Litorânea apresenta a menor relação em todo o período, decrescendo de 4.410 hectares explorados em média por arado de tração mecânica em 1970 para 469 em 1985. Na região Cacaueira decresceu da média de 8.012 em 1970 para 2.758 hectares explorados por arado de tração mecânica em 1985. Na região Tabuleiros de Valença em 1970 foi de 4.410 hectares decrescendo para 2.130 hectares explorados por arado de tração mecânica em 1985 (Tabela 18).

Conforme o exposto, pode-se inferir que o uso de máquinas e equipamentos é muito mais intenso nas regiões Litorânea e Tabuleiros de Valença do que na Cacaueira. Isso decorre principalmente do fato de que a cultura do cacau não favorece à mecanização, pelas suas próprias características de cultura permanente e porte das plantações.

TABELA 18 - Hectares explorados por trator e arado de tração animal e mecânica e área irrigada nas micro-regiões selecionadas, 1970/85.

Discriminação	Hectares Explorados										% do Total Explorado
	Por Trator		Por Arado Tração Animal		Por Arado Tração Mecânica		Área Irrigada		Ha	Índice Base: 1970=100	
	Ha/Trator	Índice Base: 1970=100	Ha/Arado	Índice Base: 1970=100	Ha/Arado	Índice Base: 1970=100	Índice	Índice Base: 1970=100			
1970											
Cacaueira	3.075	100,00	5.171	100,00	8.012	100,00	189	100,00			0,03
Tabuleiros	3.550	100,00	24.139	100,00	12.069	100,00	633	100,00			0,52
Litorânea	4.486	100,00	5.204	100,00	4.410	100,00	38	100,00			0,01
1975											
Cacaueira	2.777	90,31	7.290	140,98	6.103	76,17	252	133,33			0,05
Tabuleiros	1.570	44,23	16.799	69,59	4.800	39,77	52	8,21			0,03
Litorânea	1.640	36,56	11.599	222,89	3.011	68,28	2.138	5.626,32			0,68
1980											
Cacaueira	1.166	37,92	9.810	189,71	2.835	35,38	1.833	969,84			0,30
Tabuleiros	962	27,10	7.736	32,05	2.321	19,23	24	3,79			0,01
Litorânea	399	8,89	2.626	50,46	494	11,20	4.886	12.857,89			1,27
1985											
Cacaueira	1.443	46,93	14.671	283,72	2.758	34,42	703	371,96			0,10
Tabuleiros	794	22,37	7.377	30,56	2.130	17,65	29	4,58			0,01
Litorânea	341	7,60	2.585	49,67	469	10,63	6.815	17.934,21			1,30

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário da Bahia, 1970, 1975, 1980 e tabulações especiais para 1985.

3.9.3 - Irrigação

A percentagem de área irrigada é praticamente irrisória nas três regiões estudadas. Na região Cacaueira em todo o período estudado essa percentagem não chegou a 0,5% do total de área explorada. Na região Tabuleiros de Valença a área irrigada em 1970 era de apenas 0,52% decrescendo para níveis inferiores a 0,5% nos demais anos. Na região Litorânea, por outro lado, a tendência é crescente em todo o período, de 0,01% em 1970 para 1,3% em 1985 de área irrigada (Tabela 18).

3.9.4 - Acesso à energia elétrica

Na região Cacaueira em 1970 apenas 0,87% dos estabelecimentos agrícolas utilizavam energia elétrica, crescendo para 5,79% em 1980. Na região Tabuleiros de Valença 0,27% dos estabelecimentos possuíam energia elétrica em 1970 e em 1980 cerca de 1,61%. Na região Litorânea em 1970 era 0,25%, crescendo em 1980 para 2,53% dos estabelecimentos que utilizavam energia elétrica (TABELA J2).

3.9.5 - Associativismo

De uma maneira geral o número de produtores associados à cooperativa é maior na região Cacaueira, principlmente na categoria de comercialização. Em 1970, dos 6,39% dos estabelecimentos cujos proprietários declararam-se asso

ciados às cooperativas, 3,49% eram nas cooperativas de comercialização, 2,53% nas cooperativas de crédito e 0,37% em outros tipos de cooperativas (eletrificação ou consumo). Na região Tabuleiros de Valença, dos 0,22% de associados, 0,13% estavam nas cooperativas de comercialização, 0,07% nas de crédito e 0,02% em outros tipos. Na região Litorânea do total de 0,49% de associados, 0,33% estavam nas cooperativas de comercialização, 0,04% nas de crédito e 0,12% em outros tipos.

O número de associados cresceu no período estudado em todas as regiões. Em 1985, na região Cacaueira, 22,55% dos produtores declararam-se associados às cooperativas; desses, 18,89% estavam nas cooperativas de comercialização, 3,46% nas de crédito e 0,20% em outros tipos de cooperativas. Na região Tabuleiros de Valença, ainda é muito pequeno o número dos estabelecimentos cujos proprietários se declararam associados às cooperativas, 3,86%, sendo 3,47% nas cooperativas de comercialização, 0,34% nas de crédito e 0,05% em outros tipos. Na região Litorânea, o número de proprietários associados às cooperativas corresponde a 8,57% do total, dos quais 6,48% nas cooperativas de comercialização, 1,56% nas de crédito e 0,53% em outros tipos (TABELA J3).

3.9.6 - Armazenagem

O número de depósitos para grãos cresceu no período estudado em todas as regiões. Na região Cacaueira entre 1970 e 1980 cresceu em 50,85%, na Tabuleiros de Valença cresceu em 42,11% e na Litorânea em 155,31%. Deste modo, embora a região Litorânea possua o menor número de depósitos para grãos, foi a região que apresentou o maior índice de crescimento (Tabela J3).

A capacidade estática dos depósitos em metros cúbicos cresceu também muito mais na região Litorânea do que nas demais. Na região Litorânea de 1970 e 1980 cresceu em 356,92%,

na Tabuleiros de Valença em 86,83% e na Cacaueira em 56,01% (Tabela J3).

3.9.7 - Condições habitacionais

Na região Cacaueira o percentual de domicílios duráveis^{6/} cresceu no período estudado, de 63,03% em 1970 para 80,39% em 1980. A mesma tendência verificou-se nas demais regiões estudadas. Na região Tabuleiros de Valença, 51,90% dos domicílios eram considerados como duráveis em 1970 e em 1980 cerca de 59,01%. Na região Litorânea em 1970 cerca de 39,32% dos domicílios eram considerados como duráveis e em 1980, 71,21%. O maior crescimento verificado ocorreu na região Litorânea, cuja variação foi de 81% entre 1970 e 1980 (TABELA J4).

Quanto à condição dos domicílios, segundo sua localização (ver TABELA J5), observa-se a existência de uma associação entre a localização dos domicílios (rural ou urbano) e as regiões Cacaueira e/ou Tabuleiros e Litorânea. Enquanto na região Cacaueira cerca de 53,48% dos domicílios estavam localizados na zona urbana em 1980; na região Tabuleiros de Valença 33,30% estavam no setor urbano; e na Litorânea apenas 14,97%. Não existem, contudo, grandes diferenças quanto às condições dos domicílios urbanos entre as regiões. Quanto aos domicílios rurais, observa-se que na região Cacaueira 72,76% foram considerados com a condição de duráveis; na região Tabuleiros de Valença 48,39%; e na Litorânea 68,54.

Observou-se através dos dados mostradas na TABELA J6, que é ainda irrisória a percentagem de domicílios com

^{6/}Domicílios localizados em prédios em cuja construção predominam paredes de tijolos, pedra, adobe ou madeira aparelhada; cobertura de telha, zinco ou laje de concreto; piso de madeira, cimento, ladrilho ou mosaico.

rede geral de esgoto e mesmo a percentagem de domicílios que possuem algum tipo de instalações sanitárias. A tendência entre 1970 e 1980 foi crescente para as instalações de rede geral e fossa séptica. Na região Cacaueira, em 1970, apenas 4,66% dos domicílios estavam ligados à rede geral de esgoto, crescendo para 11,75% em 1980. Na região Tabuleiros de Valença cerca de 3,32% dos domicílios se ligavam à rede geral em 1970 crescendo para 11,76% em 1980, ao passo que na região Litorânea não existia, no período estudado, qualquer domicílio ligado à rede geral de esgoto. A percentagem de domicílios com fossas sépticas na região Cacaueira cresceu de 2,59% em 1970 para 12,29% em 1980. Na região Tabuleiros de Valença cresceu de 0,75% do total para 5,40% em 1980 e na Litorânea de 0,47% em 1970 para 5,64% em 1980.

Vale ressaltar que na região Tabuleiros de Valença ainda é muito grande o número de domicílios sem qualquer tipo de instalação sanitária (cerca de 74,88%), na região Cacaueira 50,74%; e na Litorânea 48,75% (Tabela J6).

A estimativa obtida da estatística do qui-quadrado revela que existe uma associação entre o tipo de instalação sanitária e as regiões Cacaueira e Litorânea do Extremo Sul da Bahia nos anos de 1975 e 1980. Na região Litorânea não existia neste período nenhum domicílio ligado à rede geral de esgoto. Na Cacaueira ocorre um percentual muito mais elevado de domicílios com algum tipo de instalação sanitária.

Outro ítem muito importante ao analisar as condições habitacionais, se refere ao número de domicílios com abastecimento d'água. A tendência da percentagem de domicílios com abastecimento d'água foi crescente entre os anos de 1970 e 1980 em todas as regiões. Na região Cacaueira a percentagem dos domicílios com rede geral cresceu de 10,04% em 1970 para 38,82% em 1980. Na região Tabuleiros de Valença cresceu de 6,43% em 1970 para 23,70% em 1980; e na Litorânea o número de domicílios com rede geral cresceu de 0,70% do total em 1970 para 31,70% em 1980. O maior crescimento ocorreu na região Litorânea, cuja magnitude foi de 4.428,57% no período estudado (TABELA J7).

Ainda é bastante expressivo o número de domicílios que não dispõem de nenhum tipo de abastecimento d'água nas três regiões. Na região Cacaueira, em 1980, as evidências obtidas na pesquisa mostraram que 28,92% dos domicílios não possuem abastecimento d'água, na região Tabuleiros de Valença 32,66% e na região Litorânea 14,93%. A maioria dos domicílios principalmente, nas regiões Litorânea e Tabuleiros de Valença dispõem de água provenientes de poço ou nascente (Tabela J7).

A análise a seguir reforça as anteriores na indicação de uma melhoria nas condições de vida da população. Na TABELA J8, mostram-se as percentagem de domicílios com bens duráveis, tais como, telefone, rádio, geladeira, etc. Verificou-se uma tendência crescente de uso desses bens para todas as regiões estudadas. Na aquisição desses bens e percentagem dos domicílios que possuem rádio cresceu na região Cacaueira de 42,83% em 1970 para 61,43% em 1980, Na região Tabuleiros de Valença cresceu de 30,51% em 1970 para 63,23% em 1980; e na Litorânea de 22,88% em 1970 para 51,26% em 1980. Também cresceu a percentagem dos domicílios com geladeira, televisor e automóvel. É importante salientar que o maior crescimento foi registrado na região Litorânea para todos os tipos de bens citados acima. O teste de qui-quadrado não revelou a existência de nenhuma relação de dependência entre o número de domicílios com bens duráveis e as regiões, significando que a distribuição percentual dos municípios com esses bens é praticamente igual nas regiões Cacaueira e/ou Tabuleiros de Valença e Litorânea.

3.9.8 - Índice de mortalidade

Segundo os dados mostrados na TABELA J9, o índice de mortalidade vem decrescendo no período estudado em todas as regiões. Na região Cacaueira decresceu de 30,48% em 1970 para 26,05% em 1980. Na região Tabuleiros de Valença decresceu

de 28,94% em 1970 para 22,21% em 1980. Na Litorânea decresceu de 26,52% em 1970 para 24,67% em 1980. Infere-se, portanto, que o índice de mortalidade, em todo o período estudado, na região Cacaueira da Bahia foi sempre maior que os das demais regiões estudadas.

3.9.9 - Índice de analfabetismo

Observando os dados mostrados na Tabela J9, verifica-se que o índice de analfabetismo é menor na região Cacaueira da Bahia, em todo o período estudado. Contudo, deve-se ressaltar, que a tendência é crescente nas regiões Cacaueira e Tabuleiros de Valença, e decrescente na Litorânea. Desta maneira, deve-se analisar os resultados levando este fato em consideração. Na região Cacaueira o índice para a população de mais de dez anos cresceu de 31,52% em 1970 para 45,62% em 1980. Na região Tabuleiros de Valença evoluiu de 48,20% em 1970 para 58,52% em 1980; e na Litorânea decresceu de 70,69% em 1970 para 54,66% em 1980.

Analisando o índice de analfabetismo tomando como base a população total, constata-se a mesma tendência para as três regiões estudadas em todo o período (Tabela J9).

3.9.10 - Distribuição da renda pessoal

A estimativa da estatística do qui-quadrado revela não existir nenhuma associação entre a distribuição da renda em estratos de salário mínimo e as regiões Cacaueira e/ou Tabuleiros de Valença e Litorânea.

Na TABELA L1, observa-se que 58,55% das pessoas receberam até um salário mínimo na região Cacaueira. Na Tabuleiros de Valença cerca de 57,89%; e na Litorânea 52,24%. Aproximadamente 90% das pessoas receberam entre um e três salários mínimos nas três regiões estudadas.

Através do resultado para o índice de Gini (ver TABELA L2), verifica-se que ocorre uma maior concentração na região Cacaueira da Bahia (0,56) e menor na Tabuleiros de Valença (0,50).

4 - CONCLUSÕES E SUGESTÕES

4.1 - Conclusões

As mudanças na composição do valor bruto da produção dos setores econômicos são evidentes nas três regiões estudadas. Verifica-se que, embora lentamente, as mudanças estão ocorrendo em direção às exigidas pelo processo de desenvolvimento. Assim, o padrão de desenvolvimento da região Cacaueira se configura pelo decréscimo da importância relativa do setor agrícola, enquanto os setores industrial e de serviços crescem. Existem diferenças significativas na composição do valor da produção entre as três regiões, favoráveis à região Cacaueira, onde é facilmente verificável o avanço das mudanças do sistema produtivo.

Através dos resultados para as fontes de crescimento da receita agrícola, conclui-se que na região Cacaueira da Bahia o efeito produtividade foi mais importante para a evolução do setor agrícola, situação esta, decorrente do desempenho da cultura do cacau. Por outro lado, os produtos alimentares básicos, com raríssimas exceções (feijão e mandioca na região Litorânea), encontram-se numa situação muito crítica, com quase todos apresentando decréscimos de produção. Na região Tabuleiros de Valença o acréscimo do valor da receita de alguns produtos, inclusive o cacau, ocorreu como resultado da expansão da área cultivada e dos preços reais recebidos pelos agricultores. Também na região Litorânea do Extremo Sul da Bahia o aumento da receita agrícola foi decorrente da expansão da área cultivada e da elevação dos preços reais recebidos pelos agricultores.

Não se verificou mudanças substanciais na composição da renda interna líquida agrícola a custo de fatores, quanto à participação do consumo intermediário. A situação

apresenta-se mais desfavorável na região Litorânea do Extremo Sul da Bahia, onde a participação do consumo intermediário (despesas efetuadas na produção agrícola) na geração da renda, é o dobro das verificadas nas regiões Cacaueira e Tabuleiros de Valença.

As distribuição das rendas internas líquidas agrícolas entre os municípios (em estratos escalonados) são diferentes nas três regiões. A região Cacaueira da Bahia apresenta uma melhor distribuição entre 1970 e 1980. Na região Tabuleiros de Valença as mudanças na distribuição neste período ocorreram muito lentamente, com sensíveis melhoras em anos mais recentes. Enquanto que, na região Litorânea do Extremo Sul da Bahia o retrocesso fica evidente, apresentando uma distribuição mais concentrada em períodos mais recentes.

Quanto à composição dos investimentos verifica-se a grande importância das culturas permanentes na região Cacaueira da Bahia. Também na região Tabuleiros de Valença ocorreu um volume maior dos investimentos em culturas permanentes. O acréscimo do valor real investido nas três regiões é menor na região Cacaueira da Bahia.

Verifica-se a existência de diferenças substanciais na composição da população segundo a sua localização. Na região Cacaueira existe uma maior concentração da população na zona urbana. As mudanças na composição da população estão ocorrendo na região Cacaueira dentro do esperado no processo de desenvolvimento, com um decréscimo da população localizada no meio rural.

Com relação às mudanças nas estruturas do emprego observa-se a importância do trabalho assalariado na região Cacaueira da Bahia. Portanto, o padrão de desenvolvimento da região é fundamentado no avanço das relações capitalistas no campo. Nas regiões Tabuleiros de Valença e Litorânea do Extremo Sul da Bahia ocorre predominância do trabalho familiar.

As mudanças inter-setoriais de emprego reforçam o direcionamento do processo de desenvolvimento. A estrutura do emprego na região Cacaueira vem mudando muito lentamente, embora seja na direção esperada, de acordo com as teorias convencionais de desenvolvimento econômico. Inicialmente ocorre um decréscimo relativo da mão-de-obra do setor agrícola e, por sua vez, um acréscimo relativo da mão-de-obra empregada no setor urbano.

Um retrocesso se verifica na distribuição das terras segundo o tamanho, entre 1970 e 1985. Registra-se uma maior concentração nos anos mais recentes em todas as regiões estudadas. Embora o menor índice de concentração seja registrado para a região Cacaueira, as diferenças entre as três regiões são mínimas, apresentando as três regiões, uma concentração na distribuição das terras considerada como forte. As modificações ocorridas na distribuição das terras, entre 1970 e 1985 mostram as evidências da concentração dos recursos produtivos e, por analogia, uma maior concentração do capital, em decorrência do acesso às políticas macroeconômicas voltadas para o setor agrícola pelos detentores do recurso terra, dada a facilidade de que dispõem de obtenção desses incentivos, dificultando a aquisição pela maioria dos produtores.

Pelos resultados encontrados pode-se concluir que as principais formas de acumulação de capital na região Cacaueira são as culturas permanentes e as terras. Fica evidente a insignificância das máquinas e equipamentos na formação do estoque de capital, embora se ressalte que a cultura do cacau não exige mecanização.

É bastante irrisória a participação de adubos e corretivos, defensivos agrícolas, sementes e mudas na composição das despesas na agricultura, em todas as três regiões. Por outro lado, praticamente 50% do total das despesas, são efetuadas com salários, em todas as três regiões, demonstrando a importância do trabalho na produção agrícola.

No uso de máquinas e equipamentos, a região Litorânea se destaca, principalmente de 1975 a 1985, apresentando uma utilização mais intensa da área explorada por trator do que as demais regiões. O uso de máquinas e equipamentos é muito mais intenso na região Litorânea do Extremo Sul da Bahia pelas características do sistema produtivo aí desenvolvido, principalmente, pela exploração de culturas temporárias e pecuária.

Pelos resultados obtidos pode-se concluir que ainda é irrisório o número de estabelecimentos agrícolas com irrigação, energia elétrica, de produtores associados a cooperativas e dispondo de armazéns para os grãos produzidos. A região Cacaueira da Bahia se destaca das demais em todos esses itens.

Não existem grandes diferenças quanto às condições dos domicílios urbanos entre as regiões. Na zona rural verifica-se que na região Cacaueira existe um maior número de domicílios em melhores condições para habitação. No que se refere às instalações sanitárias, as regiões Cacaueira da Bahia e Tabuleiros de Valença apresentam condições semelhantes quanto ao total de domicílios que possuem rede geral de esgoto.

Apesar de ser bastante irrisório o número de domicílios com condições satisfatórias de habitação, verifica-se que ocorre uma tendência crescente na melhoria dessas condições na região Litorânea, isto é, embora seja a região Cacaueira a que de certo modo delinea melhores condições de habitação quando se analisa o total de domicílios em condição satisfatória de habitação, o maior crescimento registrado entre 1970 e 1980, de modo geral, ocorre na região Litorânea do Extremo Sul da Bahia.

O índice da mortalidade, considerado como um dos indicadores do grau de desenvolvimento apresenta a mesma tendência decrescente nas três regiões. O índice é maior na região Cacaueira da Bahia em todo o período estudado.

Outro indicador social do grau de desenvolvimento, é o índice de analfabetismo, o qual apresenta tendência crescente nas regiões Cacaueira da Bahia e Tabuleiros de Valença. Contudo o índice é sempre menor para a região Cacaueira da Bahia. Na região Litorânea, embora o índice apresente-se muito alto, a tendência no período 1970/80 é decrescente.

A distribuição de renda na região Cacaueira da Bahia é a mais concentrada, entre as três regiões estudadas. Contudo, as três regiões estão dentro do limite de uma mesma classificação, considerado como média a forte.

Em decorrência dos resultados apresentados, constata-se que são evidentes as transformações na produção agrícola, muito mais proeminentes na região Cacaueira da Bahia, no que se refere ao crescimento do produto. Não se pode negar que a exploração da monocultura do cacau trouxe um crescimento para a região. Contudo, a maneira como as relações capitalistas se desenvolveram no campo, levou ao agravamento das condições de vida da maioria da população, principalmente da população localizada no meio rural. Com toda a infraestrutura de apoio que existe, ainda assim, o índice de mortalidade é muito alto, e aumenta a cada ano o número de analfabetos na região. Assim, embora seja inquestionável a contribuição da monocultura do cacau na região Cacaueira da Bahia, tal sistema não conseguiu beneficiar a grande maioria da população rural. Não foram criados mecanismos capazes de levar a uma distribuição mais equitativa do crescimento gerado pela cultura do cacau.

A região Litorânea do Extremo Sul da Bahia, muito embora não tenha tido no período 70/80 um desempenho tão expressivo em comparação ao da região Cacaueira da Bahia, a tendência registrada para o crescimento do setor agrícola dentro do contexto deste estudo, mostra o dinamismo porque vem passando a região.

4.2 - Sugestões

Diante das conclusões explicitadas para a região Cacaueira da Bahia, sugere-se:

Incentivar a diversificação de cultivos em áreas não apropriadas para o cultivo do cacau, principalmente com relação a produção de alimentos, através da organização dos produtores em cooperativas.

Apesar das evidências da pesquisa não fornecerem subsídios para a necessidade de diversificação, deve-se atentar para o fato de que uma agricultura mais diversificada permite maior segurança ao produtor, principalmente quando do ponto de vista econômico tal exploração não é mais viável comparativamente às outras culturas, ou pelo aparecimento de doenças ou pragas.

Torna-se necessária a criação de mecanismos capazes de levar a uma distribuição mais equitativa dos ganhos aferidos pelo sistema produtivo do cacau em prol do desenvolvimento social na região Cacaueira da Bahia. O estado, através dos recursos arrecadados com esses ganhos, deve revertê-los à sociedade através da manutenção e/ou criação dos serviços essenciais, tais como, educação, saúde, etc.

Sugere-se aos tomadores de decisão a criação de políticas macroeconômicas voltadas para a agroindústria, que além de gerar empregos adicionais na zona rural, distribuirá a renda. O objetivo maior da agroindústria será de absorção do excesso de mão-de-obra existente no campo, e servirá principalmente como amortecedor do fluxo migratório decorrente da busca de melhores condições de vida. A implantação de agroindústria deverá ser viabilizada através de cooperativas formadas por agricultores, levando desse modo a uma divisão mais equitativa dos ganhos aferidos pela atividade que ora se implanta.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, E. Pobreza rural no Brasil - Desafios da extensão e pesquisa. Brasília, CODEVASF, 1988, 79p.
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA BAHIA. Centro estatístico de informação. Salvador, 1985, 1120p.
- BAIARDI, A. Subordinação do trabalho ao capital na lavoura cacaueteira da Bahia. São Paulo, Hucitec, 1984, 156p.
- BRANDÃO, A.S.P. Os principais problemas da agricultura brasileira - Análise e sugestões. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1988, 398p.
- BRANDÃO, A.L. de A. Políticas econômicas e seus efeitos no desempenho da economia cacaueteira. Piracicaba, 1983, 113p. (Tese de Mestrado).
- BRUM, A.J. O desenvolvimento econômico brasileiro. 7^a Ed. Petrópolis, Vozes, 1986, 220p.
- BRUTON, H.J. Princípios de economia do desenvolvimento. São Paulo, Atlas, 1969, 445p.
- BUSSAB, W.O. & MORETTIN, P.A. Estatística básica. 3^a Ed. São Paulo, Atual Editora, 1986, 321p.
- CÂMARA, L. A concentração da propriedade agrária no Brasil. Boletim Geográfico (Brasil), 1949, 7(77): 516-528.
- CARVALHO, J.O. de. O Nordeste semi-árido: questões de economia política e de política econômica. Campinas, 1985, 890p. (Tese de Mestrado).
- CEPLAC. A CEPLAC e o futuro das regiões cacaueteiras do Brasil. Contribuições ao debate. Brasília, CEPLAC, 1987, 142p.
- DINIZ, J.A.F. & DUARTE, A.C. A região cacaueteira da Bahia. Recife, SUDENE, 1983, 295p. Estudos Regionais.

- FUNDAÇÃO IBGE. Censo Agropecuário da Bahia. Rio de Janeiro, FIBGE, 1970, 553p.
- _____. Censo Agropecuário da Bahia. Rio de Janeiro, FIBGE, 1975, 657p.
- _____. Censo Agropecuário da Bahia. Rio de Janeiro, FIBGE, 1980, 1.131p.
- _____. Censo Demográfico da Bahia. Rio de Janeiro, FIBGE, 1970, 845p.
- _____. Censo Demográfico da Bahia. Rio de Janeiro, FIBGE, 1980, 1016p.
- _____. Produção Agrícola Municipal. Rio de Janeiro, FIBGE, 1970/87.
- FUNDAÇÃO IBGE. Indicadores Sociais - FIBGE, 1984, 226p. Ta belas selecionadas.
- FURTADO, C. Formação econômica do Brasil. 22^a Ed. São Paulo, Nacional, 1987, 248p.
- _____. O mito do desenvolvimento econômico. 4^a Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974, 117p.
- _____. Teoria e política de desenvolvimento econômico. São Paulo, Nacional, 1987, 334p.
- CASPARETTO, A. et alii. Desenvolvimento econômico logo desenvolvimento social. O caso da região cacauera da Bahia. Brasília, SOBER, 1988, 26(1): p. 23-38.
- GOMES, F.P. Iniciação à estatística. São Paulo, Livraria Nobel, 1968, 205p.
- HAYAMI, T. & RUTTAN, W. Desenvolvimento agrícola - Teoria e experiências internacionais. Brasília, Dept^o de publicações da EMBRAPA, 1988, 583p.
- JENSTON, B.E. & KILBY, P. Agricultura e transformação estrutural: estratégias econômicas de países em desenvolvimento. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1977, 458p.
- JONES, H.G. Modernas teorias do crescimento econômico. Uma introdução. São Paulo, Atlas, 1979, 340p.

- JONES, H.G. Modernas teorias do crescimento econômico. Uma introdução. São Paulo, Atlas, 1979, 340p.
- LEITE, P.S. Desenvolvimento harmônico do espaço rural. Fortaleza, BNB, 1983, 240p.
- _____. Forças que moldarão o desenvolvimento rural do futuro: A experiência do Nordeste do Brasil. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1986, 50p.
- _____. Novo enfoque do desenvolvimento econômico e as teorias convencionais. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1983, 184p.
- _____. Panorama do desenvolvimento da agricultura do Nordeste. In: Subdesenvolvimento e desenvolvimento rural do Nordeste. Fortaleza, BNB, 1983, 231p.
- LEMONS, J. de J.S. Fontes de crescimento e de instabilidade da agricultura no Nordeste. Fortaleza, UFC/CCA/DEA, 31p.
- MAGALHÃES, A.R. et alii. A questão da produção e do abastecimento alimentar no Brasil. Diagnóstico regional - região Nordeste. Brasília, Agência Brasileira de Cooperação, 1988, p. 139-235.
- PAIVA, R.M. Apreciação geral sobre o comportamento da agricultura brasileira. São Paulo, Pioneira, 1983, p. 155-212. Série estudos agrícolas.
- _____. Setor agrícola do Brasil. Comportamento econômico, problemas e possibilidades. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976, 480p.
- PATRICK, G.F. Desenvolvimento agrícola do Nordeste. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1972, 319p. Coletânea de relatórios de pesquisa nº 11.
- SAMPAIO, Y. Consequência da estrutura agrária no processo de desenvolvimento sócio-econômico do Nordeste. Recife, ANPECPNPE, 1985, 26p.
- SCHUH, G.E. O desenvolvimento da agricultura no Brasil. Rio de Janeiro, Apec, 1971, 230p.

- SIEGEL, S. Estatística não-paramétrica (para as ciências do comportamento). São Paulo, McGraw-Hill, 1975, 350p.
- SILVA, G.J. et alii. Estrutura agrária e produção de subsistência na agricultura brasileira. São Paulo, Hucitec, 1980, 260p.
- SILVA, G.J. A modernização dolorosa. Rio de Janeiro, Zahar, 1982, 191p.
- SPIEGEL, M.R. Estatística. São Paulo, McGraw-Hill, 1974, 580p.
- TODARO, M. Introdução à economia: uma visão para o terceiro mundo. Rio de Janeiro, Campus, 1981, 628p.
- TREVISAN, S. Dal P. & MONTEIRO. A distribuição da terra e a questão da estrutura sócio-econômica na região cacauera da Bahia, Ilhéus, CEPLAC, 1983, 10p.
- _____. Tipo de mercado e nível de renda do produtor agrícola no Brasil. CEPLAC, 1989. (mimeo).
- WEITZ, R. Uma nova estratégia de desenvolvimento rural. Fortaleza, BNB, 1978, 319p.
- _____. O desenvolvimento rural integrado. Fortaleza, BNB, 1979, 107p.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Participação Percentual das Principais Culturas no Valor
Total da Produção nas Microrregiões Seleccionadas,
1970/87

TABELA A1 - Participação percentual das principais culturas no valor total da produção e área nas microrregiões selecionadas 1970/87.

Culturas	Cacaueira		Tabuleiros		Litorânea	
	Valor da Produção (%)	Área (%)	Valor da Produção (%)	Área (%)	Valor da Produção (%)	Área (%)
Banana	3,75	5,46	2,33	4,82	0,91	2,16
Borracha (Líquida + coagu- lada)	0,30	1,91	47,65	22,42	-	-
Cacau	86,06	86,33	40,09	49,23	6,54	18,98
Café	-	-	1,24	1,30	2,31	1,93
Cana-de-açúcar	2,62	0,80	-	-	4,69	14,99
Coco da bahia	0,42	0,82	2,77	4,54	1,97	6,38
Feijão	-	-	-	-	1,36	4,63
Guaraná	-	-	0,17	1,25	-	-
Mamão	-	-	-	-	69,19	20,01
Mandioca	4,57	3,37	3,64	13,80	10,88	25,75
Melancia	-	-	-	-	0,17	0,90
Milho	-	-	0,45	1,59	0,02	1,87
Pimenta do reino	-	-	0,57	0,16	-	-
TOTAL	97,72	98,69	98,91	99,11	98,04	97,60

FONTE: FIBGE, Produção Agrícola Municipal, 1987.

APÊNDICE B

Valor da Produção do Setor Agrícola Segundo a Exploração e por Setor de Atividade Agrícola, Industrial e de Serviços em Cruzeiros Correntes, Cruzeiros de Março/86 e % ao Ano, nas Microrregiões Seleccionadas, 1970/80

TABELA B1 - Valor da produção do setor agrícola segundo a exploração em cruzeiros correntes^{1/}
(Cr\$) nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e HRHs	Tipo de Exploração	Valor Produção (em Cr\$ Correntes)							Total Geral
		Lavouras		Extrativos/ Horticultura/ Floricultura ^{2/} Silvicultura ^{2/}	Total		Com Cacau	Sem Cacau	
		Permanentes	Temporárias		Vegetal	Animal			
1970	Cacaueira	275	22	15	294	18	312	71	
	Tabuleiros	47	10	8	65	1	66	38	
	Litorânea	9	15	4	28	8	36	30	
1975	Cacaueira	1.477	48	25	1.550	75	1.625	218	
	Tabuleiros	238	46	31	315	5	320	163	
	Litorânea	51	82	12	145	82	227	186	
1980	Cacaueira	18.538	247	225	19.010	498	19.508	1.579	
	Tabuleiros	3.480	332	293	4.105	38	4.143	1.917	
	Litorânea	646	581	313	1.540	1.026	2.566	2.163	

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário da Bahia, 1970, 1975 e 1980.

^{1/} Os valores correntes foram transformados em cruzeiros correntes de 1990, através da redução de zeros;

^{2/} Extrativos/Horticultura/Floricultura/Silvicultura.

TABELA B2 - Valor da produção do setor agrícola segundo a exploração (em cruzeiros de março de 1980/86) nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHs	Tipo de Exploração	Valor da Produção em Cruzeiros de Março/86												
		Vegetal					Animal					Total		
		Lavouras		Extrativismo/ Horticultura/ Floricultura/ Silvicultura	Total	Total	Geral	Sem Cacau	Só Cacau					
		Permanentes	Temporárias											
1970														
	Cacaueira	1.546.586	132.307	90.209	1.768.102	108.251	1.576.353	426.991	1.449.362					
	Tabuleiros	282.655	60.140	48.112	390.907	6.014	396.921	228.530	168.391					
	Litorânea	54.126	90.209	24.056	168.391	48.111	216.502	180.419	36.083					
1975														
	Cacaueira	3.328.526	108.171	56.339	3.493.036	169.018	3.662.054	491.279	3.170.775					
	Tabuleiros	536.350	103.664	69.861	709.875	11.268	721.143	367.332	353.811					
	Litorânea	114.932	184.793	27.043	326.768	184.793	511.561	419.164	92.397					
1980														
	Cacaueira	4.850.315	64.626	58.869	4.973.810	130.297	5.104.107	413.132	4.690.975					
	Tabuleiros	910.513	86.865	76.661	1.074.039	9.943	1.083.982	501.567	582.415					
	Litorânea	169.021	152.014	81.894	402.929	268.444	671.373	565.931	105.442					

FONTE: TABELA B1 do APÊNDICE B.

TABELA B3 - Taxa geométrica de crescimento do valor da produção segundo a exploração nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e HRHS	Setor de Atividade	Taxa Geométrica de Crescimento em % ao Ano										
		Vegetal					Animal					Total
		Lavouras		Estrativos/Horticultura/Floricultura/Silvicultura			Total	Total	Geral	Sem Cacau	Só Cacau	
		Permanentes	Temporárias									
1970/75												
	Cacaueira	16,58	-3,95	-8,99	14,59	9,32	14,31	2,84	16,95			
	Tabuleiros	13,67	11,50	7,74	12,67	13,38	12,68	9,96	16,01			
	Litorânea	16,25	15,42	2,37	14,18	30,88	18,76	18,36	20,69			
1975/80												
	Cacaueira	7,82	-9,79	0,88	7,32	-5,07	6,87	-3,41	8,15			
	Tabuleiros	11,16	-3,47	1,88	8,63	-2,47	8,49	6,43	10,48			
	Litorânea	8,02	-3,83	24,81	4,28	7,75	5,59	6,19	2,68			
1970/80												
	Cacaueira	12,12	-6,91	-4,18	10,90	1,87	10,52	-0,33	12,46			
	Tabuleiros	12,41	3,75	4,77	10,64	5,16	10,57	8,18	13,21			
	Litorânea	12,06	5,36	13,03	9,12	18,76	11,98	12,11	11,32			

FONTE: TABELA B2 do APÊNDICE B.

TABELA B4 - Valor da produção por setor de atividade - agrícola, industrial e serviços - em cruzeiros correntes (Cr\$) e reais (Cr\$ março/86)^{1/} nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Discriminação Anos e HRHs	Setor de Atividade						Total (Cr\$ Março/86)
	Agrícola		Industrial		Serviços		
	(Cr\$)	(Cr\$ Março/86)	(Cr\$)	(Cr\$ Março/86)	(Cr\$)	(Cr\$ Março/86)	
1970							
Cacaueira	312	1.876.353	83	499.158	617	3.710.609	1.012 6.086.120
Tabuleiros	66	396.921	26	156.363	33	198.460	125 751.744
Litorânea	36	216.502	5	30.070	39	234.544	80 481.116
1975							
Cacaueira	1.625	3.662.054	420	946.500	2.527	5.694.776	4.572 10.303.330
Tabuleiros	320	721.143	170	383.107	233	525.082	723 1.629.332
Litorânea	227	511.561	154	347.050	276	621.986	657 1.480.597
1980							
Cacaueira	19.508	5.104.107	12.770	3.341.165	41.841	10.947.352	74.119 19.392.624
Tabuleiros	4.143	1.083.982	2.839	742.801	3.216	841.440	10.198 2.668.223
Litorânea	2.566	671.373	2.207	577.443	5.701	1.491.620	10.474 2.740.436

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário, Industrial e de Serviços da Bahia, 1970, 1975 e 1980.

^{1/}Os valores foram corrigidos pelo índice geral de preços - disponibilidade interna da FGV.

APÊNDICE C

Fontes e Taxas de Crescimento da Receita Agrícola para
Culturas Seleccionadas, nas Regiões Cacaueira da Bahia,
Tabuleiros de Valença e Litorânea do Extremo Sul da
Bahia, 1970/87

TABELA C1 - Fontes e taxas de crescimento da receita agrícola para culturas selecionados na MRH 154 - Cacaueira da Bahia, 1970/87.

Culturas	Fontes de Crescimento		Área	Produtividade		Preço		
	Taxas e Fontes	Taxas de Crescimento da Receita Agrícola		Produtividade	Produtividade			
EXPORTAÇÃO								
Cacau	0,0714 ¹	(0,3650) (10,1989)*	0,0060 ³	(0,0303) (1,5001)	0,0370 ¹	(0,4847) (16,0513)	0,0284 ²	(0,0488) (1,8202)
Café	0,0192 ^{ns}	(-0,0296) (0,5400)	-0,0447 ¹	(0,3712) (10,4477)	8,0019 ^{ns}	(-0,0648) (0,0261)	0,0620 ¹	(0,3983) (11,5906)
INDUSTRIAL								
Cana-de-açúcar	0,1045 ¹	(0,5063) (17,4091)	0,0569 ¹	(0,6141) (26,4656)	-0,0166 ¹	(0,3016) (7,9087)	0,0642 ¹	(0,4947) (16,6656)
Coco-da-baia	0,0366 ¹	(0,0942) (2,6635)	0,0104 ³	(0,0404) (1,6732)	0,0131 ^{ns}	(-0,0483) (0,2629)	0,0131 ³	(0,0395) (1,6577)
ALIMENTARES BÁSICAS								
Arroz	-0,2857 ¹	(0,6738) (34,0465)	-0,2982 ¹	(0,8221) (74,9224)	-0,0174 ¹	(0,2021) (5,0516)	0,0299 ²	(0,0499) (1,8400)
Feijão	-0,0526 ¹	(0,2663) (6,8068)	-0,0554 ¹	(0,7644) (52,9080)	-0,0116 ^{ns}	(-0,0144) (0,7736)	0,0144 ^{ns}	(-0,0349) (0,4601)
Mandioca	0,0006 ^{ns}	(-0,0666) (0,0009)	0,0115 ³	(0,0293) (1,4829)	-0,0126 ^{ns}	(0,2747) (7,0607)	0,0017 ^{ns}	(-0,0661) (0,0081)
Milho	-0,0954 ¹	(0,5915) (24,1667)	-0,0630 ¹	(0,7757) (56,3354)	-0,0073 ^{ns}	(-0,0130) (0,7949)	-0,0251 ¹	(0,2783) (7,1702)
FRUTÍCULAS								
Banana	0,1101 ¹	(0,3556) (9,8299)	0,1409 ¹	(0,7792) (57,4585)	-0,0012 ^{ns}	(-0,0613) (0,0757)	-0,0296 ³	(0,0329) (1,5441)

FONTE: FIBGE - Produção Agrícola Municipal, 1970/87.

* os números entre parênteses correspondem respectivamente aos coeficientes de determinação ajustados e as estatísticas de "Student" para 15 graus de liberdade;

- 1 Significante a 5% de probabilidade;
- 2 Significante a 10% de probabilidade;
- 3 Significante a 20% de probabilidade;
- ns Não significante.

TABELA C2 - Fontes e taxas de crescimento da receita agrícola para culturas selecionados na MRH 152 - Tabuleiros de Valença, 1970/87.

Culturas	Taxas e Fontes		Taxas de Crescimento da Receita Agrícola		Fontes de Crescimento		Preço					
				Área	Produtividade							
EXPORTAÇÃO												
Cacau	0,1006 ¹	(0,4808)	(15,8150)	0,0429 ¹	(0,7745)	(55,9377)	0,0236 ¹	(0,1774)	(4,4500)	0,0341 ¹	(0,0773)	(2,3401)
Café												
INDUSTRIAIS												
Cana-de-açúcar	-0,4315 ¹	(0,6961)	(37,6539)	-0,3918 ¹	(0,7732)	(55,5400)	-0,0427 ¹	(0,4662)	(14,9733)	0,0030 ^{ns}	(-0,0633)	(0,0473)
Coco-da-baia	0,0480 ¹	(0,3454)	(9,4409)	0,0455 ¹	(0,4519)	(14,1901)	-0,0095 ^{ns}	(-0,0399)	(0,3857)	0,0120 ^{ns}	(-0,0230)	(0,6401)
ALIMENTARES BÁSICAS												
ARROZ												
Feijão	0,0919 ³	(0,0376)	(1,6244)	-0,0039 ^{ns}	(-0,0661)	(-0,0076)	-0,1021 ¹	(0,4007)	(11,6990)	0,1979 ¹	(0,3881)	(11,1462)
Mandioca	-0,0046 ^{ns}	(-0,0652)	(0,0211)	0,0085 ^{ns}	(-0,0428)	(0,3432)	-0,0220 ¹	(0,6220)	(27,3341)	0,0089 ^{ns}	(-0,0601)	(0,0931)
Milho	-0,1087 ¹	(0,2251)	(5,6476)	-0,0358 ^{ns}	(-0,0194)	(0,6958)	-0,0482 ¹	(0,3543)	(9,7786)	-0,0247 ^{ns}	(-0,0041)	(0,9342)
FRUTÍCULAS												
Abacaxi	-0,1841 ¹	(0,7660)	(53,3801)	-0,1521 ¹	(0,7787)	(57,3139)	-0,0414 ¹	(0,4365)	(13,3952)	0,0094 ^{ns}	(-0,0151)	(0,7615)
Banana	-0,0065 ^{ns}	(-0,0567)	(0,1408)	0,0891 ¹	(0,6541)	(31,2537)	-0,0140 ¹	(0,0804)	(2,3988)	-0,0816 ¹	(0,5069)	(17,4490)
Laranja	-0,0114 ^{ns}	(-0,0391)	(0,3975)	0,0007 ^{ns}	(-0,0665)	(0,0024)	0,0424 ¹	(0,4060)	(11,9371)	-0,0545 ¹	(0,2959)	(7,7248)

FONTE: FIBGE - Produção Agrícola Municipal 1970/87.

As simbologias adotadas devem ser interpretadas da mesma forma que as apresentadas na Tabela C1.

TABELA C3 - Fontes e taxas de crescimento da receita agrícola para culturas selecionados na MRH 156 - Litorânea do Extremo Sul da Bahia, 1970/87.

Culturas	Fontes e Fontes		Fontes de Crescimento		Preço
	Taxas de Crescimento de Receita Agrícola	Receita Agrícola	Área	Produtividade	
EXPORTAÇÃO					
Cacau	0,0679 ¹	(0,3495) (9,5970)	0,0536 ¹	(0,4903) (16,3907)	0,0074 ^{ns}
Café	0,0878 ¹	(0,2824) (7,2976)	0,0504 ¹	(0,2659) (6,7956)	0,0428 ¹
INDUSTRIAIS					
Caná-de-açúcar	0,0965 ¹	(0,4721) (15,3090)	0,1153 ¹	(0,5225) (18,5057)	0,0069 ^{ns}
Coco-da-baía	-0,0502 ¹	(0,2207) (5,5326)	-0,0512 ²	(0,0615) (2,0491)	-0,0054 ^{ns}
ALIMENTARES BÁSICAS					
Arroz	-0,0646 ¹	(0,2012) (5,0314)	-0,0685 ¹	(0,3108) (8,2155)	-0,0070 ^{ns}
Feijão	0,0894 ¹	(0,5574) (21,1511)	0,1843 ¹	(0,7189) (41,9199)	-0,0307 ¹
Mandioca	0,0709 ¹	(0,1787) (4,4814)	0,0796 ¹	(0,7109) (40,3457)	0,0155 ^{ns}
Milho	-0,0878 ¹	(0,2967) (7,7507)	0,0122 ^{ns}	(-0,0224) (0,6498)	-0,0486 ¹
FRUTÍCIAS					
Banana	0,0452 ³	(0,0366) (1,6074)	0,1058 ¹	(0,7594) (51,4989)	-0,0761 ¹

FONTE: FIBGE - Produção Agrícola Municipal, 1970/87.

As simbologias adotadas devem ser interpretadas da mesma forma que as apresentadas na Tabela C1.

APÊNDICE D

Valor Bruto da Produção, Consumo Intermediário, Renda Interna Líquida a Custos de Fatores, Renda "Per Capita" e Média em Cruzeiros Correntes e Taxa Geométrica de Crescimento.

Análise das Variâncias e Médias da Renda Interna Líquida a Custos de Fatores "Per Capita" e Média e Distribuição da Renda Interna por Municípios nas Microrregiões Selecionadas 1970/80

TABELA D1 - Distribuição do valor bruto da produção, consumo intermediário e renda interna líquida a custo de fatores em cruzeiros correntes (Cr\$) do setor agrícola nas mi corregiões selecionadas 1970/80.

Anos e Discriminação	MRHs		
	Cacaueira	Tabuleiros	Litorânea
	Cr\$ Correntes	Cr\$ Correntes	Cr\$ Correntes
1970			
Valor bruto da produção	313	66	35
Consumo intermediário	51	5	9
Renda interna líquida a c.f.	262	61	26
1975			
Valor bruto da produção	1.625	320	227
Consumo intermediário	270	65	57
Renda interna líquida a c.f.	1.355	255	170
1980			
Valor bruto da produção	19.508	4.143	2.586
Consumo intermediário	2.854	649	799
Renda interna líquida a c.f.	16.654	3.494	1.787

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário da Bahia, 1970, 1975 e 1980.

TABELA D2 - Renda interna líquida a c.f. "per capita" (Cr\$ reais/pop. total) e média (Cr\$ reais/município do setor agrícola nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHs	Discriminação	Renda Interna Líquida "Per Capita" Cr\$ Reais Pop. Total	Renda Interna Líquida Média Cr\$ Reais/Município
1970			
	Cacaueira	5,19	56.273,39
	Tabuleiros	4,05	45.856,38
	Litorânea	1,00	22.337,43
1975			
	Cacaueira	9,11	109.056,79
	Tabuleiros	5,31	71.832,63
	Litorânea	2,15	54.729,57
1980			
	Cacaueira	11,77	155.620,75
	Tabuleiros	7,08	114.272,00
	Litorânea	2,31	66.793,43

FONTE: Tabelas 08 e 10.

TABELA D3 - Taxa geométrica de crescimento da renda interna líquida a c.f. nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHs	Discriminação	Taxa Geométrica de Crescimento (% ao ano)		
		Renda Interna	Renda Interna	Renda Interna "Per Capita"
1970/75	Cacaueira	14,15		11,91
	Tabuleiros	9,39		5,57
	Litorânea	19,63		16,54
1975/80	Cacaueira	7,37		5,26
	Tabuleiros	9,73		5,92
	Litorânea	4,06		1,45
1970/80	Cacaueira	10,71		8,53
	Tabuleiros	9,56		5,74
	Litorânea	11,58		8,73

FONTE: Tabela 08.

TABELA D4 - Variâncias e médias da renda interna líquida "per capita" do setor agrícola nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos	Cacaueira		Tabuleiros		Estatísticas		Litorânea		Estatísticas	
	Variâncias	Médias	Variâncias	Médias	"F"	"Z"	Variâncias	Médias	"F"	"Z"
1970	0,0931	5,19	0,1292	4,05	1,3878 ^{ns}	8,1689 ¹	0,0035	1,00	26,6000 ¹	67,7483 ¹
1975	6,3214	9,11	2,1362	5,31	2,9592 ³	5,4132 ¹	0,6575	2,15	9,6143 ¹	12,3096 ¹
1980	387,2609	11,77	190,5449	7,08	2,0324 ^{ns}	0,7643 ^{ns}	29,2426	2,31	13,2430 ¹	2,2292 ²

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário e Demográfico da Bahia, 1970, 1975 e 1980.

- 1 Significativo ao nível de 1% de probabilidade;
 - 2 Significativo ao nível de 5% de probabilidade;
 - 3 Significativo ao nível de 10% de probabilidade;
- ns Não significativo.

TABELA D5 - Variâncias e médias da renda interna líquida agrícola por município nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos	Cacaueira		Tabuleiros		Estatísticas		Litorânea		Estatísticas	
	Variâncias	Médias	Variâncias	Médias	"F"	"Z"	Variâncias	Médias	"F"	"Z"
1970	65,7494	56.273,39	32,5516	45.856,38	2,0199 ^{ns}	4.112,1941 ¹	1,9102	22.337,43	34,4202 ¹	20.961,0624 ¹
1975	1.674,1845	109.056,79	475,7721	71.832,63	3,5189 ²	3.408,5561 ¹	134,8293	54.729,57	12.4171 ¹	6.110,2236 ¹
1980	216.606,1889	155.620,75	41.588,3830	114.272,00	5,2083 ²	363,5697 ¹	6.218,7577	66.793,43	34,8311 ¹	956,4973 ¹

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário da Bahia, 1970, 1975 e 1980.

1 Significativo ao nível de 1% de probabilidade;

2 Significativo ao nível de 5% de probabilidade;

ns Não significativo.

TABELA D6 - Distribuição da renda interna líquida a c.f. anual real agrícola por municípios em números absolutos (A) em cruzeiros de março de 1986, nas microrregiões selecionadas.

Estratos em Cruzeiros reais	Anos e MRHS						Cacaueira			Tabuleiros			Litorânea					
	1970		1975		1980		1970		1975		1980		1970		1975		1980	
	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)	(A)
0	08	01	01	01	01	03	03	02	02	01	01	06	01	01	01	01	01	01
30.000	10	05	-	-	-	03	03	01	01	01	01	01	01	02	02	-	-	-
50.000	04	06	05	05	01	02	02	-	02	-	-	-	-	03	02	03	02	02
70.000	02	04	03	03	-	-	-	-	-	03	-	-	-	-	-	-	04	04
90.000	01	04	03	03	-	-	-	01	01	01	01	-	-	01	-	01	-	-
110.000	-	-	-	02	01	01	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
130.000	02	03	05	05	-	-	-	02	02	-	-	-	-	-	-	-	-	-
150.000	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
170.000	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
190.000	01	05	07	07	-	-	-	-	-	02	02	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	28	28	28	28	08	08	08	08	08	08	08	07	07	07	07	07	07	07

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário da Bahia, 1970, 1975 e 1980.

TABELA D7 - Distribuição percentual da renda interna líquida a c.f. anual real agrícola dos municípios por estratos em cruzeiros reais (de março de 1986), nas microrregiões se lecionadas, 1970.

Estratos em Cruzeiros Reais	MRHs			Litorânea			2* X
	Cacaueira (%)	(% Acumulado)	(%)	Tabuleiros (%)	(% Acumulado)	(%)	
0 — 30.000	28,57	28,57	37,50	37,50	85,71	85,71	35,1978 ¹
30.000 — 50.000	35,72	64,29	37,50	75,00	14,29	100,00	69,8426 ²
50.000 — 70.000	14,29	78,58	12,50	87,50	-	-	-
70.000 — 90.000	7,14	85,72	-	-	-	-	-
90.000 — 110.000	3,57	89,29	-	-	-	-	-
110.000 — 130.000	-	-	12,50	100,00	-	-	-
130.000 — 150.000	7,14	96,43	-	-	-	-	-
150.000 — 170.000	-	-	-	-	-	-	-
170.000 — 190.000	-	-	-	-	-	-	-
190.000 — +	3,57	100,00	-	-	-	-	-
TOTAL	100,00	-	100,00	-	100,00	-	-

FONTE: Tabela D6.

1 (MRH 154/MRH 152);

2 (MRH 154/MRH 156);

* Significante ao nível de 1% de probabilidade.

TABELA D8 - Distribuição percentual da renda interna líquida anual real agrícola dos municípios por estrato em cruzeiros reais (de março de 1986), nas microrregiões selecionadas, 1975.

Estratos em Cruzeiros Reais	MRHs				Litorânea		X ^{2*}
	Cacaueira (%)	(% Acumulado)	Tabuleiros (%)	(% Acumulado)	(%)	(% Acumulado)	
0 - 30.000	3,57	3,57	25,00	25,00	14,29	14,29	55,2673 ¹
30.000 - 50.000	17,86	21,43	12,50	37,50	28,57	42,86	58,8885 ²
50.000 - 70.000	21,42	42,85	25,00	62,50	42,85	85,71	-
70.000 - 90.000	14,29	57,14	-	-	-	-	-
90.000 - 110.000	14,29	71,43	12,50	75,00	14,29	100,00	-
110.000 - 130.000	-	-	-	-	-	-	-
130.000 - 150.000	10,71	82,14	25,00	100,00	-	-	-
150.000 - 170.000	-	-	-	-	-	-	-
170.000 - 190.000	-	-	-	-	-	-	-
190.000 - +	17,86	100,00	-	-	-	-	-
TOTAL	100,00	-	100,00	-	100,00	-	-

FONTE: Tabela D6.

As denominações são as mesmas da Tabela D7.

* Significante ao nível de 1% de probabilidade.

TABELA D9 - Distribuição percentual da renda interna líquida anual real agrícola dos municípios por estratos em cruzeiros reais (de março de 1986), nas microrregiões selecionadas, 1980.

Estratos em Cruzeiros reais	MRHs		Cacaueira		Tabuleiros		Litorânea		X ² *
	(%)	(% Acumulado)	(%)	(% Acumulado)	(%)	(% Acumulado)	(%)	(% Acumulado)	
0	3,57	3,57	12,50	12,50	14,29	14,29	14,29	14,29	82,4612 ¹
30.000	-	-	12,50	12,50	25,00	25,00	-	-	108,4919 ²
50.000	17,86	21,43	-	-	-	-	28,57	42,86	
70.000	10,71	32,14	37,50	37,50	62,50	62,50	57,14	100,00	
90.000	10,71	42,85	12,50	12,50	75,00	75,00	-	-	
110.000	7,14	49,99	-	-	-	-	-	-	
130.000	17,86	67,85	-	-	-	-	-	-	
150.000	3,57	71,42	-	-	-	-	-	-	
170.000	3,57	74,99	-	-	-	-	-	-	
190.000	25,01	100,00	25,00	25,00	100,00	100,00	-	-	
TOTAL	100,00	-	100,00	100,00	-	-	100,00	-	

FONTE: Tabela D6.

As denominações são as mesmas da TABELA D7.

* Significante ao nível de 1% de probabilidade.

APÊNDICE E

Valor dos Investimentos em Cruzeiros Correntes e Reais
 (Março/86 = 100), Taxa Geométrica a Crescimento.
 Relações Investimentos/Renda Interna Líquida e
 Custo de Fatores Agrícola e Investimentos/
 Hectare Explorado, nas Microrregiões
 Selecionadas, 1970/80.

TABELA E1 - Distribuição do valor dos investimentos em cruzeiros correntes nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Discriminação	Bens Imóveis					Outros Bens					Total (Cr\$)	
	Terras Adquiridas (Cr\$)	Prédios Res. e Out. Fins (Cr\$)	Instalações e Outras Benfeitorias (Cr\$)	Novas Culturas Permanentes (Cr\$)	Matas Plantadas (Cr\$)	Animais de Reprodução e Trabalho (Cr\$)	Máquinas e Outros Inst. Agrários (Cr\$)	Veículos e Outros Meios de Transporte (Cr\$)	Outros Fins (Cr\$)			
1970												
Cacaueira	1,12	8,14	7,38	4,60	0,01	2,60	0,62	1,66	-			26,13
Tabuleiros	0,09	0,88	0,43	1,70	0,01	0,28	0,18	0,19	-			3,76
Litorânea	0,67	1,00	1,62	0,41	0,05	2,11	0,34	0,66	-			6,86
1975												
Cacaueira	19,31	63,79	57,81	73,37	0,26	25,41	8,02	12,44	-			260,41
Tabuleiros	0,87	10,81	8,43	74,86	0,11	7,65	1,92	2,61	-			107,26
Litorânea	11,51	4,78	19,40	3,83	0,44	19,96	5,82	3,70	-			69,44
1980												
Cacaueira	209,24	914,67	345,79	1.597,12	7,08	163,12	33,22	100,67	38,97			3.409,88
Tabuleiros	10,56	180,15	103,78	528,16	0,42	14,63	12,49	24,74	15,78			890,71
Litorânea	167,12	112,38	163,33	166,77	606,61	263,13	102,88	63,23	74,55			1.669,50

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário da Bahia, 1970, 1975 e 1980.

- 1 Prédios residenciais e outros fins;
 - 2 Máquinas e outros instrumentos agrários;
- Sem informação.

TABELA E2 - Distribuição do valor dos investimentos em cruzeiros reais (março de 1986 = 100) nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Discriminação	Bens Imóveis				Outros Bens				Total (Cr\$ reais)	
	Terras Adquiridas (Cr\$ reais)	Prédios Residenciais e Outros Fins (Cr\$ reais)	Instalações e Outras Benfeitorias (Cr\$ reais)	Novas Culturas Permanentes (Cr\$ reais)	Matas Plantadas (Cr\$ reais)	Animais de Reprodução e Trabalho (Cr\$ reais)	Máquinas e Outros Inst. Agrários (Cr\$ reais)	Veículos e Outros Meios de Transporte (Cr\$ reais)		Outros Fins (Cr\$ reais)
1970										
Cacaueira	6.736	48.954	44.383	27.664	60	15.636	3.729	9.983	-	157.145
Tabuleiros	541	5.292	2.586	10.224	60	1.684	1.083	1.143	-	22.613
Litorânea	4.029	6.014	9.743	2.466	301	12.689	2.045	3.969	-	41.256
1975										
Cacaueira	43.516	143.755	130.279	165.345	586	57.263	18.074	28.034	-	586.852
Tabuleiros	1.961	24.361	18.998	168.702	248	17.240	4.327	5.882	-	241.719
Litorânea	25.939	10.772	43.719	8.631	992	44.981	13.116	8.338	-	156.488
1980										
Cacaueira	54.746	239.316	90.473	417.873	1.852	42.679	8.692	26.339	10.196	892.166
Tab leiros	2.763	47.135	27.153	138.189	110	3.828	3.268	6.473	4.129	233.048
Litorânea	43.726	29.403	42.734	30.552	158.715	68.846	26.916	16.544	19.375	436.811

FONTE: Tabela EL.

TABELA E3 - Taxa geométrica de crescimento do valor dos investimentos nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHS	Discriminação	Bens Imóveis					Outros Bens					Total (% ao ano)		
		Terras Adquiridas (% ao ano)	Prédios Residenciais e Outros Fins (% ao ano)	Instalações e Outras Benfeitorias (% ao ano)	Novas Culturas Permanentes (% ao ano)	Matas Plantadas (% ao ano)	Animais de Reprodução e Trabalho (% ao ano)	Máquinas e Outros Inst. Agrários (% ao ano)	Veículos e Outros Meios de Transporte (% ao ano)	Outros Fins (% ao ano)				
1970/75														
	Cacaueira	45,23	24,04	24,03	42,99	57,74	29,64	37,12	22,94	-	30,15			
	Tabuleiros	29,38	35,71	49,01	75,19	32,82	59,24	31,92	38,77	-	60,62			
	Litorânea	45,13	12,36	35,02	28,47	26,94	28,80	45,02	16,00	-	30,56			
1975/80														
	Cacaueira	4,70	10,73	-7,03	20,37	25,88	-5,71	-13,62	-1,24	-	8,74			
	Tabuleiros	7,10	14,11	7,40	-3,91	-15,01	-25,99	-5,46	1,93	-	-0,73			
	Litorânea	11,01	22,24	-0,45	28,76	176,94	8,89	15,46	14,69	-	22,79			
1970/80														
	Cacaueira	23,31	17,20	7,38	31,19	40,91	10,56	8,83	10,19	-	18,96			
	Tabuleiros	17,71	24,44	26,51	29,74	6,25	8,56	11,68	18,93	-	26,27			
	Litorânea	26,93	17,20	15,93	28,62	87,16	18,43	29,40	15,34	-	26,61			

FONTE: Tabela E2.

TABELA E4 - Relações investimento/renda interna líquida a c.f. agrícola e investimento/hectare explorado nas microrregiões selecionadas, 1970/90.

Anos e MRH	Discriminação	Investimento ¹ /Renda Interna Líquida Agrícola		Investimento/Hectare Explorado ² Cr\$ Reais/ha Explorado
		Cr\$ Reais	Cr\$ Reais	
1970	Cacaueira	0,07		0,19
	Tabuleiros	0,05		0,14
	Litorânea	0,23		0,14
1975	Cacaueira	0,15		0,84
	Tabuleiros	0,38		1,29
	Litorânea	0,38		0,47
1980	Cacaueira	0,15		1,06
	Tabuleiros	0,20		1,00
	Litorânea	0,87		1,06

FONTE: Tabelas 09, E2.

- 1 Como investimento produtivo não se considerou os prédios residenciais e outros fins.
- 2 Como hectare explorado considerou-se as áreas com lavouras, pastagens plantadas e matas plantadas.

APÊNDICE F

Taxa Geométrica de Crescimento da População Segundo a
Localização, Distribuição da População Segundo a Idade.
Razão de Dependência da População, nas Microrregiões
Selecionadas 1970/80.

TABELA F1 - Taxas geométricas de crescimento da população segunda a localização nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHs	Discriminação	População Urbana (% ao ano)	População Rural (% ao ano)	População Total (% ao ano)
1970/80				
	Cacaueira	3,37	2,01	2,73
	Tabuleiros	3,11	3,60	3,43
	Litorânea	2,52	2,60	2,59

FONTE: Tabela 10.

TABELA F2 - Distribuição da população por grupos de idade em números absolutos (A) e relativos (%) nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Estratos em Idade	Anos e MRHs						Cacaueira						Tabuleiros						Litorânea						
	1970		1980		1970		1980		1970		1980		1970		1980		1970		1980						
	(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)					
0 — 4	104.273	16,54	143.438	17,40	24.242	17,39	34.635	17,72	32.627	17,75	41.070	17,31	95.859	15,22	117.241	14,22	21.849	15,67	28.862	14,77	30.702	16,72	35.708	15,05	
5 — 9	85.304	13,54	105.944	12,84	18.674	13,39	25.011	12,80	25.815	14,05	32.148	13,55	70.789	11,24	94.113	11,41	15.109	10,83	20.994	10,74	21.059	11,47	26.821	11,31	
10 — 14	52.637	8,36	76.173	9,23	11.096	7,96	17.407	8,91	15.112	8,23	20.535	8,66	41.266	6,55	54.969	6,66	8.997	6,45	13.482	6,90	12.171	6,63	16.115	6,79	
15 — 19	67.955	10,79	80.099	9,71	14.961	10,73	19.910	10,19	18.434	10,04	24.036	10,13	50.259	7,98	64.885	7,87	10.906	7,82	15.163	7,76	13.195	7,18	18.226	7,68	
20 — 24	33.442	5,31	42.175	5,11	7.002	5,02	9.486	4,85	7.975	4,34	11.146	4,70	17.367	2,76	27.402	3,32	3.988	2,86	6.360	3,25	3.892	2,12	6.999	2,95	
25 — 29	9.352	1,48	16.856	2,04	2.361	1,69	3.942	2,02	2.200	1,20	3.841	1,62	1.421	0,23	1.565	0,19	266	0,19	171	0,09	496	0,27	595	0,25	
30 — 39	629.924	100,00	824.860	100,00	139.451	100,00	195.423	100,00	183.678	100,00	237.240	100,00	TOTAL												

FONTE: FIBGE - Censo Demográfico da Bahia, 1970 e 1980.

$\chi^2 = 0,0759$ e $0,0992$ (para MRH 154/152 nos anos de 1970 e 80)

$\chi^2 = 0,4094$ e $0,1692$ (para MRH 154/156 nos anos de 1970 e 80).

TABELA F3 - Razão de dependência da população^{1/} nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHs	Razão de Dependência (%)
1970	
Cacaueira	93,94
Tabuleiros	99,28
Litorânea	104,27
1980	
Cacaueira	93,90
Tabuleiros	96,69
Litorânea	97,22

FONTE: Tabela F2.

$$1 \text{ Razão de dependência} = \frac{\text{Pessoas} < 15 + > 65 \text{ anos}}{\text{Total de Pessoas de} \\ 15 \text{ a } 64 \text{ anos}} \times 100$$

APÊNDICE G

Pessoal Ocupado por Categoria no Setor Agrícola em nºs
Absolutos e Taxa Geométrica de Crescimento, 1970/85.
Distribuição da PEA por Setor de Atividade, Taxa
Geométrica de Crescimento e de Ocupação nas
Microrregiões Seleccionadas, 1970/80.

TABELA G1 - Pessoal ocupado por categoria no setor agrícola em números absolutos (A) nas mi crorregiões selecionadas, 1970/85.

Anos e MRHs	Categoria	Pessoal Ocupado						Total (A)
		Empregados		Responsáveis nos Remunerados (A)	Parceiros (A)	Outros (A)		
		Permanentes (A)	Temporários (A)					
1970	Cacaueira	29.446	21.945	62.360	436	1.131	115.318	
	Tabuleiros	3.787	6.373	37.485	76	289	48.010	
	Litorânea	2.175	5.226	40.988	368	678	49.435	
1975	Cacaueira	51.913	17.218	68.017	111	1.223	138.482	
	Tabuleiros	6.909	10.642	38.964	220	495	57.230	
	Litorânea	7.750	4.483	41.020	469	2.516	56.238	
1980	Cacaueira	83.861	47.363	84.191	470	-	215.885	
	Tabuleiros	11.078	13.797	53.123	274	-	78.272	
	Litorânea	8.481	8.122	30.900	356	-	47.859	
1985	Cacaueira	102.588	45.053	91.408	185	2.645	241.879	
	Tabuleiros	18.345	20.691	60.089	385	2.620	102.130	
	Litorânea	11.345	16.906	29.253	252	1.376	59.132	

FONTE: FIBGE. Censo Demográfico da Bahia, 1970, 1975, 1980 e tabulações espaciais para 1985.

TABELA G2 - Taxa geométrica de crescimento do pessoal ocupado por categoria no setor agrícola nas microrregiões selecionadas, 1970/85.

Anos e MRHs	Categoria	Pessoal Ocupado (% ao ano)						
		Empregados			Responsáveis não Remunerados	Parceiros	Outros	Total
		Permanentes	Temporários					
1970/75								
	Cacaueira	12,01	-4,74	1,75	-23,94	1,58	3,73	
	Tabuleiros	12,78	10,80	0,78	23,69	11,36	3,58	
	Litorânea	28,93	-3,02	0,02	4,97	29,99	2,61	
1975/80								
	Cacaueira	10,07	22,43	4,36	33,46	-	9,29	
	Tabuleiros	9,90	5,33	6,40	4,49	-	6,46	
	Litorânea	1,82	12,62	-5,51	-5,36	-	-3,18	
1980/85								
	Cacaueira	4,11	-1,00	1,66	-17,01	-	2,30	
	Tabuleiros	10,61	8,44	2,49	7,04	-	5,47	
	Litorânea	5,99	15,79	-1,09	-6,68	-	4,32	
1970/85								
	Cacaueira	8,68	4,91	2,58	-5,55	5,83	5,06	
	Tabuleiros	11,09	8,17	3,20	11,42	15,83	5,16	
	Litorânea	11,64	8,14	-2,22	-2,49	4,83	1,20	

FONTE: Tabela G1 do Apêndice G.

TABELA G3 - Taxa geométrica de crescimento da população economicamente ativa (PEA) por setor de atividade nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHs	Setor de Atividade	PEA (% ao ano)			Total
		Agricultura	Indústria	Serviços	
1970/80					
	Cacaueira	2,28	4,56	4,17	3,14
	Tabuleiros	4,08	5,24	6,00	4,51
	Litorânea	-1,30	12,41	9,65	2,17

FONTE: Tabela 12.

APÊNDICE H

Taxa Geométrica de Crescimento da Área Destinada as
Explorações Agrícolas. Número e Área dos
Estabelecimentos em Números Absolutos,
Relativos e Índice (1970 = 100) nas
Regiões Seleccionadas 1970/85.

TABELA H1 - Taxa geométrica de crescimento da área destinada as explorações agrícolas nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHs	Discriminação	Tipo de Exploração (% ao ano)							Total
		Lavouras		Pastagens	Matas e Florestas	Produtivas não Utilizadas e em Descanso			
		Permanentes	Temporárias						
1970/75	Cacaueira	1,50	6,65	-0,29	-4,76	-1,90		-1,24	
	Tabuleiros	6,48	7,86	8,11	-3,45	10,07		3,36	
	Litorânea	2,44	9,67	6,46	-7,94	-0,23		1,12	
1975/80	Cacaueira	4,58	-18,95	-0,84	-2,26	-0,63		-0,04	
	Tabuleiros	1,94	-12,51	0,67	5,13	2,81		2,28	
	Litorânea	3,49	-3,15	-3,50	0,16	-4,41		-2,53	
1980/85	Cacaueira	2,34	2,22	2,63	-1,15	-2,59		0,94	
	Tabuleiros	5,21	0,09	-2,03	-3,15	-3,81		-0,29	
	Litorânea	12,16	5,17	5,09	4,61	1,57		4,83	
1970/85	Cacaueira	2,80	-4,04	0,49	-2,74	-1,71		-0,11	
	Tabuleiros	4,53	-1,88	2,16	-0,57	2,87		1,77	
	Litorânea	5,94	3,76	2,59	-1,19	-1,06		1,10	

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário da Bahia, 1970, 1975, 1980 e tabulações especiais para 1985.

TABELA H2 - Distribuição do número e área de estabelecimentos (em hectares) na MRH 154 - Caueira da Bahia, 1970/85.

Estratos (hectare)	Anos							
	1970		1975		1980		1985	
	Estabele- cimento (Nº)	Área (Ha)	Estabele- cimento (Nº)	Área (Ha)	Estabele- cimento (Nº)	Área (Ha)	Estabele- cimento (Nº)	Área (Ha)
<	147	90	85	59	366	181	681	200
1	518	629	451	538	1136	1354	1773	2096
2	1751	5396	1726	5237	4078	12362	5232	15481
5	2929	15079	2228	14675	3890	25283	4940	32165
10	4844	65759	4151	55812	5035	66630	6318	83520
20	7566	231024	7166	220591	7461	228379	8126	247648
50	3911	260936	3578	238427	3538	238306	3817	255699
100	1821	238576	1875	247634	1754	230034	1770	234072
200	930	268131	993	287267	962	273913	944	276146
500	220	140620	224	142248	243	157032	228	148126
1.000	67	85542	77	98477	75	99295	57	77447
2.000	24	58982	15	40205	19	55936	25	73795
5.000	3	19761	1	7475	2	13950	2	10420
10.000	2	106029	1	25853	1	10207	-	-
>	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	24033	1496554	22571	1384498	28560	1412862	33913	1456815

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário da Bahia, 1970, 1975, 1980 e tabulações especiais para 1985.

TABELA H3 - Distribuição do número e área de estabelecimentos (em hectare) na MRH 152 - Tabuleiros de Valença, 1970/85.

Estratos (hectare)	Anos							
	1970		1975		1980		1985	
	Estabele- cimento (Nº)	Área (Ha)	Estabele- cimento (Nº)	Área (Ha)	Estabele- cimento (Nº)	Área (Ha)	Estabele- cimento (Nº)	Área (Ha)
<	463	278	462	277	147	91	986	394
1	798	1062	719	846	741	943	1498	1901
2	2452	7490	1929	5673	3480	10867	5111	15480
5	1918	12546	2227	14477	3670	23332	4008	25040
10	2222	28056	2840	35016	3668	45583	3707	46110
20	2734	78538	3031	87665	3407	97805	3386	96483
50	1109	70968	1200	76313	1168	75446	1087	71066
100	385	48029	462	59804	442	57316	437	56959
200	181	53677	207	60202	247	71061	252	72285
500	35	21844	52	32875	41	28093	50	34883
1.000	9	11447	18	24151	24	34198	15	21044
2.000	4	11045	5	13269	9	26809	6	16092
5.000	2	15215	2	15100	1	9622	1	9822
10.000	-	-	-	-	-	-	-	-
100.000	-	-	-	-	-	-	-	-
>	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	12312	360195	13154	425668	17045	481166	20544	467559

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário da Bahia, 1970, 1975, 1980 e tabulações especiais para 1985.

TABELA H4 - Distribuição do número e área de estabelecimentos (em hectare) na MRH 156 - Litorânea do Extremo Sul da Bahia, 1970/85.

Estratos (hectares)	Anos							
	1970		1975		1980		1985	
	Estabele- cimento (Nº)	Área (Ha)	Estabele- cimento (Nº)	Área (Ha)	Estabele- cimento (Nº)	Área (Ha)	Estabele- cimento (Nº)	Área (Ha)
<								
1	25	17	14	8	217	100	276	135
2	181	255	46	58	241	310	279	379
5	255	816	258	819	567	2514	630	1917
10	388	2813	406	2715	836	5309	702	4714
20	869	11996	924	12405	1038	13927	1185	15845
50	2901	90796	2519	76894	1930	59459	2264	67978
100	2279	150407	1797	117468	1271	85412	1235	82155
200	1464	185262	1308	168935	909	119931	852	112767
500	709	204624	758	220402	617	188189	711	218808
1.000	185	119748	208	138446	187	124920	290	192200
2.000	64	83769	88	115374	106	143858	132	181431
5.000	32	82883	30	81428	39	112476	52	147756
10.000	6	39808	9	68440	7	47702	9	62517
>	1	12000	3	38645	4	54668	7	100815
TOTAL	9359	985194	8368	1042037	7969	958775	8624	1189417

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário da Bahia, 1970, 1975, 1980 e tabulação especiais para 1985.

TABELA H5 - Distribuição do número e área de estabelecimentos, em termos percentuais e índice (base: 1970=100) na MRH 154 - Cacaueira da Bahia, 1970/1985.

Estratos (hectare)	1970				1975				1980				1985			
	Estabelecimento		Área		Estabelecimento		Área		Estabelecimento		Área		Estabelecimento		Área	
	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100
<	1	100	0,01	100	0,38	58	0,00 ¹	65	1,28	249	0,01	201	2,01	463	0,01	222
1	2	100	0,04	100	2,00	87	0,04	85	3,98	219	0,10	215	5,23	342	0,14	333
2	5	100	0,36	100	7,65	99	0,38	97	14,28	233	0,87	229	15,43	299	1,06	287
5	10	100	1,01	100	9,87	100	1,06	97	13,62	175	1,79	168	14,57	222	2,21	213
10	20	100	4,39	100	18,39	86	4,03	85	17,63	104	4,72	101	18,63	130	5,73	127
20	50	100	31,47	100	31,75	95	15,93	95	26,12	99	16,16	99	23,95	107	17,00	107
50	100	100	16,27	100	15,85	91	17,22	91	12,39	90	16,87	91	11,26	98	17,55	98
100	200	100	7,58	100	8,31	103	17,89	104	6,14	96	16,28	96	5,22	97	16,07	98
200	500	100	3,87	100	4,40	107	20,76	107	3,37	103	19,39	102	2,78	102	18,95	103
500	1.000	100	0,92	100	0,99	102	10,27	101	0,85	110	11,11	112	0,67	104	10,17	105
1.000	2.000	100	0,28	100	0,34	115	7,11	115	0,26	112	7,03	116	0,17	85	5,32	91
2.000	5.000	100	0,10	100	0,07 ¹	63	2,90	68	0,07	79	3,96	95	0,07	104	5,07	125
5.000	10.000	100	0,01	100	0,00 ¹	33	0,54	38	0,01 ¹	67	0,99	71	0,01	67	0,72	53
10.000	> 100.000	100	0,01	100	0,00 ¹	50	1,87	24	0,00 ¹	50	0,72	10	-	-	-	-
TOTAL		100,00	100,00	100	100,00	94	100,00	93	100,00	119	100,00	94	100,00	141	100,00	97

FONTE: Tabela H2.

1 Valor inferior a 0,005.

TABELA H6 - Distribuição do número e área de estabelecimentos em termos percentuais e índice (base: 1970 = 100) na MPH 152 - Tabuleiro de Valença, 1970/1985.

Estratos (hectare)	1970				1975				1980				1985			
	Estabelecimento		Área		Estabelecimento		Área		Estabelecimento		Área		Estabelecimento		Área	
	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100
< 1	3,76	100	0,08	100	3,51	100	0,07	100	0,86	32	0,02	33	4,80	213	0,08	142
1	6,48	100	0,29	100	5,47	90	0,20	80	4,35	93	0,20	89	7,29	188	0,41	179
2	19,92	100	2,08	100	14,66	79	1,33	76	20,42	142	2,26	145	24,89	208	3,31	207
5	15,58	100	3,48	100	16,93	116	3,40	115	21,53	191	4,85	186	19,51	209	5,36	200
10	18,05	100	7,79	100	21,59	128	8,23	125	21,52	165	9,47	162	18,04	167	9,86	164
20	22,20	100	21,81	100	23,04	111	20,59	112	19,99	125	20,32	125	16,48	124	20,64	123
50	9,01	100	19,71	100	9,12	108	17,93	108	6,85	105	15,68	106	5,29	98	15,20	100
100	3,13	100	13,33	100	3,51	120	14,05	125	2,59	116	11,91	119	2,13	114	12,18	119
200	1,47	100	14,90	100	1,57	114	14,14	112	1,45	136	14,77	132	1,23	139	15,46	135
500	0,28	100	6,06	100	0,40	149	7,72	150	0,24	117	5,84	129	0,24	143	7,46	160
1.000	0,07	100	3,18	100	0,14	200	5,67	211	0,14	267	7,11	299	0,07	167	4,50	194
2.000	0,03	100	3,07	100	0,04	125	3,12	120	0,05	225	5,57	243	0,03 ¹	150	3,44	146
5.000	0,02	100	4,22	100	0,02	100	3,55	99	0,01	50	2,00	63	0,00 ¹	50	2,10	65
10.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
> 100.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	100,00	100	100,00	100	100,00	107	100,00	118	100,00	138	100,00	134	100,00	167	100,00	130

FONTE: Tabela H3.

1 Valor inferior a 0,005.

TABELA H7 - Distribuição do número e área de estabelecimentos em termos percentuais e índice (base: 1970 = 100) na MRH 156 - Litorânea do Extremo Sul da Bahia, 1970/1985.

Estratos (hectare)	1970				1975				1980				1985				
	Estabelecimento		Área		Estabelecimento		Área		Estabelecimento		Área		Estabelecimento		Área		
	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	
1	0,27	100	0,00 ¹	100	0,17	56	0,00 ¹	47	2,72	868	0,01	588	3,20	1104	0,01	794	
2	1,93	100	0,03	100	0,55	25	0,01	23	3,02	133	0,03	122	3,24	154	0,03	149	
5	2,72	100	0,08	100	3,08	101	0,08	100	7,12	222	0,26	308	7,31	247	0,16	235	
10	4,15	100	0,29	100	4,85	105	0,26	97	10,49	215	0,55	189	8,14	181	0,40	168	
20	9,29	100	1,22	100	11,04	106	1,19	103	13,03	119	1,45	116	13,74	136	1,33	132	
50	31,00	100	9,22	100	30,10	87	7,38	85	24,21	67	6,20	65	26,26	78	5,72	75	
100	24,35	100	15,27	100	21,47	79	11,27	78	15,95	56	8,91	57	14,32	54	6,91	55	
200	15,64	100	18,80	100	15,63	89	16,21	91	11,41	62	12,51	61	9,88	58	9,48	61	
500	7,58	100	20,77	100	9,06	107	21,15	108	7,74	87	19,64	92	8,24	100	18,39	107	
1.000	1,98	100	12,15	100	2,49	112	13,29	116	2,35	101	-13,03	104	3,36	157	16,16	161	
2.000	0,68	100	8,50	100	1,05	138	11,07	138	1,33	166	15,00	172	1,53	206	15,25	217	
5.000	0,34	100	8,41	100	0,36	94	7,81	98	0,49	122	11,73	136	0,60	164	12,42	178	
10.000	0,06	100	4,04	100	0,11	150	6,57	172	0,09	117	4,98	120	0,10	150	5,26	157	
100.000	0,01	100	1,22	100	0,04	300	3,71	322	0,05	400	5,70	456	0,08	700	8,48	840	
100.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	100,00	100	100,00	100	100,00	80	100,00	106	100,00	85	100,00	97	100,00	92	100,00	121	121

APÊNDICE I

Taxa de Crescimento do Estoque de Capital e Análise das
Variâncias e Médias nas Regiões Seleccionadas, 1970/80.

TABELA II - Taxa geométrica de crescimento do estoque de capital nas microrregiões selecionadas 1970/80.

Anos e MRRs	Discriminação	Terras	Prédios Residenciais e para Fins Sociais	Instalações e Outras Benfeitorias	Culturas Permanentes	Animais de Criação e Trabalho	Máquinas e Instrumentos Agrários	Veículos e Outros Meios de Transporte	Total
		(% ao ano)	(% ao ano)	(% ao ano)	(% ao ano)	(% ao ano)	(% ao ano)	(% ao ano)	(% ao ano)
1970/75									
	Cacaueira	19,09	14,66	25,81	18,41	18,13	20,09	17,15	18,69
	Tabuleiros	14,21	19,15	28,22	30,32	27,21	15,56	35,08	23,61
	Litorânea	41,14	20,72	20,17	17,00	21,55	48,08	26,07	33,21
1975/80									
	Cacaueira	16,31	19,02	-2,40	17,17	4,30	15,33	15,69	15,77
	Tabuleiros	16,79	19,34	6,52	14,57	2,93	14,20	19,13	14,99
	Litorânea	-0,17	4,54	4,44	19,86	3,84	32,96	37,47	2,99
1970/80									
	Cacaueira	17,69	16,82	10,81	17,79	11,00	17,69	16,42	17,22
	Tabuleiros	15,49	19,25	16,87	22,19	14,43	14,88	26,85	19,22
	Litorânea	18,70	12,34	12,03	18,42	12,34	40,32	31,65	17,13

FONTE: Tabela 16.

TABELA I2 - Variâncias e médias do estoque de capital nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos	Cacaueira		Tabuleiros		Estatísticas		Litorânea		Estatísticas	
	Variâncias	Médias	Variâncias	Médias	"F"	"Z"	Variâncias	Médias	"F"	"Z"
1970	5.589,0576	81	504,1821	37	11,0854 ¹	2,7151 ¹	355,1340	40	15,7379 ¹	2,5913 ¹
1975	161.604,0000	512	32.854,4626	289	4,9188 ²	2,2437 ²	25.608,9608	441	6,3104 ²	0,7311 ^{ns}
1980	37100.281,0000	9.173	8849.256,5530	4.995	4,1925 ²	2,6795 ¹	1045.207,7010	4.405	35,4956 ¹	3,9268 ¹

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário da Bahia, 1970, 1975 e 1980.

1 Significativo ao nível de 1% de probabilidade;

2 Significativo ao nível de 5% de probabilidade;

ns Não significativo.

APÊNDICE J

Composição das Despesas com a Produção Agropecuária.

Percentagens de Estabelecimentos Associados à Cooperativas
e com energia elétrica.

Número e Capacidade dos Depósitos para Grãos.

Condições dos Domicílios e Número de Cômodos, Percentagens
dos Domicílios com Instalação Sanitária, Abastecimentos
D'água e Bens Duráveis.

Índice de Mortalidade e de Analfabetismo nas
Microrregiões Seleccionadas, 1970/80.

TABELA J1 - Composição das despesas com a produção agropecuária em percentagens do total (%) nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Discriminação	Salários (%)	Quota Parte da Produção Entregue a Parceiros (%)	Arrendamentos de Terras (%)	Adubos e Corretivos (%)	Sementes e Mudas (%)	Defensivos Agrícolas (%)	Medicamentos para Animais (%)	Alimentação para Animais (%)	Serviços de Empreitada (%)	Juros e Despesas Bancárias (%)	Impostos e Taxas (%)	Outras Despesas (%)	TOTAL (%)
1970													
Cacaueira	44,60	0,37	0,39	6,30	0,67	1,38	0,78	0,84	17,74	2,37	12,07	12,49	100,00
Tabuleiros	46,68	0,24	1,01	4,16	0,90	2,18	1,94	0,78	20,21	1,54	5,92	14,44	100,00
Litorânea	29,20	0,85	0,83	1,97	1,47	3,86	2,99	3,60	16,92	2,29	3,27	32,75	100,00
1975													
Cacaueira	50,94	0,14	0,35	7,75	0,57	1,67	0,81	0,51	13,17	1,58	10,61	11,90	100,00
Tabuleiros	42,14	0,37	0,40	8,61	2,68	1,99	0,43	0,76	13,93	1,61	6,94	20,14	100,00
Litorânea	26,58	0,33	0,22	3,24	1,52	2,00	7,17	3,78	22,25	3,25	6,08	23,58	100,00
1980													
Cacaueira	54,71	0,62	0,42	9,11	0,34	3,07	0,74	0,32	11,53	2,31	4,54	12,29	100,00
Tabuleiros	42,32	2,31	0,33	10,43	1,19	2,18	0,32	0,48	18,86	3,11	4,50	14,15	100,00
Litorânea	31,30	0,36	0,86	8,36	2,43	3,47	4,25	3,09	14,62	2,71	4,12	24,43	100,00

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário da Bahia, Fundação IBGE, 1970, 1975 e 1980.

TABELA J2 - Percentagens de estabelecimentos associados à cooperativas e com energia elétrica nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHS	Discriminação	Percentagem de Estabelecimentos Associados à Cooperativas			Energia Elétrica Consumida		
		Comercialização	Crédito 'Outro' ¹	Total	% de Estabelecimentos	Mil KWH	Índice Base: 1970=100
1970							
	Cacaueira	3,49	2,53	6,30	0,87	1.004	100,00
	Tabuleiros	0,13	0,07	0,22	0,27	253	100,00
	Litorânea	0,33	0,04	0,49	0,25	239	100,00
1975							
	Cacaueira	4,29	3,01	7,73	3,80	4.336	431,87
	Tabuleiros	0,18	0,55	0,78	1,44	2.042	807,11
	Litorânea	0,25	0,41	1,86	0,55	510	213,39
1980							
	Cacaueira	18,89	3,46	22,55	5,75	13.384	1.333,07
	Tabuleiros	3,47	0,34	3,86	1,61	2.884	1.139,92
	Litorânea	6,48	1,56	8,57	2,53	1.566	655,23

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário da Bahia, 1970, 1975, 1980.

1 Consumo e eletrificação.

TABELA J3 - Número e capacidade dos depósitos para grãos nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHs	Discriminação	Depósitos para Grãos		Índice Base: 1970=100	
		Nº	Capacidade M ³	Nº	M ³
1970					
	Cacaueira	5.876	489.104	100,00	100,00
	Tabuleiros	684	42.228	100,00	100,00
	Litorânea	226	18.747	100,00	100,00
1975					
	Cacaueira	5.955	622.868	101,34	127,35
	Tabuleiros	938	88.046	137,13	208,50
	Litorânea	151	27.987	66,81	149,29
1980					
	Cacaueira	8.864	763.059	150,85	156,01
	Tabuleiros	972	78.895	142,11	186,83
	Litorânea	577	85.659	255,31	456,92

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário da Bahia, 1970, 1975, 1980, tabulações especiais para 1985.

TABELA J4 - Condição dos domicílios e número de cômodos nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHs	Discriminação	Condição dos Domicílios						Total de Domicílios	Índice 1970=100	x ²	Cômodos		
		Duráveis		Rústicos		Improvizados					Servindo de Dormitórios (%)	Cômodos por Domicílios	Morador por Cômodo
		(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100						
1970													
	Cacaueira	63,03	100,00	36,94	100,00	0,03	100,00	100,00		44,05	4,65	1,10	
	Tabuleiros	51,90	100,00	48,02	100,00	0,08	100,00	100,00	2,5341 ^{ns}	42,21	4,69	1,09	
	Litorânea	39,32	100,00	60,65	100,00	0,03	100,00	100,00	11,2516 ¹	45,33	4,72	1,20	
1975*													
	Cacaueira	72,86	117,18	27,11	73,39	0,03	100,00	114,17		43,23	4,80	1,07	
	Tabuleiros	55,53	106,99	44,29	92,23	0,18	225,00	119,20	6,5647 ²	42,44	4,78	1,05	
	Litorânea	56,00	142,42	43,87	72,33	0,13	433,33	112,75	6,2259 ²	44,14	5,11	1,12	
1980													
	Cacaueira	80,39	127,54	18,99	51,41	0,62	2066,67	136,57		42,43	4,72	1,04	
	Tabuleiros	59,01	113,70	40,58	84,51	0,41	512,50	143,05	11,1420 ¹	42,67	4,83	1,01	
	Litorânea	71,21	181,10	28,33	46,71	0,46	1533,33	142,37	2,4231 ^{ns}	42,98	4,95	1,05	

FONTE: FIBGE - Censo Demográfico da Bahia, 1970 e 1980.

* Valor estimado;

1 Significativo ao nível de 1% de probabilidade;

2 Significativo ao nível de 5% de probabilidade;

ns Não significativo.

TABELA J5 - Condição dos domicílios nas microrregiões selecionadas, 1980.

Discriminação	MRHS		
	Cacaueira (%)	Tabuleiros (%)	Litorânea (%)
Domicílios Urbanos	53,48	33,30	14,97
Duráveis	87,04	80,31	86,40
Rústicos	12,26	19,36	13,00
Improvisados	0,70	0,33	0,60
Domicílios Rurais	46,52	66,70	85,03
Duráveis	72,76	48,39	68,54
Rústicos	26,72	51,17	31,03
Improvisados	0,52	0,44	0,43
χ^2		8,2894 ²	32,9603 ¹

FONTE: FIBGE - Censo Demográfico da Bahia, 1970 e 1980.

- 1 Significativo ao nível de 1% de probabilidade;
 2 Significativo ao nível de 2% de probabilidade.

TABELA J6 - Percentagem dos domicílios com instalação sanitária nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Discriminação	Domicílios												Total	x ²	
	Rede Geral			Fossa Séptica			Fossa Rudimentar			Outros					
	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100			
1970															
Cacaueira	4,66	100,00	2,59	100,00	18,61	100,00	6,61	100,00	32,47	100,00	100,00	100,00	100,00		
Tabuleiros	3,32	100,00	0,75	100,00	6,57	100,00	1,75	100,00	12,39	100,00	100,00	100,00	100,00	1,0472 ^{ns}	
Litorânea	-	-	0,47	100,00	12,16	100,00	5,32	100,00	17,95	100,00	100,00	100,00	100,00	3,7512 ^{ns}	
1975 ²															
Cacaueira	7,40	185,64	5,64	254,38	17,74	111,38	7,41	131,14	38,19	137,47	137,47	137,47	137,47	2,2757 ^{ns}	
Tabuleiros	6,25	225,06	2,02	320,10	6,28	114,29	1,85	126,37	16,40	158,17	158,17	158,17	158,17	9,4425 ²	
Litorânea	-	-	1,62	414,09	22,15	217,31	5,29	118,83	29,06	193,27	193,27	193,27	193,27		
1980															
Cacaueira	11,75	344,60	12,29	647,14	16,90	124,06	8,32	171,98	49,26	207,21	207,21	207,21	207,21	4,4335 ^{ns}	
Tabuleiros	11,76	506,68	5,40	1024,02	6,00	130,60	1,96	159,70	25,12	289,74	289,74	289,74	289,74	24,4607 ¹	
Litorânea	-	-	5,64	1717,45	40,34	472,21	5,27	141,26	51,25	406,63	406,63	406,63	406,63		

FONTE: FIBGE - Censo Demográfico da Bahia, 1970 e 1980.

* Valor estimado;

1 Significativo ao nível de 1% de probabilidade;

2 Significativo ao nível de 2,5% de probabilidade;

ns Não significativo.

TABELA J7 - Percentagem dos domicílios com abastecimento d'água nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHS	Discriminação	Domicílios						Total	Índice Base: 1970=100	Índice Base: 1970=100	x ²
		Rede Geral		Poço/Nascente		Total					
		(%)	Índice Base: 1970=100	(%)	Índice Base: 1970=100	(%)	Índice Base: 1970=100				
1970											
	Cacaueira	10,04	100,00	10,27	100,00	20,31	100,00		100,00	0,1060 ^{ns}	
	Tabuleiros	6,43	100,00	5,37	100,00	11,80	100,00		100,00	5,1121 ²	
	Litorânea	0,70	100,00	9,04	100,00	9,74	100,00		100,00		
1975*											
	Cacaueira	19,74	191,61	18,20	177,22	37,94	187,08		187,08	2,6580 ^{ns}	
	Tabuleiros	12,34	191,91	15,31	285,10	27,65	234,32		234,32	13,4473 ¹	
	Litorânea	4,70	671,43	21,96	242,92	26,66	273,72		273,72		
1980											
	Cacaueira	38,82	386,65	32,26	314,12	71,08	349,97		349,97	5,2659 ²	
	Tabuleiros	23,70	368,58	43,64	812,66	67,34	570,68		570,68	4,7087 ³	
	Litorânea	31,70	4528,57	53,37	590,38	85,07	1873,41		1873,41		

FONTE: FIBGE - Censo Demográfico da Bahia, 1970 e 1980.

* Valor estimado a partir dos dados de 1970 e 1980;

1 Significativo ao nível de 1% de probabilidade;

2 Significativo ao nível de 2,5% de probabilidade;

3 Significativo ao nível de 4% de probabilidade;

ns Não significativo.

TABELA J8 - Percentagem dos domicílios com bens duráveis nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Discriminação Anos e MRHS	Domicílios (%)												χ^2	
	Telefone		Rádio		Geladeira		Televisão		Automóvel					
	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100	(%)	Índice 1970=100				
1970														
Cacaueira	-	-	42,83	100,00	10,65	100,00	5,96	100,00	3,37	100,00			1,2412	
Tabuleiros	-	-	30,51	100,00	4,74	100,00	2,83	100,00	1,05	100,00			6,0682	
Litorânea	-	-	22,88	100,00	2,32	100,00	0,72	100,00	1,41	100,00				
1975														
Cacaueira	-	-	51,30	119,78	17,27	162,16	13,84	232,21	4,95	146,88			2,2894	
Tabuleiros	-	-	43,92	143,95	9,00	189,87	7,69	271,73	1,83	174,29			3,3428	
Litorânea	-	-	34,25	149,69	6,31	271,98	3,50	486,11	2,51	178,01				
1980														
Cacaueira	5,64	-	61,43	143,43	28,01	263,00	32,12	538,93	7,26	215,43			4,1277	
Tabuleiros	1,51	-	63,23	207,24	17,08	360,34	20,88	737,81	3,19	303,81			1,9450	
Litorânea	1,73	-	51,26	224,04	17,17	740,09	17,08	2372,22	4,47	317,02				

FONTE: FIBGE - Censo Demográfico da Bahia, 1970 e 1980.

* Valor estimado;

1 Não significativo.

TABELA J9 - Índice de mortalidade e analfabetismo nas microrregiões selecionadas, 1970/80.

Anos e MRHS	Índice de Mortalidade (%)	Índice de Analfabetismo						
		0 - 10 anos		10 - +		Total		
		Índice 1970=100 (%)	Índice 1970=100 (%)	Índice 1970=100 (%)	Índice 1970=100 (%)			
1970								
Cacaueira	30,48	100,00	45,72	100,00	31,52	100,00	34,11	100,00
Tabuleiros	28,94	100,00	60,94	100,00	48,20	100,00	50,61	100,00
Litorânea	26,52	100,00	73,88	100,00	70,69	100,00	71,34	100,00
1975*								
Cacaueira	28,30	92,85	59,33	129,77	37,92	120,30	43,12	126,41
Tabuleiros	25,65	88,63	73,10	119,95	53,11	110,19	56,81	112,25
Litorânea	25,60	96,53	81,12	109,80	62,16	87,93	65,92	92,40
1980								
Cacaueira	26,05	85,47	76,98	168,37	45,62	144,73	54,52	159,84
Tabuleiros	22,21	76,74	87,68	143,88	58,52	121,41	63,76	125,98
Litorânea	24,67	93,02	89,08	120,57	54,66	77,32	60,92	85,39

FONTE: FIBGE - Censo Demográfico da Bahia, 1970 e 1980.

* Valor estimado.

APÊNDICE L

Rendimento Médio Mensal Pessoal em Números Absolutos,
Relativos e Acumulados. Índice de Concentração da
Renda nas Regiões Seleccionadas, 1980.

TABELA L1 - Rendimento médio mensal pessoal em números absolutos (A), relativos (%) e acumulado por estratos (em salário mínimo) nas microrregiões selecionadas, 1980.

Estratos em SH	MRHs	Cacaueira		Tabuleiros		Litorânea	
		(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)
—	1/4	11.101	3,91	2.507	3,73	3.842	5,46
1/4	1/2	41.036	14,45	10.536	15,66	9.387	13,34
1/2	1	114.074	40,19	25.913	38,50	23.517	33,44
1	1 1/2	44.525	15,68	12.507	18,59	15.226	21,64
1 1/2	2	20.998	7,40	5.750	8,55	5.621	7,99
2	3	21.269	7,49	4.795	7,13	5.491	7,80
3	5	15.284	5,38	3.228	4,80	3.958	5,62
5	10	8.810	3,10	1.307	1,94	1.987	2,82
10	20	4.381	1,54	555	0,82	764	1,09
20	+	2.450	0,86	187	0,28	562	0,80
TOTAL		283.928	100,00	67.285	100,00	70.355	100,00

FONTE: FIBGE - Censo Demográfico da Bahia, 1980.

$\chi^2 = 1,2468$ (MRH 154/MRH 152);

$\chi^2 = 2,0001$ (MRH 154/MRH 156).

TABELA L2 - Índice de concentração da renda¹ nas microrregiões selecionadas, 1980.

MRHs	Índice de Gini	
	GF	G
Cacaueira	0,54	0,56
Tabuleiros	0,48	0,50
Litorânea	0,52	0,54

FONTE: Tabela L1.

1 Calculado através do Índice de Gini.

